

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

Mobilizações sociais e novas formas de  
sociabilidade na Internet

Uma análise no ciclo de protestos português

**ROGÉRIO SILVA-JUNIOR**

Belo Horizonte

2014

ROGÉRIO SILVA-JUNIOR

# Mobilização social e novas formas de sociabilidade na Internet

Uma análise no ciclo de protestos portugueses

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia, pela UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Orientadora: Ana Marcela Ardila Pinto

Belo Horizonte

2014



Departamento de Sociologia  
e Antropologia - UFMG

**Programa de Pós-Graduação em Sociologia**

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE**

**ROGÉRIO DA SILVA JUNIOR**

Aos 27 (Vinte e sete) dias do mês de fevereiro de 2014 (dois mil e quatorze) reuniu-se a banca examinadora da dissertação de mestrado, intitulada "**Mobilização social e novas formas de sociabilidade na internet**". A banca foi composta pelos professores doutores **Ana Marcela Ardila Pinto** (Orientador) - SOA-UFMG, **Francisco Coelho dos Santos** (SOA-UFMG); e **Cristina Petersen Cypriano** (Fumec/IEC PUC Minas). Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da banca examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação ( )

Aprovação com recomendações ☒

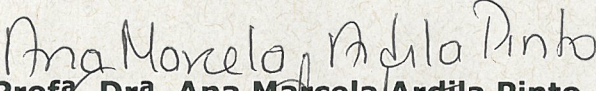
Reprovação ( )

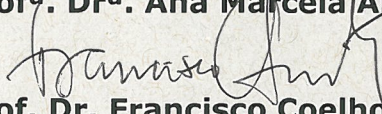
da dissertação.

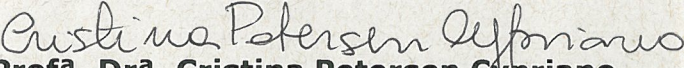
Para constar foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2014.

**Banca Examinadora:**

  
**Profª. Drª. Ana Marcela Ardila Pinto**

  
**Prof. Dr. Francisco Coelho dos Santos**

  
**Profª. Drª. Cristina Petersen Cypriano**

## **Agradecimentos**

Agradeço a Ana Marcela Ardila Pinto, primeiro uma amiga, depois minha orientadora, que aceitou enfrentar esse desafio em meio tantas adversidades e que dosou tão bem a liberdade concedida com os puxões de orelha. Agradeço sua confiança. Agradeço sua confiança, sua atenção, seu cuidado, seu carinho e sua lealdade.

Agradeço a Francisco Coelho dos Santos, o qual seguiu comigo no início deste percurso e cujos ensinamentos foram valiosos, além disso, coordenador do Laboratório de Investigação em Culturas de Rede – LINK, grupo de pesquisa que muito estimo. Agradeço ainda aos vários colegas que por ali passaram no período em que lá estive. Agradeço especialmente a Bruno Lucas Saliba de Paula, Cristina Petersen Cypriano, Ana Luisa Gallo da Franca, Priscila Joyce de Souza Oliveira, Gleison Barreto Salin, Victor Alves Fernandes. Foi naquelas discussões e trocas de idéias que esse projeto germinou.

Agradeço ao Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES-IUL pela recepção para realização de parte dos meus estudos naquela instituição assim como aos colegas com os quais lá estive e que tanto me ajudaram. Em especial agradeço a Inês Conceição Farinha Pereira pela calorosa acolhida e valiosa orientação ao longo do meu estágio, sem os quais a realização desse trabalho não teria sido de modo nenhum possível.

Agradeço ainda aos professores Yuri Castelfranchi e Marcos Abílio Pereira pelas dicas, sugestões e apontamentos dados direta – na da qualificação – e indiretamente – em aulas e conversas.

Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG – pelo auxílio financeiro que tornou possível a realização dessa empreitada.

Agradeço a Antonia Isabel Macedo, a Márcia Rocha Alves Jesus, a Ludmila Eliza R. A. M. Fonseca e a Roberth Macedo Silva pelo carinho e amor dedicados a mim ao longo de cada empreitada, cada vez mais intensas. Sem o suporte deles, toda caminhada seria sem graça, sem brilho e muito mais árdua, se não inexistente. À Ludmila Eliza R. A. M. Fonseca agradeço ainda pela magnífica revisão do texto feita sempre com tanta delicadeza e cuidado.

Agradeço ainda a Rogério Silva, a Angela Maria Silva, a Thais Maia, a Thiago Alves, a Mateus Coelho, amigos e familiares, que dão sentido à vida.

## **Resumo**

O presente trabalho é uma investigação dos repertórios de mobilização social utilizados por indivíduos que interagem através da mídia social Facebook no contexto político português, orientados por motivos políticos e por discussão dos assuntos públicos e da ordem do Estado. Nossa hipótese principal é de que a mobilização estaria associada aos afetos e às percepções construídas pela sociabilidade. Foram utilizados três tipos de dados: 1) as publicações no Facebook de perfis e páginas de coletivos políticos; 2) a observação de perfis ao longo da rede social Facebook; 3) a experiência obtida nas manifestações, as conversas e as convivências que tivemos. Para análise foi empregada a integração de técnicas quantitativas descritivas e técnicas qualitativas de análise documental. Dentre os achados desse trabalho, descobrimos que a sociabilidade, abordada por meio do conceito simmeliano, é estimulada pelas próprias características das ferramentas de Internet e pela dinâmica de utilização destas. A sociabilidade contribui ainda na criação de relações de confiança, que aumentam o impacto das mensagens transmitidas e ajuda na criação de comunidades e relações que aumentam o espectro de relações e a densidade das redes.

**Palavras chave:** Sociabilidade, Mobilização Social, Internet, Ciberativismo, Comunidades Virtuais.

## **Abstract**

The present work is an investigation of the repertoires of social mobilization used by individuals interacting on social media Facebook in Portuguese political framework, targeted for political reasons and discussion of public affairs and policy of the State. Our main hypothesis is that the mobilization would be associated with the affections and perceptions built by sociability. Three types of data were used: 1) publications in Facebook profiles and pages of collective political; 2) the observation of profiles along the social network Facebook; and 3) experience in manifestation, talks and cohabitation. The integration of descriptive quantitative techniques and qualitative techniques of document analysis was used for analysis. Among the findings of this study, we discovered that sociability, addressed through Simmel's concept, is spurred by the characteristics of Internet tools and its using dynamics. Sociability also contributes in creating trustful relationships that increase the impact of transmitted messages and helps in creating communities and relationships that increase the spectrum of relations and density of networks.

**Keywords:** Sociability, Social Mobilization, Internet, cyber-activism, Virtual Communities.

### **Nota sobre o nome**

Rogério da Silva Junior é meu nome de registro, com o qual estou matriculado na UFMG. No entanto, meus trabalhos acadêmicos são assinados como Rogério Silva-Junior, forma das citações bibliográficas, inclusive no presente trabalho.

## **Lista de Tabelas**

|                                                                                |    |
|--------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 - Postagens em 08/2013 e número de curtis das páginas em 10/2013..... | 35 |
| Tabela 2 - As descrições de si apresentadas pelas páginas .....                | 38 |
| Tabela 3- Número de postagem pelo tipo de grupo.....                           | 45 |
| Tabela 4 - Divisão dos assuntos em estrutura e conjuntura .....                | 52 |
| Tabela 5 - Frequência do tipo de mensagens .....                               | 85 |

## Lista de Figuras

|                                                                                 |    |
|---------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Exemplo de página de mobilização e página pessoal .....              | 33 |
| Figura 2 - Mensagens de mobilização publicadas por "Tugaleaks" em 08/2013 ..... | 51 |
| Figura 3 - Postagem na página "Job for the Boys" em 08/2013 .....               | 63 |
| Figura 4 - Postagem na página "Tugaleaks" em 08/2013 .....                      | 64 |
| Figura 5 - Conversa na linha do tempo de Miguel .....                           | 67 |
| Figura 6 - Conversa na linha do tempo de Danny .....                            | 69 |
| Figura 7 - Postagem na página "Tugaleaks" em 08/2013 .....                      | 82 |
| Figura 8 - Postagem na página "Tugaleaks" em 08/2013 .....                      | 83 |
| Figura 9 - Postagem na página "Job for the Boys" em 08/2013 .....               | 84 |
| Figura 10 - Postagem na página "Tugaleaks" em 08/2013 .....                     | 86 |
| Figura 11 - Postagem na página "Tugaleaks" em 08/2013 .....                     | 86 |

## **Lista de Gráficos**

|                                                                                      |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 - Comparação entre o percentual de postagens e de curtis das páginas ..... | 35 |
| Gráfico 2 - Média de comentários por página .....                                    | 41 |
| Gráfico 3 - Percentual de mensagens por assunto .....                                | 46 |
| Gráfico 4 - Média de comentários por página .....                                    | 53 |

# Sumário

|                                                                                                           |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                                                                           | 12 |
| 1. Mobilização .....                                                                                      | 22 |
| 1.1. Discussão teórica .....                                                                              | 23 |
| 1.1.1. Teoria da Mobilização de Recursos e suas derivações.....                                           | 23 |
| 1.1.2. Mobilização na Internet .....                                                                      | 27 |
| 1.1.3. Definição dos Indicadores e operacionalização .....                                                | 29 |
| 1.2. Dados e Discussão .....                                                                              | 34 |
| 1.2.1. As páginas do Facebook, uma análise do espaço para sociabilidade .....                             | 34 |
| 1.2.2. As mensagens .....                                                                                 | 46 |
| 1.2.3. Os repertórios .....                                                                               | 54 |
| 2. Sociabilidade .....                                                                                    | 55 |
| 2.1. Discussão teórica .....                                                                              | 56 |
| 2.1.1. Abordagens da sociabilidade.....                                                                   | 56 |
| 2.1.2. Sociabilidade na Internet: as “comunidades virtuais” .....                                         | 58 |
| 2.1.3. Algumas definições e indicadores para a análise da sociabilidade .....                             | 60 |
| 2.2. Dados e discussão .....                                                                              | 61 |
| 2.2.1. As dinâmicas da conversação: uma análise da sociabilidade através dos comentários no Facebook..... | 61 |
| 2.2.2. A sociabilidade e os indivíduos através das páginas pessoais .....                                 | 66 |
| 3. A sociabilidade simmeliana e suas relações com a mobilização.....                                      | 71 |
| 3.1. Discussão teórica .....                                                                              | 72 |
| 3.1.1. A definição de sociabilidade de Simmel.....                                                        | 72 |
| 3.1.2. Dinâmicas de rede.....                                                                             | 73 |
| 3.1.3. Potencialidades do encontro entre sociabilidade e mobilização.....                                 | 76 |
| 3.1.4. Definição dos indicadores utilizados .....                                                         | 78 |

|                                                                                                                 |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.2. Dados e Discussão .....                                                                                    | 79  |
| 3.2.1. O tipo de laço .....                                                                                     | 79  |
| 3.2.2. O tipo de assunto .....                                                                                  | 81  |
| 3.2.3. O uso da mobilização como matéria de sociabilidade e da sociabilidade como recurso para mobilização..... | 87  |
| Conclusão e algumas suspeitas.....                                                                              | 90  |
| Primeira sugestão – O pré-individual .....                                                                      | 93  |
| Segunda sugestão – A guerrilha .....                                                                            | 96  |
| Terceira sugestão – As multidões.....                                                                           | 98  |
| Quarta sugestão – O sujeito .....                                                                               | 101 |
| Referências Bibliográficas .....                                                                                | 104 |

# Introdução

“Que tipo de cidade teremos quando as pessoas estiverem  
interconectadas, unidas por desejo, não ideologias?”

Fragmentos de uma revolução

Nos últimos anos viu-se eclodir uma diversidade de manifestações transnacionais que utilizaram a Internet como ferramenta fundamental na arregimentação de pessoas e na organização de suas ações. Como apresenta Carneiro, em 2011, houve “uma eclosão simultânea e contagiosa de movimentos sociais de protesto com reivindicações peculiares em cada região, mas com formas de luta muito assemelhadas e consciência de solidariedade mútua” (2012: 7). Ao longo desse período, a onda de protestos ampliou ainda mais suas dimensões geográficas e, em 2013, atingiu regiões que atravessavam sem maiores impactos a crise financeira e não sofriam com instabilidades em seus sistemas democráticos. Nos vários movimentos houve “uma mesma forma de ação: ocupações de praças, uso de redes de comunicação alternativas e articulações políticas que recusavam o espaço institucional tradicional” (*ibidem*: 8).

Trata-se de uma série de manifestações e protestos civis, pacíficos, em geral, constituídos por pessoas heterogêneas, mas principalmente jovens, afastados de partidos políticos e com diversidade de reivindicações (Žižek, 2012). Essas manifestações também se caracterizaram por serem convocadas pela Internet e reivindicarem uma mudança na política e na sociedade, além de manterem-se sem uma liderança representativa e sem uma unidade orgânica (Cabral, 2011). O movimento surgiu no bojo da crise de 2008, que afetou profundamente as economias europeias e recebeu inspiração de outras manifestações que ocorreram naquele período, como na Islândia e na Tunísia (Castells, 2012). Como Carneiro (2012) definiu, este movimento foi

uma onda de catarse política protagonizada especialmente pela nova geração, que sentiu esse processo como um despertar coletivo propagado não só pela mídia tradicional da TV ou rádio, mas por uma difusão nova, nas redes sociais da internet, em particular o Twitter, tomando uma forma de disseminação viral, um boca a boca eletrônico com mensagens replicadas a milhares de outros emissores (*ibidem*, 2012: 9).

Grande parte dos teóricos destaca como causas do movimento os sistemas político e econômico atuais. Tortosa (2011) aponta que o problema está na lógica do sistema. David Harvey (2012), por sua vez, indica que se trata de uma questão da tomada da política pelo capitalismo financeiro e que esses movimentos são a oposição aos ricos, já que a luta importante é a luta contra o capitalismo. Safatle (2012) mostra como a democracia atual representa um limbo entre a tirania e a democracia ideal.

Nesse limbo, em que não se quer o que existe, negando-o, mas ainda não se sabe o que colocar no lugar, a grande preocupação de parte desses autores é que algo deve ser proposto e que os mobilizados devem pensar nisso e não se extasiarem pelo momento. Outros autores, apesar de frisarem o momento de transição, afirmam que se deve ter calma, pois o novo ainda está por nascer (Chomski, 2011). Sandoval (2012) pontua também a falta de perspectiva da juventude, como força motriz do movimento. Nesse sentido, parece que vivenciamos um ciclo de protestos, ou ciclo de ação coletiva, assim como definiu Tarrow (1994): rápida difusão da ação coletiva e mobilização com os movimentos sociais existentes, criando oportunidades políticas para que outros ajam e participem; inovação nas formas de contenção; criação ou grande mudança nos quadros de ação, nos discursos e nos quadros interpretativos; coexistência de ativistas organizados e não organizados; maior interação entre os desafiantes e as autoridades.

Contudo, a perspectiva das mobilizações via Internet, seu funcionamento e suas possibilidades, ainda carece de ser mais explorada. A literatura concernente à importância da mobilização por meio da Internet neste movimento ainda é escassa, e é a esta reflexão que este projeto propõe-se.

Castells (2012) argumenta que, para além das condições de injustiça social, para que haja o protesto também é necessária uma mobilização emocional capaz de transformar o desespero em raiva e a revolta em entusiasmo e de criar espaços de comunhão e de reconhecimento coletivo. Para ele, a aliança entre espaços públicos como ruas, praças, edifícios simbólicos e espaços virtuais como redes sociais e fóruns participativos fez surgir um “espaço público híbrido”, o que seria uma das principais novidades dos indignados, isto é, a criação de espaços de sociabilidade diametralmente opostos a qualquer lógica das organizações ou de representação.

A presente investigação também caminha nessa direção, mas procura cercar uma hipótese. A pedra fundamental que nos moveu em direção a este trabalho foi, primeiramente, a inquietação com o funcionamento da mobilização social na Internet: como é possível o agenciamento de imenso número de pessoas em torno de ações e práticas através desses dispositivos de comunicação. E, em segundo lugar, a suspeita de que essa mobilização estaria associada aos afetos e às percepções construídas por meio da sociabilidade. Utilizamos aqui principalmente a definição de sociabilidade utilizada por Simmel (1983b), para o qual a sociabilidade refere-se ao estar ludicamente em sociedade, sem propósitos objetivos, sem conteúdo e sem resultados exteriores. Seu alvo não é nada mais além do sucesso do momento sociável e da lembrança dele. Dada

essa suspeita, o eixo central pelo qual se desenvolve este trabalho é a hipótese de que a sociabilidade é um fator importante para compreender as mobilizações sociais na Internet.

Desdobramos essa hipótese inicial em duas hipóteses derivadas: 1) a relação entre mobilização social e sociabilidade se daria por intermédio do tipo de laço que os partícipes desenvolvem, de modo que as ligações desenvolvidas por indivíduos serviriam tanto para o desfrute da sociabilidade quanto para o objetivo de mobilizar; 2) a relação entre mobilização social e sociabilidade se daria por intermédio do espectro de assuntos abordados pelos participantes, que variariam de modo a abranger tanto o apelo intencional da mobilização, quanto a evanescência da importância dos assuntos, abrindo, assim, espaço para relações o desfrute da relação social. Deste modo, confirmando-se as duas hipóteses, poderíamos perceber, por um lado, o uso da mobilização como uma matéria para a sociabilidade e, por outro lado, a sociabilidade como um recurso para a mobilização.

Seria demasiadamente ambicioso, contudo, acreditar ser possível na dimensão de um processo de mestrado abranger este problema em toda sua extensão. Desta maneira, procedemos a uma série de recortes de ordem teórica e metodológica de modo a garantir uma operacionalização do trabalho.

Os primeiros recortes deram-se no âmbito teórico. Restringimos primeiramente as mobilizações ao âmbito político; e, ainda mais particularmente, àquelas associadas a movimentos sociais, excluindo, desta maneira, as mobilizações organizadas por instituições políticas formais (ainda este recorte, em movimentos sociais, acarreta algumas dificuldades que serão mais bem trabalhadas adiante). Restava-nos, portanto, compreender o que constituía a mobilização ocorrida através da Internet e capaz de eclodir em acontecimentos absolutamente intrigantes. De modo ainda mais específico, formulamos as seguintes perguntas: Como acontece o processo de mobilização na Internet? Quais são as engrenagens que fazem as mobilizações funcionarem? Como a mobilização social se engendra com a sociabilidade na Internet?

Diante destas primeiras definições, nosso olhar tornou para aquilo que era incandescente no momento: as manifestações que ocorreram durante o ano de 2011, como por exemplo na primavera Árabe, nos países do sul da Europa e nos Estados Unidos e ainda em alguns outros países do mundo. Em contextos tão diferentes, o que ligaria esses diversos movimentos? Se, no mundo árabe, se clamava por democracia, na Europa o problema central localizava-se nas medidas de austeridade, nos Estados

Unidos na falta de regulação do mercado financeiro que acarretou a crise econômica, no Chile no financiamento à educação, etc. Além destas pautas tomadas como centrais, a multiplicidade de reivindicações formava um vórtice alucinante. Apesar dessa fragmentação de causas e motivações, um consenso que se estabeleceu era de que as Tecnologias de Informação e Comunicação estiveram presentes e haviam desempenhado um papel importante em todas essas mobilizações, assim como já haviam desempenhado papel importante em eventos anteriores, em que foram ferramentas fundamentais na reunião de pessoas e na organização de suas ações. Por isso a certeza de que era para ali que deveríamos seguir.

Os próximos recortes foram estabelecidos pelas demandas metodológicas de operacionalização a partir da imersão no objeto e o acompanhamento das suas próprias demandas. Dentro deste universo, optou-se por trabalhar com o sul da Europa e não com as outras regiões do globo. Essa escolha deu-se por uma série de aspectos: o primeiro deles é que a Europa entrou em um “ciclo de protestos” e as condições políticas e econômicas não indicavam mudança no curtíssimo prazo, o que nos dava sinais de que o borbulhar de protestos e manifestações nos ofereceriam maiores oportunidades de visualizarmos ângulos e silhuetas diversas. Segundo, pareceu-nos que ali na Europa existia um estofo de práticas “antiglobalização” que nos dariam uma multiplicidade de elementos, em termos de organização local, de abrangência ou de ressonância global. Em seguida, se esta primeira escolha se deu buscando o máximo de diversidade, pelo contingenciamento de tempo e fôlego de uma dissertação, teríamos de recortar de forma a encontrar um universo em miniatura, uma unidade menor que nos possibilitasse operar.

Decidiu-se por focar em apenas uma unidade política: Portugal. Ainda que se trate de movimentos na Internet e, portanto, em rede, considerou-se que as fronteiras geográficas ainda apresentam características que justificariam sua utilização no presente trabalho, como a questão da soberania do Estado que circunscreve um programa de ação sobre determinada extensão territorial, assim como o compartilhamento de certa bagagem cultural e lingüística, de problemáticas econômicas, de pertencimento etc. Além disso, Portugal proporciona-nos uma familiaridade cultural e linguística que facilita a compreensão de sua realidade, bem como um distanciamento que incita à compreensão, e, por isso, apresentou-se como uma boa unidade de amostra.

A trajetória do ciclo de protestos português foi relatada por Soeiro (2013), que traça um histórico das atuais manifestações em Portugal desde sua eclosão em 12 de

março de 2011. Acompanharemos seu panorama histórico para descrever o ciclo de protestos que teve como pontos altos as marcantes datas de 15 de outubro de 2011 (“Dia de Ação Global”), a greve geral de 24 de novembro de 2011 (organizada conjuntamente pela CGTP e pela UGT), a “Primavera Global” de 12 de maio de 2012, o 15 de setembro de 2012 (“Que se Lixe a Troika”), o 13 de outubro de 2012 (manifestações culturais do “Que se Lixe a Troika”) e a greve geral com dimensão europeia de 14 de novembro de 2012.

Em 12 de março de 2011, ocorreu uma enorme manifestação convocada por quatro jovens, que criaram o evento no Facebook. Houve, na ocasião, a convergência de diversos setores da sociedade. A “juventude atingida pela precarização, as gerações mais velhas também precárias ou solidárias, organizações sociais (feministas, LGBT, entre outros), setores organizados da esquerda anticapitalista (como o Bloco de Esquerda), alguns setores da direita (como a JSD), e (...) o líder à época da maior central sindical portuguesa (CGTP), Carvalho da Silva, e até alguns elementos de extrema-direita” (*ibidem*: 8). Para Soeiro, essa amplitude não indica que a manifestação não tivesse contornos definidos e organizados, mas, sim, que os organizadores investiram nesse sentido, ao orientar que se tratava de “uma manifestação democrática, ‘laica, apartidária e pacífica’, centrada em torno da exigência de maior transparência e de respostas contra o desemprego e a precariedade da juventude” (*apud ibidem*: 9). Contudo, para o autor, a fluidez programática foi para a manifestação força e fraqueza, uma vez que suas consequências ficam dependentes da reação dos agentes institucionais e da reorganização das relações de força no campo político.

Essa manifestação serviu de inspiração para outras que ocorreriam na Espanha em maio de 2011, por meio de uma convocatória do Democracia Real Ya!, e que resultou nas famosas Acampadas (Acampamento de manifestantes na praça do Sol, em Madrid, e em várias cidades da Espanha) <sup>1</sup>.. Tentou-se replicar o fenômeno das Acampadas em Portugal, mas sem muito sucesso.

Em 15 de outubro aconteceu outra grande manifestação em Portugal, beneficiando-se, em alguma medida, da convocação internacional pela mudança global ou “*Global Day of Action*”, cuja data coincidia com os cinco meses da primeira

---

<sup>1</sup> As acampadas obtiveram mais claramente essa característica e são os casos que recebem maior atenção nesse sentido. O movimento contou com auto-organização, horizontalidade nas decisões, uma sobrevivência em espaços físicos por um período relativamente longo e a centralidade da Internet em sua constituição. No caso da Espanha, por exemplo, podem-se encontrar relatos em Cabral (2011) e análises em Toret (2013).

acampada em Espanha. Além desse fator, Soeiro aponta que outros fatores impulsionaram o sucesso da manifestação. “Por um lado o anúncio, feito pelo primeiro ministro nas vésperas da manifestação, de um novo programa de austeridade que implicava o corte do subsídio de férias e de natal (isto é, na prática, de dois salários). Por outro, a visibilidade e o novo fôlego trazido pelo movimento Occupy Wall Street” (*ibidem*: 9). Já essa convocação estava mais definida politicamente que o 12 de março, e houve uma presença forte de setores políticos, tendo sido organizada por 41 associações ou coletivos que já protagonizavam o cenário dos movimentos sociais no país. Em Lisboa, a organização apontou que 100 mil pessoas desfilaram pelas ruas (*ibidem*).

No dia 24 de novembro, houve uma greve geral convocada pelas duas centrais sindicais, CGTP e UGT, contra as medidas de austeridade previstas na proposta de Orçamento do governo, particularmente, os cortes de salário, a eliminação de feriados e o aumento do horário de trabalho. “Com uma adesão significativa, sobretudo no setor dos transportes e nos serviços públicos, a greve foi considerada pelos porta-vozes sindicais como ‘a maior Greve Geral de sempre’, com os trabalhadores a demonstrarem ‘a sua indignação e o seu protesto pelo brutal ataque que o governo e agentes estrangeiros estão a fazer aos seus direitos, à democracia e à liberdade’” (*ibidem*:10). Essa foi a primeira greve com manifestação nas ruas e contou com o apoio dos movimentos envolvidos na convocatória do 15 de outubro.

Uma manifestação mais modesta em número de participantes ocorreu em 12 de maio de 2012, acompanhando uma convocação da “Primavera Global”, um protesto “Pela Democracia Global e pela Justiça Social”.

Já em 15 de setembro de 2012 ocorreu a manifestação convocada por um grupo de 29 cidadãos nas redes sociais sob o lema “Que se lixe a Troika! Queremos as nossas vidas de volta!”<sup>2</sup>, reunindo cerca de um milhão de pessoas em várias cidades em Portugal, a maior participação até então. O manifesto de convocação dizia:

depois de mais um ano de austeridade sob intervenção externa, as nossas perspectivas, as perspectivas da maioria das pessoas que vivem em Portugal, são cada vez piores” porque “ a austeridade que nos impõem e que nos destrói a dignidade e a vida não funciona e destrói a democracia”. O apelo à insubmissão cidadã – “se nos querem vergar e forçar a aceitar o desemprego, a precariedade e a

---

<sup>2</sup>A Troika é a comissão formada por representantes da Comissão Europeia, do Banco Central Europeu (BCE) e do Fundo Monetário Internacional (FMI) responsável pela condução dos programas de resgates a países na zona do Euro.

desigualdade como modo de vida, responderemos com a força da democracia, da liberdade, da mobilização e da luta (*apud ibidem*: 11)

Soeiro atribui também o sucesso dessa manifestação ao anúncio, pelo governo, de alterações à Taxa Social Única, reduzindo as contribuições patronais para a segurança social, aumentando a proporção das contribuições dos trabalhadores e tendo associado um aumento do IVA.

Na esteira do sucesso dessa manifestação, o grupo “Que se Lixe a Troika!” convocou para 13 de outubro novos protestos, desta vez sob a forma de “manifestações culturais”, contando com a adesão de figuras muito significativas do mundo das artes, do espetáculo e do audiovisual. O dia, mais uma vez, estava sintonizado com o protesto internacional Ruído Global (*Global Noise*) contra as políticas de austeridade. No manifesto, apelava-se à participação “em todas as formas de resistência e pressão que nos próximos 15 dias vão tomar forma, até derrubarmos este orçamento, esta política e este governo”. (*apud ibidem*: 12)

Em todo o processo, Soeiro identifica três grandes fatores subjacentes não muito diferentes dos contenciosos identificados por nós nos discursos na Internet: (1) a precarização do trabalho e a instalação em força do desemprego de massa, principalmente entre os mais jovens; (2) a crise econômica e a estratégia de austeridade; (3) a des-democratização da democracia e a desafeição relativamente à representação política e institucional. Ele caracteriza as manifestações por sua composição intergeracional e suas reivindicações predominantemente em torno das questões do trabalho e do emprego, mas também em torno do descontentamento face ao Governo, aos agentes políticos em geral e à corrupção.

O autor ressalta ainda que o impulso inicial deu-se na organização a partir de um apelo inicial no espaço dos fluxos da Internet, desde fora das estruturas tradicionais. Ao identificar o problema comum aos jovens, a precariedade dos jovens, por meio da denominação Geração à Rasca, a manifestação conseguiu produzir um sentimento de união e de reconhecimento que se materializou na ocupação do espaço público.

Essas manifestações identificam-se por alguns fatores com os fenômenos ocorridos em outras partes do mundo: “a informalidade, a procura de horizontalidade, a presença de lógicas de contaminação e fluxos transnacionais, o protagonismo da juventude qualificada e precária ou desempregada, a utilização intensiva das redes sociais, a criação desse ‘espaço público híbrido’ que combina online e offline, bem

como uma certa fluidez programática e um desejo de experimentação democrática” (*ibidem*: 15). O autor sublinha, contudo, a especificidade do caso português, em relação ao contexto internacional, principalmente pela semiperiférica do país, pelos ritmos próprios do seu processo político, pela sua história e pela sua estrutura institucional.

A escolha desta unidade de análise transformou nosso objetivo inicial em problema empírico, traduzida da seguinte maneira: investigação dos processos e dos mecanismos de mobilização social utilizados por indivíduos que interagem através da mídia social Facebook no contexto político português, orientados por motivos políticos e por discussão dos assuntos públicos e da ordem do Estado no período de setembro de 2012 a outubro de 2013.

Em um feliz encontro, este trabalho teve como importante *background* o mapeamento dos movimentos sociais e a formação de redes entre eles em Portugal realizado por Inês Pereira (2009). Trata-se de um rico trabalho sobre os mecanismos através dos quais se constituem redes de movimentos sociais. Na expectativa de consumir este feliz encontro, realizamos entre os meses de janeiro a junho de 2013 um período como pesquisador visitante no Centro de Investigação e Estudo em Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa CIES-IUL, sob orientação da própria Inês Pereira. Neste momento, foi tomada a decisão de trabalhar exclusivamente com o Facebook, pois segundo estudo prévio evidenciavam o papel do Facebook como canal utilizado por excelência para manifestações, protestos e mobilizações no contexto português. Além disso, a partir do mapeamento prévio de Pereira, foram escolhidos os primeiro perfis e páginas de Facebook que utilizaríamos (a lista de perfis pesquisados encontra-se no quarto capítulo). Dessa experiência surgiram também contatos; muito aquém de entrevistas, obtivemos algumas conversas com envolvidos nos movimentos sociais ou com a pesquisa deles. Além disso, participamos de algumas manifestações.

Utilizaremos, portanto, três tipos de dados: 1) as publicações no Facebook de perfis e páginas de coletivos políticos. Seguimos estes perfis e salvamos diariamente em formato pdf suas publicações. Esse procedimento foi realizado em dois períodos (nos meses de janeiro/ fevereiro e julho/agosto do ano de 2013), tendo em vista diferentes parâmetros e critérios (num primeiro momento estivemos mais interessados nos temas e assuntos que os perfis desenvolviam, no segundo momento voltamos nossa atenção principalmente aos comentários feitos nestas publicações). 2) a observação de perfis ao longo da rede social Facebook. 3) a experiência obtida nas manifestações, as conversas e as convivências que tivemos. Certamente o material mais volumoso são as

publicações salvas em formato pdf. Trata-se de 5.476 páginas (de documento) resultante do salvamento diário de todo conteúdo publicado ao longo do dia pelas páginas (de Facebook) acompanhadas.

A principal técnica utilizada aqui foi a classificação das postagens das páginas de Facebook amostradas do mês de agosto de 2013 de modo a criar algumas variáveis que nos possibilitasse compreender o tipo de mobilização das páginas e papel da sociabilidade neste processo. A classificação dos dados foi realizada tanto de modo quantitativos e quanto de modo qualitativos com o uso dos programas SPSS 11.5 e NVIVO 10, criando assim as variáveis que são analisadas ao longo do texto. Além desses dados, foram utilizados também dados e anotações de observação participante e na Internet. A observação participante baseia-se na imersão do pesquisador no ambiente natural do fenômeno e na sua interação com a situação investigada (Peruzzo, 2005; Flick, 2007).

Esse trabalho está dividido da seguinte maneira: o primeiro capítulo trata da empreitada de mobilização realizado pelas páginas analisadas buscando esclarecer essa mobilização em termos dos repertórios, estratégias e mecanismos utilizados; o segundo capítulo abordará a sociabilidade, utilizando inicialmente o conceito de comunidade virtual, esse capítulo apresenta as dinâmicas de interação desenvolvidas dentro das páginas e em seguida abre caminho para o reconhecimento da pertinência da sociabilidade em termos do conceito simmeliano; o último capítulo pretende aprofundar a pertinência do conceito simmeliano e discutir os dados encontrados em termos da nossa hipótese inicial, isto é, de que a sociabilidade e a mobilização social dão suporte uma a outro e de que a sociabilidade pode ser uma boa chave para compreendermos algumas facetas da mobilização social.

# 1. Mobilização

“Ditadores são duros como pedra. Mas toda pedra que cai num rio, se transforma em seixo. Somos tão móveis e maleáveis quanto à água. Estamos nos movendo. Ninguém duvida que podemos transformar pedra em seixo. Devemos lembrar também que leva tempo.”

Fragmentos de uma revolução

## **1.1. Discussão teórica**

### **1.1.1. Teoria da Mobilização de Recursos e suas derivações**

No dicionário de política (1998), Pasquino definiu a respeito de mobilização dois conceitos: a mobilização política como processo de ativação das pessoas ou massas e a mobilização social como ativações que visam à mudança de comportamento, de valores ou adesão a projetos ou programas sociais, aproximando-a da noção de participação. É possível perceber que os dois conceitos estão mutuamente relacionados, compondo o que se entende por mobilização. Na entrada dos anos 2000, o conceito ganhou força e passou a referir-se a um “associacionismo” moderno, criado num cenário de políticas globalizadas em que o termo “movimento” aparece como resultado de uma ação e não como o seu sujeito principal (Gohn, 2008).

A reflexão sobre a mobilização social deu-se principalmente por meio da teoria dos movimentos sociais e inicialmente a mobilização foi tratada por meio da teoria de mobilização de recursos, abordando o caminho pelo qual os grupos sociais adquirem os recursos necessários para execução da ação coletiva (McAdam, McCarthy e Zald: 1996; McCarthy e Zald, 1977; Zald e Ash: 1996). Até esse momento ela não era tratada como uma categoria explicativa em si mesma<sup>3</sup>.

A partir de 1968 há uma inflexão dos movimentos sociais, quando os movimentos passam a representar uma crítica à Modernidade e dos limites da política institucional e uma expressão de uma mudança de valores (Pastor Verdù, 2006). É nesse contexto que se insere a definição de Melluci (1985), amplamente utilizada aqui. O autor visualiza os movimentos sociais como sistema de ações através dos quais se busca ressignificar ações e valores, assim como movimentar as fronteiras culturais. Os movimentos sociais cumpririam a função de anunciar à sociedade que um problema fundamental existe numa dada área, rever os marcos simbólicos e culturais, impulsionar a mudança dos significados e valores da sociedade. Para ele, a “organização” é uma manifestação empírica, um nível analítico. Os atuais “movimentos” formariam uma rede de pequenos grupos submersos na vida cotidiana que empreendem novas práticas e experiências culturais e que emergem apenas em questões específicas; trata-se de um

---

<sup>3</sup>Boas revisões dessa literatura podem ser encontradas em Gohn (1997); Snow, Soule e Kriesi (2007); Della Porta e Diani (2006); Duarte (2012).

sistema de troca em que pessoas e informações circulam ao longo de redes. Isto constitui uma mudança morfológica na estrutura de ação coletiva (*ibidem*: 800), na qual os movimentos transitam entre dois polos: a latência e a visibilidade. A latência cria novos códigos culturais e faz indivíduos as praticarem. Quando pequenos grupos emergem para confrontar uma autoridade política em uma questão específica, a visibilidade demonstra a oposição na lógica subjacente e impactam nas decisões sobre a construção de políticas públicas.

Para ele, a unidade desses *sistemas de ação*, que são os movimentos sociais, é um resultado, que não pode ser explicado sem levar em conta como recursos internos e externos são mobilizados, como estruturas organizacionais são construídas e mantidas, como funções de liderança são assumidas. Cabe à análise quebrar sua aparente unidade e descobrir os vários elementos nela. “Apenas separando diferentes elementos analíticos pode-se entender como eles são colocados juntos por uma estrutura 'organizacional'” (*ibidem*: 794, tradução minha). É por esse motivo que Melucci propõe utilizar o termo mobilização ao invés de movimento, pois esse costuma implicar uma unidade analítica.

Uma nova inflexão dos movimentos sociais irá ocorrer no final do século XX quando surge uma série de contestações em nível global (Tarrow, 1994 e 2009). Para além do clássico trabalho de Charles Tilly de 1977, em 2004, McAdam, Tarrow e Tilly lançam o *Dynamics of Contention* que viria a ser outro trabalho referencial em termos de mobilização.

O modelo dos autores baseia-se em três instrumentos analíticos: os mecanismos, os processos e os episódios. Os mecanismos são eventos delimitados que alteram as relações de um conjunto específico de elementos de modo idêntico, ou quase, em uma variedade de situações. Os processos, por seu turno, são sequências regulares de mecanismos. Por último, os episódios são cadeias contínuas de processos que incluem elaboração de reivindicações com interesse em outras partes. Os mecanismos raramente operam sozinhos. Em geral, eles concatenam-se com uma série de outros mecanismos em processos mais amplos. Já os processos são frequentemente cadeias, sequências e combinações causais recorrentes de mecanismos, que operam identicamente ou com grande similaridade nas várias situações. Como se pode perceber, mecanismo e processos formam um continuum e é um tanto arbitrário que se denominem alguns fenômenos como mecanismos ou processos.

Antes que focar na origem dos episódios de contestação nos quais previamente pessoas mobilizaram-se em ação, Mc’Adam *et all.* focam no processo de mobilização

em geral, deixando a questão das origens para ser especificada como uma variante empírica do processo geral. Os autores abordam como ponto de partida três conceitos fundamentais: mobilização, atores e trajetórias. Por meio da mobilização, eles buscam compreender como pessoas que em um determinado ponto no tempo não estavam fazendo reivindicações contenciosas passam a fazê-las - e eventualmente seu oposto, como elas deixam de fazê-las, isto é, desmobilizam-se. Com relação aos atores, eles buscam explicar quais tipos de atores engajam-se em contenciosos, quais identidades eles assumem e quais formas de interação eles produzem. Para isso, elaboraram uma abordagem de atores como contingentes, assim como abordaram interações contestatórias em termos de repertórios que variam em função das conexões políticas. Por meio do conceito de trajetórias, eles encaram o problema de explicar o curso e a transformação da contestação, incluindo impactos na vida fora das interações imediatas dos contenciosos políticos (*ibidem*: 34).

Contudo, os autores logo avisam que esses conceitos são apenas provisórios, pois o esforço requer abandonar as distinções entre mobilização, atores e trajetórias. Questões sobre quem atua, como atores se movem entre ação e inação ou quais trajetórias suas ações seguem deixam de ser boas perguntas. Suas respostas dissolvem as questões de suas formas. Primeiro, descobre-se que a mesma ordem de mecanismos causais e processos operam nessas três ostensivamente separadas esferas. Segundo, descobre-se que cada uma é apenas um diferente modo de olhar para o mesmo fenômeno. As questões de mobilização tornam-se questões de trajetórias, uma vez que se para de pressupor uma rígida descontinuidade entre contestação e outras formas de política. As questões de trajetória tornam-se questões sobre atores, identidade e ações já que se começa a examinar como interações entre partes mudam os procedimentos contenciosos (*ibidem*: 35).

Sob quais condições vão pessoas normalmente apáticas, ameaçadas e desorganizadas explodir nas ruas, soltar suas ferramentas ou montar suas barricadas? Quais diferentes atores e identidades aparecem e transformam episódios contenciosos? Finalmente, quais tipos de trajetórias esses processos seguem?

Os autores ressaltam, portanto, que a mobilização só pode ser compreendida enquanto um processo que se alonga no tempo e que deve ser focado em seus fatores dinâmicos, mais do que como um fenômeno estático. Além disso, ela não é um fator isolado, mas que mantém interseções com outros mecanismos e processos – tais como a criação e a transformação de atores, sua certificação ou de-certificação, repressão,

radicalização, e a difusão da contestação para novos lugares e atores numa complexa trajetória de contenção (*ibidem*: 13).

Algumas abordagens da mobilização levam em consideração o aspecto do convencimento das pessoas em prol de determinadas causas, projetos, identidades etc. É o caso da maneira como os quadros interpretativos são manuseados (Benford e Snow, 2000), assim como a maneira como os aspectos emocionais são tratados nos movimentos (Jasper, 2004). Alguns autores apontam ainda o caráter performático das manifestações como um elemento de sua espontaneidade e de organização inorgânica, o que não nos parece incorreto.<sup>4</sup>

Também nesta linha também se encontra os manuais práticos de Toro (2007), para o qual o processo de mobilização social é um instrumento, uma ferramenta para “convocar vontades”, na expressão do autor; ela funciona de modo a: aglutinar cidadãos para atuarem na realidade em que vivem e ter seu campo de atuação voltado para o interior de suas realidades, focar no cotidiano, desenvolver processos de comunicação direta, atuar em redes comunicativas, formular e difundir mensagens claras, criar imaginários sociais que despertem o desejo de engajamento nas pessoas, estudar e planejar o campo de suas atuações, desenvolver ações coletivas sem hierarquias ou “donos” e acompanhar permanentemente os processos de mobilização, criar fóruns, redes, consórcios como parte do processo de mobilização. Nesse sentido, o movimento social seria uma resultante e não o foco inicial da ação coletiva. São significativos ainda destes manuais os textos de Hessel (2013) e Sharp (2010) divulgados pelos próprios perfis e que abordam os aspectos da Indignação e da deslegitimação, respectivamente.

---

<sup>4</sup> Soares (2013) aponta que diversos fatores contribuem para a alteração dos estados psicofísicos dos intervenientes, favorecendo a erupção de episódios inusitados não contidos em um script, que ela aborda enquanto performances.

“O performer não improvisa uma ideia: ele cria um programa e programa-se para realizá-lo. Ao agir seu programa, necessariamente, des-programa seu organismo e seu meio. Tratam-se de experimentações, de ações “extra-quotidianas”, da vivência de estados psicofísicos alterados que disseminam dissonâncias diversas (...). Esta é a nosso ver a grande força da performance: des-autonomizar a relação do cidadão com a polis; do agente histórico com o seu contexto; do vivente com o tempo, o espaço, o corpo, o outro e consigo mesmo” (Fabião, 2009 *apud* Soares, 2013)

Por seu turno, Auer (2013) destaca que os ativistas usam afetos (como sons, por exemplo) para criarem certos efeitos sobre os participantes, que pode ser de quebra da normalidade, de criação de identidades ou de situações e experiências compartilhadas. Mas, ainda mais importante, parece-nos, é que o conceito de afeto não determina identidades determinadas, mas condições fluidas que respondem a novas formas de democracia não participativa, pois permite a desconstrução do indivíduo, uma vez que acontece no entrecorpos.

### 1.1.2. Mobilização na Internet

Bennet (2003a; 2003b) destaca que através do uso da internet ideias e planos de protesto podem ser trocados com relativa facilidade, rapidez e num amplo espectro sem ter de depender dos canais de mídia de massa, assim como facilita a coordenação de atividades através de redes com muitos nós e numerosos pontos de conexões, os hubs, pois esta coordenação de rede é mantida mesmo se nós particulares morrem, mudam sua missão ou saem da rede. Algumas propriedades da rede possibilitam que a informação flua através das camadas da web até alcançar tanto consumidor quanto produtores das mídias de massa, são elas: a) a disposição de ativistas de compartilhar, fundir e tolerar identidades políticas diversas; b) a percepção da parte dos ativistas que vastos e complexos problemas escaparam a compreensão regulatória de governos e nações e que esses problemas requerem atividades de protesto em escala através de grandes alcances de tempo e espaço; c) o crescimento da permeabilidade de todas as mídias – massa e nicho, velha e nova – entrecruzando comunicações que possibilitam mensagens virais viagem longas distâncias.

O autor ainda destaca que os movimentos sociais na era da internet funcionam de modo segmentado, policêntrico e integrado em rede. Os muitos centros, ou hubs, são menos definidos por líderes proeminentes e a base de integração dos movimentos mudou da ideologia para formas mais pessoal e fluido de associação. Além disso, esses movimentos adicionaram novas estratégias em seus repertórios devido à disponibilidade da internet: campanhas permanentes, comunicação em diversas redes, redes podem ser reconfiguradas rapidamente, novas mídias podem alterar fluxos de informação através das mídias de massa.

Chadwick (2007) sugere que os repertórios utilizados nas novas configurações organizacionais que surgem com a Internet, denominadas por ele híbridas podem ser entendidas de quatro maneiras principais: 1) criação de formas atraentes cada vez mais convergentes de ação cidadão-line; 2) promoção da confiança distribuída em grupos de cidadãos ligados horizontalmente; 3) fundição de discursos subculturais e políticos; e 4) criação e desenvolvimento de redes online sedimentares.

Esta aproximação entre ação política e internet foi denominada por alguns autores como “netwar” (Hunter, 2002 *apud* Bennet, 2003), como “ciberturbas” (Urrutia,

2003), como “*smartmobs*” (Rheingold, 2005), termos que enfatizam o aspecto viral da emergência das manifestações. As mensagens são enviadas continuamente pelos nós ativos e em determinados momentos, dado o volume da rede, a mensagem se difunde de forma exponencial, ativando até mesmo os nós inativos, momentos nos quais se pode ver o funcionamento da rede (Candòn Mena, 2009). Resulta disso que o ciberativismo é

“toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, diante da difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através do “boca a boca” multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal” (de Ugatte, 2007: 85, tradução minha).

Podem-se considerar dois modelos básicos de ciberativismo. No primeiro, como no ativismo tradicional, propõe-se uma ideia, um tema, um antagonismo, uma medida a defender e uma forma de mobilizar-se; convida-se pessoas para aderir, não para desenhar a campanha. No segundo, inicia-se um tema e espera-se que “esquente” no processo deliberativo até desembocar espontaneamente em uma ciberturba ou em um novo consenso social, com uma renúncia de partida ao controle das formas que em cada fase se irá adotar. Nas ciberturbas não é possível encontrar um 'organizador', um 'grupo dinamizador' responsável e estável. Encontra-se 'propositores' originais que no curso da mobilização tendem a dissolver-se no próprio movimento (De Ugatte, 2007).

Diante desse panorama, paira no ar a provocação de Candòn Mena, segundo o qual

a constante evolução que vai desde os movimentos sociais tradicionais aos novos movimentos sociais, os novíssimos movimentos sociais e fenômenos como a *smartmobs* convidam a pensar que talvez já não estejamos falando do mesmo. Talvez haja que distinguir entre os movimentos sociais e os “movimentos na sociedade” (2009: 277, tradução minha).

Candòn Mena (2009) ressalta que é importante que uma convocatória de mobilização saia dos círculos sociais já politizados, pois elas logram seu maior êxito quando extrapolam estes grupos contaminando os setores menos politizados da sociedade, ainda que estas convocatórias possam surgir fora de qualquer movimento organizado. Também é fator de impacto a pessoa de quem se recebe a mensagem e quantas vezes ela é recebida, estes fatores incidem na percepção da cadeia de

mensagens, criando confiança e expectativa, o que influi na decisão do indivíduo de participar. A abertura de oportunidades políticas ou mesmo de um clima de opinião propício na esfera midiática é um fator contextual decisivo para o êxito da convocatória e a mobilização difundida por uma cadeia de mensagens.

A convocatória para a mobilização em si é apenas o último passo de um processo mais amplo de debates. Cada uma das fases de uma mobilização tende a ocorrer através de diferentes ferramentas. Primeira fase: difusão de informação - blog e páginas web, e-mail (pode-se incluir aqui as redes sociais); segunda fase: debate - foros, listas de discussão, wiki); terceira fase: mobilização - páginas web, e-mail e SMS (mais uma vez poderíamos incluir aqui as redes sociais). (Candón Mena, 2009).

Entretanto poderíamos dizer que *as smartmobs começam a casa pelo telhado*. O importante é a convocatória; a data, hora, lugar e a definição mais ou menos abstrata do tema da mobilização. Se o assunto pelo qual se convoca é atrativo, a chamada à mobilização é o bastante sugestiva e a difusão é – e se percebe – massiva, a convocatória mobiliza à ação por si mesma (277-8, tradução minha).

Assim como os atores podem adaptar a rede a suas necessidades (escolhendo para quem a mensagem deve ou não ser enviada), eles também readaptam as mensagens, para adaptá-las a outros dispositivos, para facilitar a clareza da mensagem ou para adaptar a informação a um contexto determinado.

Posto os elementos para compreender a mobilização, assim como seu funcionamento na Internet, passemos aos indicadores que serão utilizados e aos critérios para operacionalização dos dados.

### **1.1.3. Definição dos Indicadores e operacionalização**

Abordaremos mobilização nesse trabalho como discursos, enunciados e opiniões, enfim, o conjunto de repertórios possibilitados pela Web, que visam o convencimento de pessoas em relação a determinadas propostas e causas. Em outras palavras, entendemos a mobilização como o processo pelo qual pessoas são acionadas, colocadas em movimento, incitadas a participar e, mais amplamente, o processo pelo qual grupos, coletivos e organizações vem a existir e a orientarem-se.

Para que compreendamos, portanto, a mobilização realizada pelas páginas de movimento social em Portugal é necessário que compreendamos os repertórios, os mecanismos e as estratégias utilizadas por esses grupos. Para tanto, abordaremos, primeiramente a autoapresentação e característica das páginas, as mensagens produzidas por elas e os mecanismos que elas buscam engendrar. Nesse sentido, lançamos mão dos seguintes dados:

- As informações de descrição fornecidas pelas páginas e o número de curtis, isto é, de seguidores/apoiadores dessas páginas no mês de outubro de 2013.
- As informações e anotações recolhidas ao longo do período de observação participante e na Internet com relação aos processos de mobilização, aos movimentos sociais portugueses e a conjuntura política.
- As mensagens publicadas ao longo do mês de agosto de 2013.

Ainda que tenhamos coletados dados por um período maior de meses, escolhemos pelo uso dos dados do mês de agosto por constituírem um grande volume de dados em termo das análises qualitativas (1765 páginas de pdf) e por nesse mês as técnicas de capturas já estarem bastante aguçadas. A coleta dos dados consistiu em capturar em formato de PDF todos as publicações das páginas então seguidas. Essa captura foi realizada de modo manual diariamente. Esse escolha deveu-se à dificuldade de utilização de algum tipo de software que realizasse esse procedimento automaticamente devido às características próprias do Facebook.

Foram enfocados as publicações que possuíam o mínimo de dez comentários, que foi definido para considerar se a mensagem possuía relevância em termos de sociabilidade (o que definiremos mais claramente no próximo capítulo). Foi decidido pelo número de dez comentários por considerarmos que este era um parâmetro a partir do qual se poderia verificar com qualidade as dinâmicas de sociabilidade, o que fica bastante prejudicado com valores menores.

Devido a essa escolha temos de ressaltar uma série de erros aos quais nossos dados estão sujeitos. Estes erros são basicamente de duas ordens, decorrentes do salvamente manual e decorrentes do funcionamento do Facebook. No primeiro caso, o salvamento uma vez por dia dá destaque as mais afastadas do horário de salvamento. Por já terem sido visualizadas pelo público há mais tempo foram foco de interação enquanto as mais novas ainda não tiveram esse tempo. Aliado ao salvamento manual

esse caráter pode gerar alguma distorção. Além disso, estas duas características, aliada ao segundo fator, o funcionamento do próprio Facebook pode gerar outras distorções (assim como pode distorcer algumas também). Isto porque o Facebook possui complexos métodos de organização das mensagens, um desses métodos é apresentar as postagens mais frequentadas ou mais recentemente modificadas a frente das outras. Por fim, tudo isso dificulta bastante a especificação de ordem e horário exato das postagens.

Contempladas e pesadas essas fontes de erros, acreditamos que os dados aqui apresentados podem fornecer bons parâmetros que indiquem características gerais de nossos indicadores.

Os dados foram, então, analisados por meio de técnicas quantitativas e qualitativas. No primeiro caso utilizamos o programa SPSS 11.5 para gerar as estatísticas descritivas e os testes, no segundo caso o programa NVIVO 10 para codificação do material.

Para compreender a autoapresentação das páginas, utilizamos as descrições destas e seu respectivo número de curtis e o número de mensagens publicadas por elas. Para compreender as mensagens, utilizamos uma classificação que será explicada posteriormente. Utilizamos também o número de comentários obtidos pelas próprias mensagens, como um indicador de repercussão (outras possibilidades seria usar o número de curtis ou o número de compartilhamento, optamos por este por ele indicar uma interação produzida). Para compreender os repertórios indicamos os elementos presentes na literatura que conseguimos verificar ao longo das observações.

O objetivo aqui é de que por meio dessas variáveis possamos compreender melhor o tipo de mobilização produzido pelas páginas, como funcionam, contra quem ou para que estão direcionadas e quais são as brechas para identificarmos a sociabilidade nesse material. A imagem 1 apresenta um exemplo do que são as páginas do Facebook. Na parte superior da imagem encontra-se o exemplo de uma página de mobilização: o “RiseUP Portugal”. Basicamente esta página é composta por uma foto, que a identifica e uma outra foto maior denominada capa. As postagens destas páginas são dispostas em ordem cronológica decrescente logo abaixo (flecha 2). No link indicado na flecha 1 encontram-se as informações sobre de descrição da página que discutiremos adiante (sumarizadas na tabela 1). A flecha 3 indica o número de curtis da página em questão. Em sua acepção mínima esse número indica a quantidade de pessoas que gostam (curtem) esta página. Esse número indica, portanto, a quantidade de pessoas

que gostam e apóiam a página, seja pelo tipo de mensagens que essa página posta, seja pela proposta desta página ou seja por qualquer outro critério.

Por padrão, as pessoas que curtem a página receberão em sua linha do tempo as mensagens das páginas que curtiram. A parte inferior da imagem exemplifica uma página pessoal de uma pessoa específica (flecha 4). Nesta página pessoal está localizada o que é conhecido como linha do tempo (flecha 5), que é onde aparecem as mensagens de amigos e de páginas curtidas.

Em termos gerais, as pessoas visualizarão as mensagens das páginas de mobilização em suas próprias páginas pessoais. Estas mensagens aparecem identificadas pela foto e nome da página (flecha 6). Cada mensagem pode ser curtida, compartilhada ou comentada, clicando-se no ícone logo abaixo da mensagem (flecha 7).

Vale ressaltar que cada uma das ferramentas de interação com a mensagem proporcionadas pelo Facebook (comentar, curtir e compartilhar) indicam uma direção diferente de relevância da mensagem. O curtir é indica basicamente um gostei, compartilhar indica passar adiante, divulgar para os amigos, fazer com que a mensagem chegue a outras pessoas, enquanto que comentar indica a relevância interativa da mensagem. Para que a mensagem seja comentada, abre-se uma caixa de comentário logo abaixo da mensagem (flecha 8).

**Figura 1 - Exemplo de página de mobilização e página pessoal**

The image consists of two screenshots of Facebook pages, each with numbered red arrows pointing to specific features.

**Top Screenshot: RiseUP Portugal Page**

- 1** Points to the "Sobre" (About) tab, specifically the "Sugerir uma edição" (Suggest an edit) link.
- 2** Points to the "Publicar" (Post) button in the main content area.
- 3** Points to the "Curtidas" (Likes) count, which is 44.674.

**Bottom Screenshot: Rogerio Silva Profile**

- 4** Points to the "Mobilização pt" page in the left sidebar under "INTERESSES".
- 5** Points to the "RiseUP Portugal" post in the main feed.
- 6** Points to the "RiseUP Portugal" page in the left sidebar under "GRUPOS".
- 7** Points to the "Comentar" (Comment) button below the post.
- 8** Points to the comment input field.

De agora em diante, quando dissermos página, estaremos nos referindo às páginas de mobilização (isto porque elas se chamam “páginas” no Facebook), quando

nos referirmos à página das pessoas em geral, falaremos de “página pessoal” ou “linha do tempo” (nome geralmente utilizado pelo Facebook).

## **1.2. Dados e Discussão**

### **1.2.1. As páginas do Facebook, uma análise do espaço para sociabilidade**

Em termos sociológicos, as páginas são os atores neste trabalho. Todavia, nossa unidade de observação são as mensagens produzidas por estas páginas. São as páginas, por meio de suas publicações (mensagens), que apresentam estratégias e repertórios. Nossa primeira tarefa é verificar exatamente o modo pelo qual é feita a mobilização nas páginas selecionadas. Quais são seus repertórios, estratégias e mecanismos. Para tanto analisaremos, em primeiro lugar, as páginas de Facebook que fazem essa mobilização e, em segundo lugar, as mensagens publicadas por essas páginas.

Como observado na introdução, fez-se a seleção das páginas portuguesas por meio do nosso rastreamento prévio, das indicações de outros pesquisadores e partícipes no ativismo e dos encontros a partir das referências que uma página dava de outras. Nosso universo de análise consiste na lista de 38 páginas, com os respectivos links que se encontra no Anexo 1.

Contudo, tendo em vista termos adotado como unidade de observação as mensagens com mais de dez comentários, apresentaremos as páginas a partir deste viés e enfocaremos aqui apenas nas páginas que respeitam essa condição. Para fins deste trabalho, as outras páginas serão utilizadas apenas quando fizermos apontamentos mais gerais advindos da observação participante. Desta maneira, a tabela 1 apresenta esses perfis e seu respectivo número de postagens com mais de dez comentários.

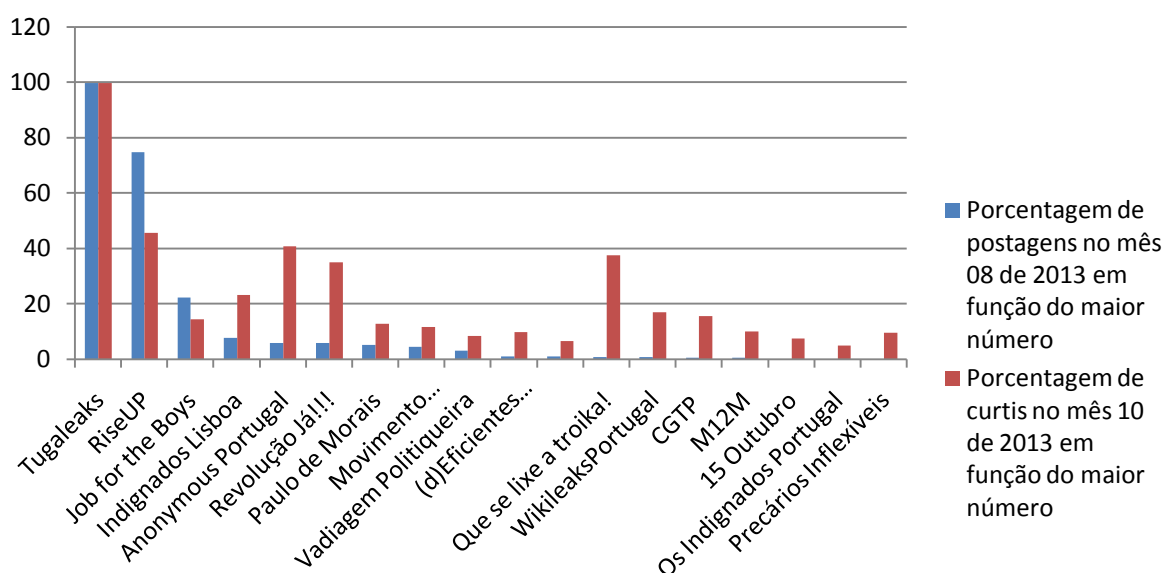
Como podemos observar, as primeiras páginas acumulam de forma esmagadora o número de mensagens postadas em páginas portuguesas, sendo que as duas primeiras páginas juntas (Tugaleaks e RiseUP) foram responsáveis por quase 74% de todas as postagens e as nove primeiras páginas juntas por mais de 97% delas.

**Tabela 1 - Postagens em 08/2013 e número de curtis das páginas em 10/2013**

| Páginas                      | n. de postagens | (%)          | n. curtis 10/2013 |
|------------------------------|-----------------|--------------|-------------------|
| Tugaleaks                    | 318             | 42,2         | 83784             |
| RiseUP                       | 238             | 31,6         | 38352             |
| Job for the Boys             | 71              | 9,4          | 12153             |
| Indignados Lisboa            | 25              | 3,3          | 19571             |
| Anonymous Portugal           | 19              | 2,5          | 34344             |
| Revolução Já!!!              | 19              | 2,5          | 29541             |
| Paulo de Moraes              | 17              | 2,3          | 10935             |
| Movimento Revolução Branca   | 15              | 2,0          | 9903              |
| Vadiagem Politiqueira        | 10              | 1,3          | 7208              |
| (d)Eficientes Indignados     | 4               | 0,5          | 8269              |
| OccupyLisbon "Ocupar Lisboa" | 4               | 0,5          | 5606              |
| Que se lixe a troika!        | 3               | 0,4          | 31619             |
| WikileaksPortugal            | 3               | 0,4          | 14262             |
| CGTP                         | 2               | 0,3          | 13101             |
| M12M                         | 2               | 0,3          | 8592              |
| 15 Outubro                   | 1               | 0,1          | 6367              |
| Os Indignados Portugal       | 1               | 0,1          | 4180              |
| Precários Inflexíveis        | 1               | 0,1          | 8100              |
| <b>Total</b>                 | <b>753</b>      | <b>100,0</b> |                   |

Elaboração própria a partir das mensagens publicadas no Facebook nas páginas de Portugal, entre 01/08/2013 a 31/08/2013

**Gráfico 1 - Comparação entre o percentual de postagens e de curtis das páginas**



Elaboração própria a partir das mensagens publicadas no Facebook nas páginas de Portugal, entre 01/08/2013 a 31/08/2013

Percebemos também que o número de curtis dessas páginas apesar de decrescente não responde claramente àquela tendência. Para contrastarmos as duas variáveis apresentamos o gráfico 1, que apresenta as duas variáveis (número de mensagens com mais de dez comentários e número de curtis da página) padronizados como percentual a partir do maior valor. Em cada uma delas esse maior valor foi representado pela página Tugaleaks com 318 postagens e 83.784 curtis. Parece bastante razoável acreditar que as páginas que publicam mais, ou seja, possuem maior atividade, tendem a angariar maior número de seguidores. Contudo, outras variáveis devem influenciar esta relação. Nosso número de postagem contempla apenas um mês, não capturando desta forma as sazonalidades que venham a ocorrer, como a disposição de manifestações ou acontecimentos concernentes a cada página em outros pontos da história, assim como a importância da instituição em si, para além de sua página e assim por diante.

De todo modo, nossa intenção não é provar tal correlação, mas apenas sugerir a possibilidade de sua existência. Até mesmo porque não se trata do número total de publicações das páginas, mas apenas daquelas com mais de dez comentários.

Para conhecermos melhor as páginas, é interessante analisar como eles se apresentam enquanto atores, quais são os aspectos que eles consideraram relevantes para serem publicados e que constituem seu perfil como agentes mobilizadores.

A partir das informações destas informações, que constam na tabela 2, dividimos as páginas em três categorias, a saber, organização, coletivos e indivíduos (ou ciberativistas). Esta tabela contém as páginas, seus respectivos anos de fundação, trechos literais de sua descrição, assim como uma análise daquilo que é considerado mais representativo, seja ela sua identidade, seus valores, suas estratégias.

### ➤ **Organizações**

Os perfis de organizações, em sua grande maioria, estão relacionados de alguma maneira à questão do emprego, desemprego, precariedade, comércio justo, temas caros à sociedade portuguesa. As organizações são estruturas de mediação (entre o indivíduo e a sociedade), que se tornam significativas como agentes, apesar de os movimentos sociais serem mais fluidos e possuírem dinâmicas de pertença “baseadas em sentimentos identitários e em momentos de efervescência colectiva do que em

participações formalizadas” (Pereira, 2009: 78). Classificamos assim aquelas páginas que indicavam possuir elementos como estrutura, normas, dinâmicas de funcionamento e relações de poder próprias, ou seja, que apresentavam maior estruturação em seu funcionamento. Esta estruturação vai esmaecendo ao longo de nossa classificação, até chegarmos ao que denominamos coletivos. A mais importante páginas nesta categoria é a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional (CGTP-IN), não coincidentemente a principal organização intersindical portuguesa e representante clássica dos movimentos sociais de primeira geração, voltados para a ação coletiva relativa ao trabalho e à classe trabalhadora. Por se tratar de uma organização que ao longo dos anos fora incorporada à estrutura institucional como representante da classe trabalhadora, essa estrutura é muitas vezes criticada sua relação com o governo e postura diante dos problemas do país, seja pelo trânsito de seus quadros entre governos e partidos e daí por diante.

**Tabela 2 - As descrições de si apresentadas pelas páginas**

| Página e ano de fundação                              | Sobre                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                |
|-------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------|
| (d)Eficientes<br>Indignados<br>2012                   | Somos <b>pessoas que têm uma deficiência</b> e não temos vergonha disso. Não somos “vítimas” da deficiência, <b>somos vítimas de discriminação</b> . É a sociedade que nos nega o direito a viver como cidadãos, quando nos recusa direitos básicos como o direito à educação, ao trabalho, à habitação ou à mobilidade. [...]<br><b>Somos um movimento independente</b> . Somos nós a mandar. <b>Vamos lutar pela melhoria da nossa qualidade de vida</b> , contra a exclusão e a segregação social.<br>Aceitamos todos os apoios e ajudas, mas recusamos a caridade e o assistencialismo como solução. E não admitimos decisões sobre a nossa vida que não sejam tomadas por nós. Temos uma palavra a dizer sobre tudo o que nos diz respeito.<br><b>Exigimos o cumprimento dos nossos direitos:</b> [...]                                                                                                                      | Organização – princípio identitário            |
| Anonymous Portugal<br>08/04/2011                      | <b>WE ARE LEGION @ EXPECT US</b><br>Organização Não Governamental (ONG)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | Coletivo – princípio universalista/pragmático  |
| CGTP<br>01/10/1970                                    | <b>CGTP-IN, organização sindical de classe, unitária, democrática, independente e de massas</b><br>Missão<br>A CGTP-IN, organização de trabalhadores não tem outros objectivos que não sejam a defesa dos seus direitos e condições de vida e de trabalho, assumindo a defesa face a tudo o que os afecta como classe, trava as batalhas presentes com os olhos no futuro de Portugal, na construção de um país mais próspero, democrático e progressista. [...]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | Organização – princípio identitário            |
| Democracia Verdadeira<br>JÁ! – Portugal<br>15/05/2011 | <a href="http://www.asociaciondry.org/">http://www.asociaciondry.org/</a>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Coletivo – princípio universalista/pragmático  |
| Indignados Lisboa<br>2011                             | Indignados Lisboa – Descrição<br><b>MANIFESTO ABERTO DOS INDIGNADOS LISBOA</b><br><b>Somos pessoas comuns</b> . Pessoas com deveres , direitos e responsabilidades. Pessoas que se levantam todas as manhãs para estudar, trabalhar ou procurar emprego. Pessoas que têm família e contas para pagar. Pessoas que trabalham arduamente para proporcionar um futuro melhor àqueles que os rodeiam.<br><b>Este é um movimento aberto, apartidário e não-violento , com uma estrutura horizontal sem líderes</b> . Condenamos de forma clara o sistema político, económico e social. Recusamo-nos a ser escravos e reféns de uma classe política privilegiada e corrupta, de um sistema eleitoral fechado às pessoas, e de uma economia de mercado sem regras nem ética, que a todos nos deixa indefesos e sem voz.<br><b>Defendemos uma democracia verdadeira</b> assente nos seguintes princípios e normas de funcionamento: [...] | Coletivo – princípio universalista/pragmático  |
| Job for the Boys<br>17/08/2012                        | plataforma de notícias sobre o estado da nação portuguesa!                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | Organização- princípio identitário/estratégico |
| M12M<br>04/2011                                       | Missão<br><b>Fazer de cada cidadão um político [...]</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Coletivo – universalista/pragmático            |

|                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                          |
|-----------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|
|                                                     | <p>Descrição</p> <p>O QUE É O M12M?: É um movimento <b>informal, não hierárquico, apartidário, laico e pacífico que defende o reforço da Democracia</b> em todas as áreas da nossa vida, e que: <b>Pugna pela promoção de uma cidadania cada vez mais activa</b> como resultado da democratização do acesso à política. Pretende ajudar a dinamizar e a promover o diálogo, a reflexão crítica focada no encontro de soluções, promovendo pontos de encontro, sinergias e solidariedade entre movimentos e cidadãos. [...]</p> <p>OBJECTIVOS: - <b>Promover o reforço da Democracia</b> no trabalho, na economia, na política, na cultura, na educação e nas consciências. [...]</p> <p>ORIGEM: O Protesto da Geração à Rasca, que uniu cerca de 500 mil pessoas nas ruas de todo o país e no estrangeiro, <b>surgiu espontaneamente, fruto da iniciativa de quatro amigos</b>, Alexandre de Sousa Carvalho, António Frazão, João Labrincha e Paula Gil, aos quais se juntaram outras pessoas. Espalhou-se pelo país, alicerçado num manifesto, e teve esse documento como agregador comum. [...]</p>                                                                                                                                                                                                                               |                                                          |
| <p>Movimento Revolução Branca</p> <p>01/08/2010</p> | <p><b>ACORDEM, fomos e continuamos a ser enganados, roubados e escravizados!</b></p> <p>Este Movimento <b>repudia veementemente qualquer ideologia racista, xenófoba ou de supremacia racial</b>. A dignidade humana do Cidadão não tem cor, raça, ideologia ou religião.</p> <p>Descrição: <b>Da nossa parte compete-nos partilhar, com todos, os pensamentos e sentimentos que nos levaram a este caminho: iniciar um percurso de revolta</b> contra todos aqueles que, de forma activa ou passiva, permitiram e fomentaram esta conduta, leviana, do Estado português, na esperança que, após a leitura desta Obra, os Cidadãos possam fazer a sua escolha: juntar-se aos cobardes, e nada fazer, aos corruptos, participando, activamente, nas suas actividades ou, e vai dar ao mesmo, saber e nada fazer e, como tal, participar, de forma passiva, nas suas actividades, dando consentimento às mesmas ou, como Homem (recordamos que Homem com H grande, quer dizer homens e mulheres), assumir uma postura de coragem e acompanhar-me neste percurso de revolta.</p> <p><b>Este Movimento cívico é o centro de união de cidadãos, famílias e gerações</b>, para consciencializar e mudar as condições políticas e sociais em Portugal, elevar a moralidade da sociedade portuguesa e do Estado que a representa. [...]</p> | <p>Organização – princípio universalista/ pragmático</p> |
| <p>OccupyLisbon "Ocupar Lisboa"</p> <p>10/2011</p>  | <p>Assim <b>nos reunimos em solidariedade para expressar um sentimento de injustiça massivo</b>, não devemos perder de vista o que nos uniu.</p> <p>Missão: A missão passa por antes de mais confortar os Srs. Deputados, o Governo, o país e o mundo de que <b>nós os queremos ajudar a construir um planeta sustentável, e que funcione com base nos recursos que temos disponíveis e a sua renovação em vez de um crescimento exponencial irreal</b>, que tenha por base critérios objectivos, ecológicos, científicos e nunca mais decisões subjectivas e aleatórias.</p> <p>Descrição</p> <p>[...] Nós escrevemos para que todas as pessoas que se sentem injustiçadas pelas forças empresariais do mundo possam saber que somos seus aliados.</p> <p><b>Como um só povo, unido, nós reconhecemos a realidade: que o futuro da raça humana requer a cooperação dos seus membros</b>; perante a corrupção do sistema, cabe aos indivíduos proteger seus próprios direitos, e os dos seus concidadãos; um governo democrático deriva seu poder apenas a partir do povo, mas as empresas não buscam autorização para extrair a riqueza do povo e da Terra, e <b>nenhuma democracia verdadeira é atingível quando o processo é determinado por condições económicas de energia</b>. Que chegamos a vós num momento em que as</p>   | <p>Coletivo – princípio iderntitário/valorativo</p>      |

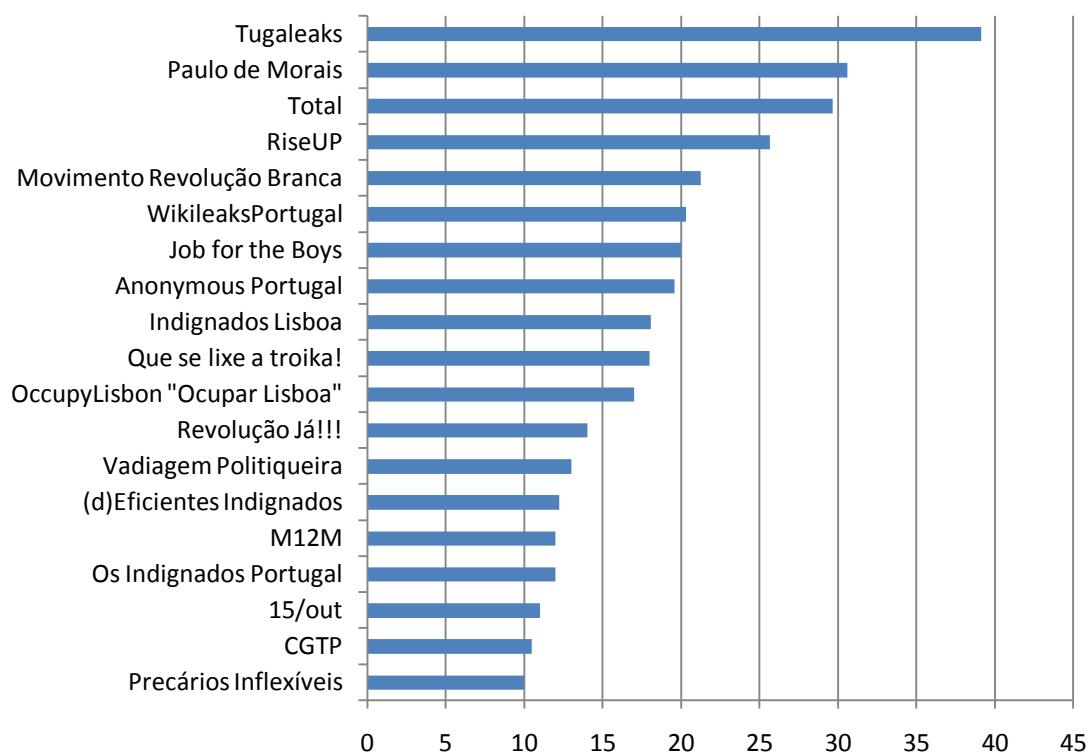
|                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                               |
|-------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|
|                                     | corporações, que põem o lucro acima das as pessoas, auto-interesse acima da justiça, e da opressão acima da igualdade, mandam nos nossos governos. Estamos aqui reunidos pacificamente, como é nosso direito, para que estes factos sejam conhecidos. [...]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                               |
| Paulo de Moraes<br>22/10/1963       | Não apresenta um perfil específico.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | indivíduo                                     |
| Precários Inflexíveis<br>2007       | Missão: <b>Luta contra a precariedade!</b><br>Descrição: <b>Movimento de trabalhadores precários aberto à participação de tod@s os que quiserem lutar contra a precariedade e a exploração laboral.</b> [...]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | Organização – princípio identitário           |
| Que se lixe a troika!<br>2012       | Contrariando a inevitabilidade da destruição e da miséria, acreditamos que uma sociedade mais justa é possível. Cabe-nos a responsabilidade de participar activamente na sua construção.<br>Descrição: [...] Estão a destruir as nossas vidas.<br>A austeridade criminosa a mando da troika e dos seus governos abate-se sem contemplações sobre cada um e cada uma de nós, sobre a estrutura da nossa sociedade, sobre os nossos direitos, as nossas escolas, os nossos hospitais, a nossa água, a nossa cultura, a nossa arte, sobre toda a nossa vida.<br>Depois de um OE para 2013 que tudo destrói e nada constrói, o FMI vem dizer que ainda é pouco. [...]<br><b>Somos hoje um lugar de encontro das várias correntes democráticas anti-troika. Não temos a pretensão de representar organizações ou sectores sociais.</b> Queremos fazer a discussão e a confluência de iniciativas com vista ao derrube deste governo e de todos os governos colaboracionistas com os programas da troika. Quando todo um povo se levanta não há troika que o derrube, não há governo que o pise. Juntemo-nos então para os derrotar. [...] | Coletivo – princípio pragmático/estratégico   |
| Revolução Já!!!<br>11/2/2010        | "Cá se fazem, cá se pagam!" [...]<br><b>Somos roubados</b> na nossa dignidade por políticas neo-liberais e pela corrupção da classe governante. <b>Uma revolução já</b> dava jeito!                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | Coletivo – princípio identitário              |
| RiseUP<br>1/07/2012                 | <b>Por mim, por ti, pelos meus, pelos teus, por todos!</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | Coletivo – princípio universalista/valorativo |
| Tugaleaks                           | [Página descontinuada pelo Facebook]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | coletivo                                      |
| Vadiagem Politiqueira<br>09/10/2012 | <b>LUTE ... RESISTA ... MAS NÃO DEIXE DE SORRIR.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Coletivo – princípio universalista/valorativo |
| WikileaksPortugal<br>2013           | <b>ENVIE AS SUAS DENÚNCIAS, AS SUAS NOTÍCIAS</b><br><b>JUNTOS SEREMOS MAIS FORTES</b><br>Organização sem fins lucrativos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Coletivo – princípio pragmático               |
| 15 Outubro<br>15/10/20              | <b>Continuar nas Ruas para Derrubar o Governo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Coletivo – princípio pragmático/ estratégico  |

Descrição oferecida pelas páginas de Portugal no Facebook na seção “sobre” em 15/03/2014

A CGTP usa o Facebook como um canal de divulgação de suas manifestações, de suas decisões, da atuação de seus membros, de suas posições diante das questões. Não surpreende que o volume de comentários e participação (média de 10,5 comentários) na página seja tão diminuto, uma vez que o envolvimento da página com esse tipo de atividade também é pequeno.

Integrante deste grupo, o movimento dos “Precários Inflexíveis” (média de 10 comentários) vem tendo grande expressão na luta contra o trabalho precário e a exploração laboral na sociedade portuguesa. Outras páginas categorizadas como organizações são: o Job for the Boys (média de 20 comentários), que se identifica como plataforma de noticioso; o Movimento Revolução Branca (média 21,27 comentários), que conta com site externo e manifesto; o (d)Eficientes Indignados (média de 12,25 comentários), que atua na luta pelos direitos dos deficientes. Cada um deles tem um site externo ao Facebook.

**Gráfico 2 - Média de comentários por página**



Elaboração própria a partir das mensagens publicadas no Facebook nas páginas de Portugal, entre 01/08/2013 a 31/08/2013

Estas últimas páginas, ainda que tenham sido por pequenos aspectos classificadas como organização, tem bastante influência daquilo que chamaremos coletivos, com estruturas mais fluidas e dinâmicas. Neste sentido, percebemos que ao encontrar-se com a Internet, as organizações passam por maiores ou menores mudanças. Por um lado, vemos o caso da CGTP, que utiliza a rede principalmente como instrumento de comunicação, isto é, apenas como um canal a mais para fazer as mesmas coisas que já fazia até então. Não se percebe o desenvolvimento das novas dinâmicas que a rede possibilita, principalmente suas características dialógicas e colaborativas. Por sua vez, outros movimentos entraram mais intensamente nas novas dinâmicas da rede. Muitos movimentos estão também absorvendo, aliadas às características mais tradicionais dos movimentos sociais, as possibilidades trazidas pelas ferramentas de tecnologias de informação, mas têm também se reconfigurado segundo as novas características daquilo que se tem convencido chamar de novos ou novíssimos movimentos sociais.

### ➤ **Os coletivos ou movimentos inorgânicos**

Por certo, os coletivos são um dos elementos mais excitantes que surge no panorama dos movimentos sociais. Acompanhando a perda de dureza, que começamos a ver no último tópico, os coletivos enchem de incerteza a análise. Ao olharmos para a tabela 2, percebemos uma pequena divisão operada basicamente pelo nome dos coletivos. Alguns aludem aos nomes das manifestações e acontecimentos ocorridos em Portugal. É o caso do “15 Outubro” ou “M12M”, que remontam às grandes manifestações acontecidas nessas datas. Por outro lado, estão os nomes que se vêm se tornando ícones dos movimentos da Internet e, principalmente, desde as manifestações de 2011. São eles anonymous, occupy, indignados, revolução já, wikileaks, entre outros, que vão sendo apropriados, reestilizados, reconfigurados.

Em geral, os coletivos são menos estruturados e mais fluidos que as organizações de movimentos sociais. Um conjunto de pessoas, geralmente não muitas, que se reúnem e trabalham em torno de determinadas causas, muitas vezes de modo mais pragmático. Em muitos casos na literatura, o fenômeno dos coletivos é associado aos movimentos sociais de segunda geração ou novíssimos movimentos sociais. Mas a Internet dá novo fôlego a esses coletivos, possibilitando grandes transformações. Eles

podem organizar reuniões físicas ou nem isso, como costuma ser o caso das iniciativas “anonymous ou organizar *flash mobs*. Geralmente esses nomes são apropriados e nessa apropriação vários dos elementos iniciais são reconfigurados. Em sua acepção geral, a resultante do encontro desses coletivos poderia ser interpretada como uma nova forma de ação coletiva ou mesmo uma nova configuração de movimento social (Pereira, 2008; Pastor Verdù, 2006).

Esses movimentos vêm sendo identificados muitas vezes como “movimentos inorgânicos e espontâneos”. Por outro lado, muitos ressaltam que não poderiam sê-lo partindo da biografia dos organizadores (Pereira, 2009). Contudo, outros elementos devem ser agregados a essa equação. Trata-se de grupos pequenos com uma participação flutuante, mas que não ultrapassa um cento de integrantes e que, em determinados momentos, são capazes de juntar mais de um milhão de pessoas, com ampla abrangência de estratos sociais, negando vinculação seja com os partidos políticos, seja com a central sindical.

Um dos casos mais emblemáticos é o caso do 12 de Março (12 comentários em média). Até esta data ainda não se tratava de um movimento, mas da convocação feita por quatro jovens para uma manifestação nesse dia. Na esteira desse movimento, surgiu um coletivo com esse mesmo nome.

Assim como esses, outros coletivos destacaram-se em relação à organização bem sucedida de manifestações, como é o caso das plataformas “15 de outubro” (11 comentários em média) ou do “Que se lixe a Troika, queremos nossas vidas” (em média 18 comentários). Alguns analistas indicam que a espontaneidade desses movimentos é apenas relativa ou mesmo não existe, pois muitos de seus membros estão ligados já a movimentos sociais anteriores ou tendências políticas determinadas; outros veem nessas iniciativas intenção da oposição (da política, do mercado) para desestabilização política. Contudo, o que nos parece mais relevante não é levado em conta nessas análises: por mais que esses coletivos sejam núcleos que convidam, que agendem as manifestações com as instituições públicas, eles não são donos/líderes/condutores do movimento. O controle desses grupos sobre os aderentes é bastante fraco e muitas vezes não se sabe nem mesmo quem fala pelo grupo. São centros de estabilidade, mas em uma relação muita mais aberta. As pessoas que seguem para as manifestações não são membros nem estão ratificando que se fale por elas. Enfim, são canais que permitem polifonias, que organizam ações que em seguida são apropriadas por vários outros. Nas manifestações desses coletivos, é possível ver as bandeiras de diferentes causas e reivindicações.

Na Internet, essas páginas dedicam-se em grande parte à mobilização estrita: divulgação das manifestações e seus efeitos, motivações para a participação, ações realizadas, técnicas de ações diretas, imagens e pensamentos.

A outra parte desses coletivos são os que dialogam com outras iniciativas do ciclo de protestos mais que amplamente utilizaram a Internet. Um dos mais seguidos e ativos nós nesse sentido é o “Tugaleaks” (39,11 comentários em média). Em seu nome, o perfil já alude à famosa iniciativa de divulgação de documentos e informações que agitou a política internacional. Trata-se de um perfil noticioso, com bastante interação com os usuários e que divulga informações de diversas naturezas, não apenas documentos secretos. Mas há também um “WikileaksPortugal” (20,33 comentários em média), que se direciona ao intento de divulgar documentos e informações pouco transparentes.

As iniciativas conectadas a outras iniciativas são diversas e variadas. É o caso dos Indignados ou Democracia Real Já, nome pelo qual se popularizaram os protestos do ano de 2011, principalmente aqueles que culminaram nas acampadas espanholas, ou ainda dos Occupy, nome popularizado pelas acampadas em outubro, principalmente nos Estados Unidos, cujo maior expoente é aquele de Nova Iorque. Há ainda as iniciativas de tipo Anonymous, que se têm popularizado em toda a Internet, principalmente por seu ativismo de tipo hacker.

A atuação desses grupos ocorre basicamente na Internet. Eles vão principalmente criando canais de comunicação e informação, mas cada um com um tipo de enfoque; eles podem dar foco a notícias internacionais, selecionar notícias dos grandes veículos, com informações dos próprios movimentos sociais e de lugares sem grande destaque geralmente, além de criar imagens, montagens, *mashups* e assim por diante, como pudemos perceber nas imagens do capítulo anterior. São canais diferenciados, em relação aos anteriores, pois possuem um caráter de anonimato ainda maior, com expressão focada fundamentalmente na Internet. Nesse caso fica muito clara a relação entre intensidade de atividade e popularidade.

### ➤ Os ciberativistas

Os ciberativistas são pessoas de vida comum que se apropriam em maior ou menor medida da Internet para fazer política, que jogam papel importante ao serem *gatekeepers*. A dinâmica do usuário na Internet, que ao mesmo tempo em que funciona

como receptor é também um emissor de mensagens. Um exemplo bastante interessante, e única página deste tipo acompanhada sistematicamente por nós, é o do perfil de “Paulo de Moraes”, professor universitário e diretor do Instituto de Estudos Eleitorais da Universidade Lusófona do Porto, que vem denunciando a corrupção, a promiscuidade entre os poderes políticos e os poderes econômicos e a inconstitucionalidade preconizada por alguns escritórios de advogados. O professor abriu um perfil no Facebook que tem sido um importante nó de mobilização contra os malfeitos na administração pública.

Outro dado interessante é que a grande maioria desses perfis foi aberta entre os anos de 2011 e 2012, principalmente entre aqueles de coletivos. Por outro lado, os perfis de organizações são mais antigos.

A tabela 3 apresenta a frequência de postagens pelo tipo de estrutura apresentadas acima. Aquilo que denominamos coletivos concentram a grande maioria das mensagens divulgadas, 85,7% delas.

**Tabela 3- Número de postagem pelo tipo de grupo**

| classificação das páginas | Frequência | Percentual |
|---------------------------|------------|------------|
| organização               | 91         | 12,1       |
| coletivo                  | 645        | 85,7       |
| indivíduo                 | 17         | 2,3        |
| total                     | 753        | 100        |

Elaboração própria a partir das mensagens publicadas no Facebook nas páginas de Portugal, entre 01/08/2013 a 31/08/2013

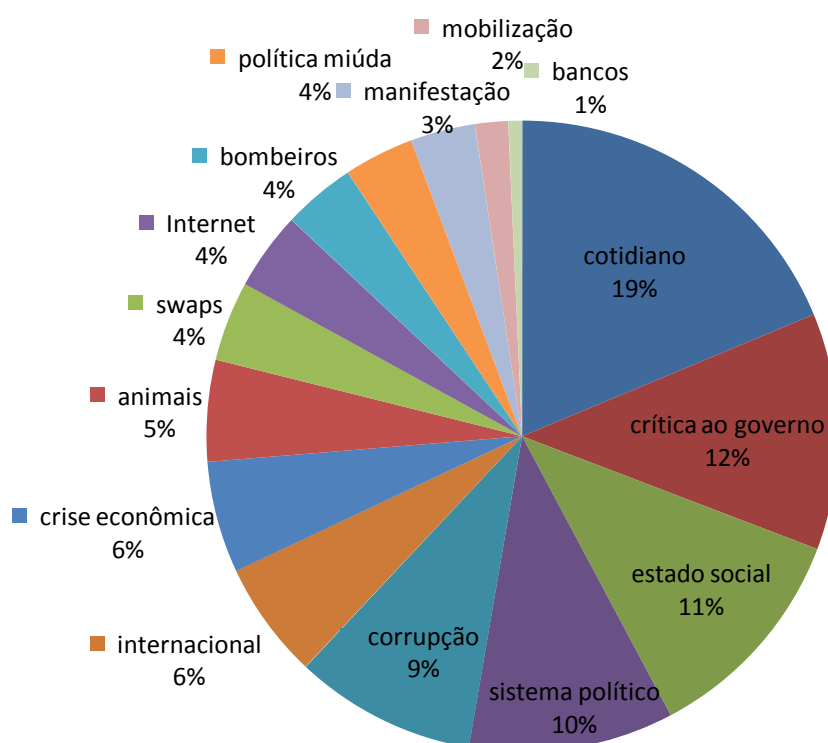
Esse conhecimento a respeito das páginas, ainda não nos revela em sua totalidade as características das páginas estudadas, isto porque muito de suas identidades é construída através das mensagens que publicam, principalmente em termos dos assuntos abordados. Além disso, mais que as próprias páginas, são as mensagens que funcionam mais especificamente como agentes mobilizadores, pois é através delas que se busca a mudança de posicionamento das pessoas. É nesse sentido que propomos rastrear os assuntos das mensagens acompanhadas na próxima seção.

### 1.2.2. As mensagens

As mensagens são o principal elemento para a mobilização no Facebook, uma vez que são elas que portam os significados, intenções, ações dos diversos atores. A ferramenta está estruturada de modo que a expressão dá-se pela publicação de mensagens, por isso, as mensagens são a principal modalidade de ação possível.

Apresentamos aqui as temáticas e os conflitos que fomos encontrando ao longo das mensagens publicadas. Esta classificação busca ser extensiva, mas apenas até certo limite, para que não perdêssemos as relações que as mensagens mantêm umas com as outras. Por essa razão, muitas das mensagens possuem elementos de uma e outra classificação, mas foram classificadas pela preponderância dos assuntos. O gráfico 3 apresenta os assuntos da classificação a partir dos percentuais de mensagens abordados. São 15 categorias, sendo que as mais frequentes são cotidiano, crítica ao governo, estado social, sistema político e corrupção, com 19, 12, 11, 10 e 9 por cento, respectivamente.

**Gráfico 3 - Percentual de mensagens por assunto**



Elaboração própria a partir das mensagens publicadas no Facebook nas páginas de Portugal, entre 01/08/2013 a 31/08/2013

Paralelamente, realizamos uma segunda classificação, com o objetivo de aumentar a qualidade da exposição dos assuntos e acrescentar mais uma dimensão de análise a este conjunto de mensagens. Dividimo-nas em dois grupos que denominamos conjuntura e estrutura (a divisão das categorias encontra-se na tabela 4). Ainda que as categorias não sejam exatas elas ajudam bastante na formatação de uma visão geral sobre os assuntos. O interesse é demonstrar os assuntos que se prolongam no tempo e aqueles que são tópicos de discussão por apenas um curtíssimo período, por vezes, de um ou dois dias. Mais uma vez, a classificação foi feita por preponderância, mas muitas das mensagens encontram-se em uma espécie de limbo entre uma categoria e outra.

### ➤ **Estrutura**

A categoria “Estrutura” capta os assuntos e temáticas observados como recorrentes nas mensagens das páginas não só no período de tempo abordado no recorte deste trabalho, entre 01 de agosto de 2013 a 31 de agosto de 2013, mas durante todo o período de observação iniciado em setembro de 2012 e até outubro de 2013.

### **Crise econômica**

Dentre os incluídos categoria “estrutura”, o mais genérico deles é a “crise econômica”. Compondo 5,7% das mensagens, essa temática se refere aos aspectos gerais quando se fala da crise pela qual passa não só Portugal, mas toda zona do Euro, incluindo aí as ações da Troika e suas demandas por austeridade.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> A Troika é a equipe constituída por representantes da Comissão Europeia, do Banco Central Europeu e do Fundo Monetário Internacional no intuito de ajudar os Estados a administrarem suas dívidas. Esses organismos, os maiores financiadores dos países na zona do euro, têm como função avaliar as contas reais de cada país e a partir daí definir as suas necessidades de financiamento. A avaliação geral da Troika tem sido de que os Estados “viveram além de suas possibilidades”, gastando mais do que o que eram capazes de arrecadar, e que a medida básica de ação é o enxugamento de seus gastos e despesas para, assim, construir superávits que permitam pagar as suas dívidas, em outras palavras, a Troika oferece como solução um pacote de austeridade.

## **Degradação do Estado Social**

Uma consequência dos tempos de crise tem sido a desintegração do Estado de bem-estar na sociedade portuguesa. Os indicadores e as notícias sobre o assunto avolumam-se e essa é uma percepção muito clara para os atores que observamos. Um percentual de 11,4% das mensagens analisadas foram associadas a esta categoria. Neste ínterim, muitos indicam que a qualidade de vida dos portugueses vem diminuindo nos últimos anos e que as condições de vida da população são cada vez mais precárias.

O número de notícias que encontramos sobre o assunto é grande e indicam que o número de trabalhadores precários e desempregados ultrapassa a metade da população ativa do país e que os salários dos trabalhadores estão congelados. Além disso, que continua aumentando o número de desempregados e que o número de pessoas que saem de Portugal em busca de trabalho é cada vez maior.

Vários desses indicadores utilizados nas mensagens apresentam uma degradação na qualidade de vida e aumento da desigualdade social. E muitos criticam que, mais do que uma diminuição nas rendas, vem ocorrendo também uma transferência de renda.

Além disso, outros assuntos são o aumento de impostos, a redução de benefícios (pensões, salários, seguros), a demissão de funcionários, a privatização de empresas. Por outra via, benefícios a determinados setores de negócios. Muitas opiniões encontradas indicam que o que o orçamento empreende é o ganho de uns a custas de outros; e, como não poderia deixar de ser, é um campo de disputa que se abre para decidir quem afinal realmente ganha e quem afinal perde<sup>6</sup>.

### **Bancos**

O outro lado da moeda é representado pelo sistema financeiro. Ainda que constem em um percentual de apenas 0,7% das mensagens, eles são assunto corrente e indireto em várias outras mensagens. Nas mensagens, eles são representados como os

---

<sup>6</sup> Duas das maiores manifestações ocorridas em Portugal, em 15/10/2011 e em 15/09/2012, estão diretamente ligadas a questões envolvendo o orçamento. Na primeira, o parlamento ameaçava retirar o benefício de férias e de natal dos trabalhadores. Em outra, o governo anunciava alterações à Taxa Social Única, reduzindo as contribuições patronais para a segurança social e aumentando a proporção das contribuições dos trabalhadores. Associado a isso, houve um aumento do IVA.

grandes beneficiários dos resgates empreendidos pelo Estado e como aqueles que tendem a ganhar grande parte das disputas em torno do orçamento. Muitos se questionam sobre a obrigação dos Estados de oferecerem pronto apoio a instituições privadas e, dessa maneira, socializarem as dívidas para o conjunto da população e argumentam que bancos salvos pelo Estado deveriam ser nacionalizados. Outros apontam também que os bancos vêm praticando taxas abusivas, demonstrando lucros extraordinários e aumentando suas fortunas. Outro importante tópico das mensagens é o conhecido caso BPN, uma história de corrupção, correntemente reconhecida como responsável por parte da situação complicada em que Portugal se encontra.<sup>7</sup>

### **Corrupção**

O caso BPN é um dos mais citados casos de corrupção no país, mas em sua esteira vários outros vão “pipocando”. As mensagens apontam que as repartições públicas convertem-se em balcões de negócios, com uma enorme variedade de casos: favorecimentos em obras públicas, cartéis, superfaturamento, mudanças de regimes legais e concessões de isenções, tráfico de influência e favores, venda de patrimônio público por valores baixos, desvio de verbas. Além disso, as mensagens de corrupção vêm associadas à legitimidade do sistema político e seu funcionamento. Essa categoria de mensagem foi verificada como preponderante em 9% das mensagens.

---

<sup>7</sup>Esse trecho de uma reportagem ajuda a compreender alguns aspectos do caso BPN. “A história do BPN resume-se em três fases. No tempo de Cavaco Silva, um bando de empresários ligados ao PSD, que nada percebiam de Banca, criou o BPN com o apoio institucional do Governo, em troca de apoios ao partido do poder. Ao longo de anos, a Sociedade Lusa de Negócios, grupo detentor do banco, realizou todo o tipo de negócios, com financiamento do BPN. Acumulou as vantagens patrimoniais nas empresas da SLN, enquanto os prejuízos engrossavam o passivo do banco.

Em 2008, a pretexto da crise financeira, José Sócrates e Teixeira dos Santos nacionalizaram o banco, assumindo os seus colossais prejuízos. Inexplicável e criminosamente não nacionalizaram também a SLN, detentora dos melhores activos. De seguida, e com a vinda da troika, o Estado saneou as finanças do banco e vendeu-o aos angolanos, pelo preço de saldo de quarenta milhões. O Governo ainda assumiu todo o lixo do BPN, todas as dívidas resultantes de vigarices inimagináveis, desde créditos imobiliários sem garantias, até duplos financiamentos a um mesmo bem. Para armazenar o lixo do BPN, foi criado o ‘badbank’ Parvalorem.”. Cf. Desfalque de banco português. Em <<http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/opinioao/crime-sem-castigo003049640>> Acesso em 22 de janeiro de 2014.

## **Sistema político e crítica ao governo**

As categorias sistema político e crítica ao governo são tema de mensagens em 10% e 12% das mensagens, respectivamente. Na espiral aberta pela crise e pela corrupção, o sistema político e a representação entram na mira da indignação e da controvérsia. No ano de 2011, início da crise das dívidas soberanas, o Partido Socialista, de centro-esquerda, estava no governo. Neste ano, após as grandes manifestações, houve eleições e o partido de centro-direita, o PSD, em coalizão com o CDS, direita, subiu ao governo, com a promessa de não ceder espaço maior à austeridade. Esse quadro é relatado em várias mensagens por meio do repúdio ao governo constituído e ao sistema político em geral. Muitos portugueses parecem desiludidos com a via das manifestações e acreditam que os governos, tanto à direita quanto à esquerda, são corruptos, mas até mesmo por isso não acreditam em outra via.

## **Animais**

Tema mais distante dos anteriormente apontados refere-se geralmente a protestos contra touradas ou aos maus tratos a cães. Este é um tema sempre presente e cada novo caso ou notícia as campanhas sobre o assunto se reacendem. No nosso caso, 5% das mensagens estavam dedicadas a esta temática

## **Mobilização**

Essa categoria, assimilada enquanto mensagens especificamente de mobilização, são responsáveis por apenas 2% de nosso total. Trata-se, em geral, de mensagens que trazem um aspecto especificamente motivacional e afetivo para a ação política.

Figura 2 - Mensagens de mobilização publicadas por "Tugaleaks" em 08/2013



As mensagens que se dedicam diretamente à mobilização fecham as categorias agrupadas enquanto temas estruturais (tabela 4). Foram assim tratados porque estes temas mostram uma constância em sua abordagem, não só no período de recorte destas mensagens, mas de todo o nosso período de observação. Neste sentido, poderíamos dizer que estes temas são os pontos centrais da ação destas páginas, para os quais estão voltadas seus esforços e estratégias.

**Tabela 4 - Divisão dos assuntos em estrutura e conjuntura**

| <b>Conjuntura</b> | <b>Estrutura</b> |
|-------------------|------------------|
| Internet          | Animais          |
| Manifestação      | Mobilização      |
| Política Miúda    | Sistema político |
| Swap              | Bancos           |
| Bombeiros         | Corrupção        |
| Cotidiano         | Crise econômica  |
| Internacional     | Crítica governo  |
|                   | Estado social    |

Elaboração própria

Nossa segunda categoria absorve outra face da ação das páginas na Internet com relação as suas ações e funcionamento. Esta categoria está altamente marcada pelas dinâmicas do dia a dia, pelos assuntos que são pautas dos jornais diários pelos acontecimentos gerais. Essa categoria soma 43,4% das mensagens, o que significa um grande peso. Contudo, a maioria destas mensagens estão associadas ao universo da política.

### ➤ **Conjuntura**

Os temas associados a essa categoria tendem a ser mais passageiros que os anteriores, sendo moldados principalmente acontecimentos diários ou pelos noticiários. Dois temas agrupados aí mantêm uma forte relação com o grupo anterior, mas são mais passageiros e fugazes. É o caso do que denominamos Política miúda, isto é, os acontecimentos diários de política interna, e Swaps, que é um escândalo específico de corrupção e mal feitos na administração pública. Ambos com 4% das mensagens.

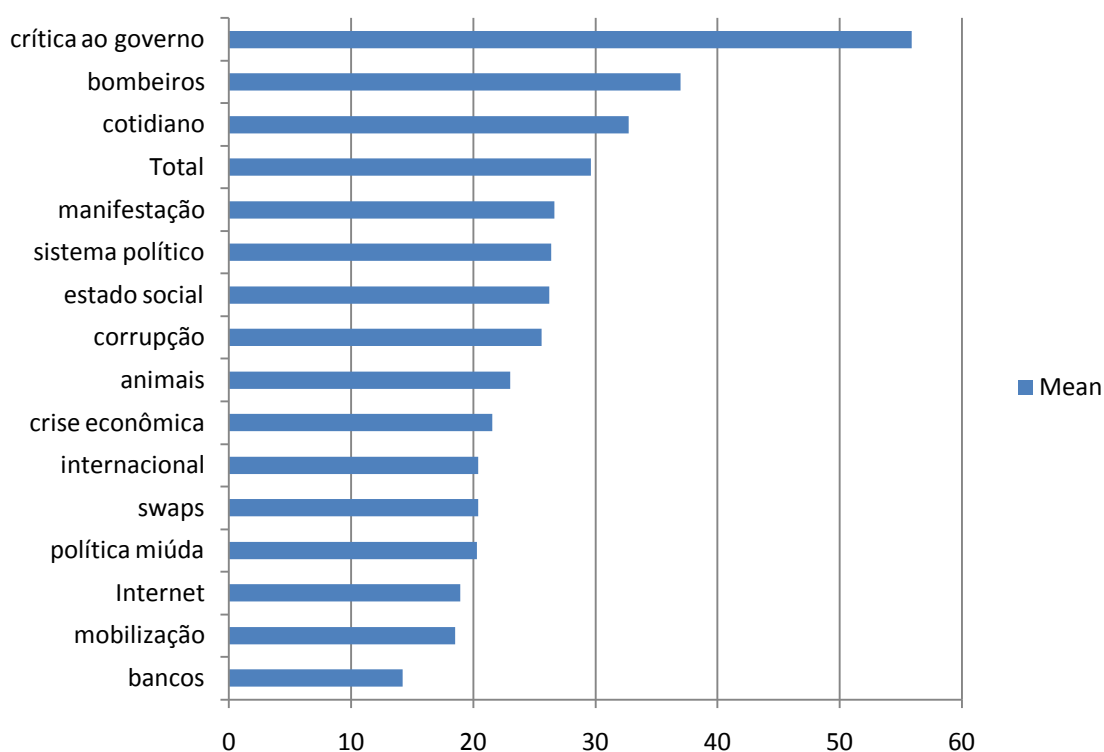
A categoria Internet relaciona-se notícias e revelações à cerca da Internet, em alguma medida tem um caráter metareflexivo, mas assoma-se a estes acontecimentos as revelações de Snowden a respeito da espionagem americana e do funcionamento da NSA. São 4% das mensagens dedicadas a esta temática. Enquanto isto, a categoria Internacional conta com 6% da atenção das mensagens e relaciona-se aos acontecimentos da ameaça de invasão dos EUA à Síria ou aos vários acontecimentos fora de Portugal no período marcado.

A categoria Bombeiros agrega os acontecimentos relacionados a essa classe profissional que esteve em grande destaque na ocasião porque no mês de agosto fez muito calor em Portugal e ocorreram vários incêndios, sendo que a classe profissional foi protagonista neste tipo de situação. Ao passo que a categoria Manifestação refere-se ao relato e divulgação de algumas manifestações que ocorreram nesse período.

Por último, Cotidiano é a mais volumosa de todas as categorias, com 19% das mensagens, contudo, ela agrupa as coisas mais variadas e diversas que vão tendo espaço no dia a dia.

Por seu turno, o gráfico 4 permite-nos avaliar qual é são os assuntos em média mais comentados pelos usuários. Crítica ao governo é destacadamente a categoria com maior média de comentários (55,9), seguida por bombeiros, cotidiano e manifestação, com 37%, 32,7% e 26,6%. A partir deste ponto, são preponderantes as categorias ditas estruturais: sistema político, estado social, corrupção, animais, crise econômica 26,4%, 26,2%, 25,6% e 23,0%, respectivamente.

**Gráfico 4 - Média de comentários por página**



Elaboração própria a partir das mensagens publicadas no Facebook nas páginas de Portugal, entre 01/08/2013 a 31/08/2013

### 1.2.3. Os repertórios

O Facebook representa apenas uma das ferramentas dentro da variedade de recursos de recursos da Web que potencialmente utilizados para mobilização. Os autores discutidos na revisão da literatura enfatizam este aspecto. Há um aumento de permeabilidade entre as mídias, o que é particularmente evidente no Facebook, em que as mensagens que analisamos trazem vídeos, notícias, fotos, textos e assim por diante.

Além disso, os autores ressaltam também a facilidade com que as mensagens fluem, o que é particularmente perceptível quando abordamos as ferramentas de compartilhamento, que cumprem exatamente esta função de facilitar a difusão das informações de um ponto a outro da rede. Além disso, as informações ao serem retransmitidas podem ser adaptadas e reestilizadas para alcançar novos públicos.

Como já foi amplamente abordado, a Internet aportou uma diversidade de novos elementos para uso nas mais diversos âmbitos da vida. No âmbito da ação política, frequentemente se abordam a rapidez e facilidade trazida pela Internet na divulgação e na organização de vários tipos de ação. A agilidade dessa comunicação abre grandes oportunidades para ação política, como o alcance de grandes audiências, sem a necessidade dos intermediários privilegiados. Outra mudança trazida pelos equipamentos digitais é o empoderamento dos indivíduos comuns em termos de produção e divulgação de conteúdos simbólicos.

Neste sentido, confirmamos também as indicações da teoria. As páginas de Facebook representam uma estratégia que permite campanhas permanentes, comunicação em diversas redes, redes podem ser reconfiguradas rapidamente, novas mídias podem alterar fluxos de informação através das mídias de massa.

O que os próximos capítulos irá nos permitir verificar melhor é exatamente o âmbito dos repertórios de ação coletiva abertos pela Web que se referem à criação de formas atraentes e convergentes de ação cidadã on-line; a promoção da confiança distribuída em grupos de cidadãos ligados horizontalmente; a fundição de discursospolíticos a outros.

## **2. Sociabilidade**

“A vida é arte do encontro  
Embora haja tanto desencontro pela vida”

Vinícius de Moraes

## 2.1. Discussão teórica

### 2.1.1. Abordagens da sociabilidade

Ao longo do último século, a sociabilidade foi abordada por meio de ao menos duas diferentes percepções não exatamente estranhas, mas de todo modo independentes. De uma lado, ela é compreendida no sentido de interação, relação social. Por outro, ela é compreendida como a criação de laços sociais e o conjunto de laços sociais possuídos por indivíduos. Tendo em vista essas várias acepções, valemo-nos do trabalho de três autores que rastrearam, em certa medida, essa complexidade.

Marcelo (2001) aponta para o aspecto de interação comumente associado ao conceito. Neste sentido, ela indica o conceito de Baechler (1995: 57 *apud* Marcelo, 2001:39), para o qual a sociabilidade pode ser definida como “... a capacidade humana de estabelecer redes através das quais as unidades de actividades, individuais ou colectivas, fazem circular as informações que exprimem os seus interesses, gostos, paixões, opiniões...: vizinhos, públicos, salões, círculos, cortes reais, mercados, classes sociais, civilizações,...”; ou o conceito de Gurvitch (s.d.: 147 I *apud ibidem*), para o qual “... os elementos componentes mais elementares da realidade social são constituídos pelas múltiplas maneiras de estar ligado pelo todo ou no todo, ou por manifestações da (39) *sociabilidade...*”.

Desta maneira, a autora explora algumas facetas da noção de interação remetendo principalmente a abordagem goffmaniana com foco principalmente na partilha do mesmo contexto espaço-temporal, onde os indivíduos interagem uns com os outros numa relação física e presencial. Para essa abordagem, a interação social pode ser definida como ambientes nos quais dois indivíduos estão fisicamente na presença um do outro e esperando mutuamente determinado tipo de reação da outra parte. A conversação configura-se assim em uma das principais modalidades de interação existentes.

Nessa perspectiva os conceitos de grupo e de encontro são importantes auxiliares, uma vez que indicam, no caso do encontro, que a interação só ocorre quando as partes envolvidas estão fisicamente na presença uma da outra, ou, no caso do grupo, que a interação mantêm-se ainda que os seus membros não estejam juntos, ou seja, ainda que os seus elementos não estejam fisicamente presentes.

Por outra via, Cypriano apresenta autores que indicam a sociabilidade como o conjunto das relações interpessoais de uma determinada rede, ou de um indivíduo, no qual estão inseridas as várias formas em que tais relações são realizadas. Nesta direção vai a definição de Alain Degenne e Michel Forsé de que “a sociabilidade não deve ser entendida como uma qualidade intrínseca de um indivíduo que permitiria distinguir aqueles que são ‘sociáveis’ daqueles que são menos, mas como o conjunto de relações que um indivíduo (ou um grupo) mantém com outros, tendo em conta a forma que essas relações tomam” (Degenne & Forsé, 2004: 35 *apud* Cypriano, 2013: 98) ou ainda a proposta de Já Pierre Mercklé de que “definir a sociabilidade seja pelo recenseamento e pelas características das interações, no quadro de estudos sobre as ‘redes pessoais’, seja a partir de suas manifestações exteriores mais facilmente apreensíveis e mensuráveis” (Mercklé, 2011: 38 *apud* Cypriano, 2013: 98).

Assim, Cypriano (2013) pondera que ambas as propostas estão voltadas principalmente para uma tentativa de operacionalizar a noção nas pesquisas das redes de relações sociais, sem com isso voltar o foco para a dimensão estritamente pessoal e subjetiva desse tipo de engajamento. A autora ressalta, porém, que essas definições por eles apresentadas não ajudam a traçar um tipo específico de relação, deixando que ele acolha uma diversidade de interações.

A autora ressalta ainda que por vezes o conceito de sociabilidade é assimilado através de uma gama de práticas vinculadas a atividades de lazer ou ao uso do tempo livre, como “a prática de esporte, as saídas, a frequência de associações, as recepções em casa, as recepções na casa dos outros, a frequência de cafés, o jogo de cartas, a dança” (Degenne & Forsé, 2004: 44 *apud* Cypriano, 2013: 98). Mas é interessante destacar mais uma vez a assimilação da noção de sociabilidade como conjunto de relações dos indivíduos e não como um atributo deles ou uma motivação particular evocada caso a caso.

Salin (2014), por seu turno destaca em sua revisão do conceito a definição dele como um processo de criação de laços sociais. Assim, o autor direciona-se às análises de Elias sobre a interdependência e a figuração. A interdependência seria o que liga os homens uns aos outros, isto é, o entrelaçamento das dependências. Como os homens são, por aprendizado e socialização, mutuamente dependentes entre si, eles só existe enquanto pluralidade. Esse é o centro do que o autor irá denominar figuração.

A figuração aponta que os seres humanos são inevitavelmente interdependentes e suas vidas são moldadas pelos entrelaçamentos que formam uns com os outros. Elas

estão continuamente em fluxo, passando por mudanças de ordens diversas, além disso, seus processos possuem dinâmicas próprias. Cada figuração implica diferentes valências relacionais e os indivíduos tecem essas relações de interdependência, que estão mediados por balanços de poder que não são construídos ou impostos de forma externa, como pela trama dos vínculos.

“Esta é a razão pela qual, como já foi dito, não é muito proveitoso se compreender como imagem dos homens a imagem dos homens singulares. É mais adequado quando se representa como imagem dos homens uma imagem de vários homens interdependentes que formam figurações entre si, portanto grupos ou sociedades de tipo variado. A partir desse fundamento desaparece a discrepância das imagens tradicionais de homens. [...] a sociedade é o próprio entrelaçamento das interdependências formadas pelos indivíduos” (Elias, 1994)

É por esse viés da interdependência que Barreto (2014) irá explorar a noção de sociabilidade, ressaltando a teia social como uma cadeia ininterrupta de ações que associam os indivíduos em uma trama complexa de relações que as ligam a diversos grupos interdependentes.

### **2.1.2. Sociabilidade na Internet: as “comunidades virtuais”**

Temos, portanto, uma concepção de sociabilidade que remete a um fenômeno amplo e genérico da interação e relação social. Em grande medida, estes elementos já foram objeto de grande debate em sua manifestação na Internet, por meio da noção de comunidades virtuais. Debate este que Wellman e Gulia (1997) clarificam.

Em meio a opiniões maniqueístas, simplistas, leigas ou paroquiais sobre a qualidade da interação empreendida através da Web, Wellman e Gulia apresentam dados que ajudam a construir um debate mais acadêmico e sólido sobre esse campo de interações em que se constituem as comunidades virtuais. A reflexão desses autores permite, portanto, melhor evidenciar o funcionamento das comunidades virtuais. Da mesma maneira, permitem também que identifiquemos com maior clareza os elementos da sociabilidade

anteriormente indicados. O debate dos autores desenvolve-se através de sete perguntas norteadoras.

1. As relações na Internet são estreitas e especializadas ou são de base alargada? Que tipo de suporte se pode esperar encontrar em uma comunidade virtual? A resposta dos autores para essa questão é de que as comunidades são muitas vezes baseadas em informações e temas específicos e estreitos. Contudo, os participantes muitas vezes encontram a outros que estão enfrentando problemas sociais, sentimentos ou sintomas físicos semelhantes o que tende a alargar o espectro de relações. “Even when on-line groups are not designed to be supportive, they often are” (*idem*: 7).

2. De que maneira são os muitos laços fracos na Internet úteis? Para eles, os laços fracos são mais propensos a ligar as pessoas com diferentes características sociais, o que concede a grupos heterogêneos uma base maior de habilidades para a resolução de problemas.

3. Existe reciprocidade online e apego às comunidades virtuais? A conclusão é de que há uma quantidade impressionante de reciprocidade, o que pode ser motivado por simples bondade, por desejo de ganhar ou manter o capital social, ou por normas comunitárias de reciprocidade e/ou cidadania. O apego ao grupo está vinculado à ajuda mútua.

4. São possíveis os laços íntimos e fortes on-line? Relacionamentos virtuais compartilham o mesmo dos mesmos critérios dos relacionamentos íntimos fortes físicos, mas os autores ponderam que esses relacionamentos não podem atender exatamente a todos os critérios devido aos constrangimentos do meio. De todo modo, esta questão permanece ainda vaga na literatura.

5. Como a comunidade virtual afeta a comunidade da “vida real”? Os autores listam uma série de razões pelas quais essa dicotomia é falsa. Não devemos supor que a participação em uma comunidade virtual é prejudicial para as comunidades da vida real, uma vez que comunidade não é um jogo de soma zero. Ambas as comunidades se misturam na vida do participante e não precisam ser mutuamente excludentes.

6. A Internet aumenta a diversidade das comunidades? Para eles, sim, já que nesse contexto classe/gênero/raça não importam.

7. Comunidades virtuais são comunidades reais? Eles são diferentes, mas real. “They are not Just pale imitations of ‘real life’. The Net is the Net” (*idem*: 16). Os laços desenvolvidos na Net são baseados nos relacionamentos da “vida real”.

### **2.1.3. Algumas definições e indicadores para a análise da sociabilidade**

Notemos que a noção de comunidade virtual é capaz expressar bem no âmbito da Internet a noção de sociabilidade de tipo mais amplo, que remete à interação, à relação social, a interdependência e até mesmo às associadas da sociabilidade com as atividades lúdicas e de lazer.

Faremos a análise da sociabilidade em dois níveis, tentando verificar se as páginas analisadas podem ser configuradas enquanto comunidades virtuais e, em caso positivo, se estas comunidades proporcionam relações específicas e especializadas ou relações mais amplas e diversificadas, se os laços presentes são de tipo forte ou fraco, se há a presença de reciprocidade entre os pares. Com relação aos dados, mais uma vez lançamos de:

- As informações e anotações recolhidas ao longo do período de observação participante e na Internet.
- As mensagens publicadas ao longo do mês de agosto de 2013.

Observamos que o primeiro esforço para capturar o funcionamento das páginas no Facebook enquanto comunidades virtuais está no recorte escolhido de analisar publicações que tivessem um número mínimo de comentários. Essa escolha deu-se pela constatação de que dado o formato da ferramenta Facebook, a principal forma de interação entre pessoas dá-se pelo mecanismo de comentar, ainda que a relação puramente aconteça por meio de diversas outras expressões. Neste caso especificamente as análises são basicamente qualitativas, utilizando o programa NVIVO 10 para codificação do material.

Enfim, nossa codificação tinha por objetivo verificar se nos comentários das publicações encontravam-se dinâmicas de conversações, com participantes respondendo uns aos outros, mantendo-se nas conversas, acrescentando informações etc. Além disso, verificamos se a amplitude de assuntos dos comentários restringia-se àquele das publicações ou se os participantes desenvolviam ali outros assuntos independentes. Se os assuntos restringiam-se ao terreno da política ao se extravasavam para outras esferas da vida. Além disso, trazemos à análise a confrontação produzida pela observação da dinâmica de outros tipos de páginas, as páginas pessoais.

## **2.2. Dados e discussão**

### **2.2.1. As dinâmicas da conversação: uma análise da sociabilidade através dos comentários no Facebook**

O primeiro passo definido por nossa análise foi definir se os espaços de comentários das mensagens postadas poderiam ser caracterizados como o ponto de encontro de uma comunidade virtual, que se desenvolveria pela participação dos indivíduos que seguem as postagens da página. A relação pode dar-se por meio de mecanismos como os comentários, os curtis, os aceite de amizade. Optamos pelos comentários por eles representarem um espaço de diálogo no qual a possibilidade de encontrar a interação entre indivíduos é maior. O formato de página (diferentemente de outros possíveis, como o de grupo) cria certa assimetria entre os administradores e os participantes, isto porque a possibilidade de publicação é restrita (ou seja, de iniciativa) é restrita aos administradores. Essa configuração coloca os administradores em uma posição de provedores de conteúdo de interesse para um conjunto de pessoas que classificam esse portal (*gatekeeper*) como valioso.

Dessa perspectiva, o espaço reservado para os comentários parece figurar apenas como um acessório. Contudo, nossa análise revela um cenário diferente. Ainda que seja um recurso nem sempre usado, os comentários são um espaço potencial para a interação. Para exemplificar nossos achados, selecionamos uma conversa desenvolvida a partir de uma publicação da página “Job for the Boys”. A postagem da figura 3 foi classificada pelo tipo de mensagem como uma “montagem” e pelo assunto como “sistema político”. Esta classificação deveu-se à mensagem criticar a alternância de apenas três partidos no governo português. Mensagens com esta temática são bastante frequentes, utilizando diferentes rearranjos. De todo modo, a mensagem tem ainda assim um caráter mobilizador (ou desmobilizador) na tentativa de desviar os votos destes partidos para outros.

O Facebook contabiliza como comentários, apenas aqueles ligados diretamente à postagem e não as réplicas. Por esse motivo, a postagem aqui apresentada, apesar da intensa conversação que suscitou, tinha apenas número mínimo de comentários de nossa análise. Notemos também, essa mensagem ganhou 127 curtis e foi compartilhada 87

vezes. As mensagens terem muito mais curtis e compartilhamento que comentários é um padrão constante, que em geral só não se reproduz em mensagens do tipo interação, que discutiremos melhor adiante. Isso indica que as mensagens, quando bem recebidas, respondem muito mais facilmente àquilo para o que foi configurada a ferramenta, a circulação de mensagens. No caso da figura apresentada, o primeiro comentário visualizado, Hugo (flecha laranja) apresenta uma alternativa tão pouco eficiente quanto votar nos mesmos. O administrador da página (flecha cinza) acrescenta uma replica e mais uma pessoa, o Manuel, envolve-se na conversação. O Hugo retorna para contestar as colocações dos anteriores em uma tréplica. Ainda outros participantes aparecem para acrescentar informações e o administrador da página retorna outras vezes no debate.

Percebemos nesse caso, que as pessoas estão engajadas em uma conversação: estão atentas às respostas dos interlocutores, retornam para arguir, colocar outras questões, retificar, posições. Outros interlocutores vão se juntando aos debatedores colocando outros pontos de vista e outras informações.

O segundo comentário diretamente ligado à postagem é de Salvador (flecha verde), interlocutor que já havia participado na outra conversação. O administrador da página mais uma vez interage na discussão e outro interlocutor tenta descredibilizar Salvador por uma possível participação dele no sistema político. Ao que Salvador retorna para negar a insinuação.

Há ainda alguns outros comentários de reforço à postagem e indignação difusa. E em mais uma vez Salvador vem interagir com outro comentador. No final, João (flecha bonina) desvia-se parcialmente da discussão para apresentar uma proposta de ação sua.

Como esta conversação, existem outras tão ou mais ricas que eventualmente surgem. Encontramos aqui muitos elementos de conversação para caracterizar estes espaços de comentários como comunidades virtuais em potencial: a resposta, a réplica, a tréplica, o acompanhamento da discussão, a colocação de novos elementos, a tomada e defesa de posição, a retificação, a reciprocidade, a repetição de posições, compartilhamento de experiências, etc.

Figura 3 - Postagem na página "Job for the Boys" em 08/2013



Job for the Boys adicionou uma nova foto.

**Eu odeio pensar!**



**Eu também!**

**Vamos votar nos mesmos de sempre outra vez!**

Curtir • Comentar • Compartilhar • 127 10 87 • há 5 horas •

127 pessoas curtiram isso.

87 compartilhamentos

Principais comentários

Escreva um comentário...

**Hugo** Tendo em conta a dimensão das abstenções, vão é ficar em casa a desresponsabilizarem-se como se nada fosse com eles ou como se não votar resolvesse o que quer que fosse. Enfim, votar com palas ou abster-se tem permitido que esta oligarquia de governantes incompetentes e corruptos nos desgoverne sucessivamente.

Curtir • Responder • 7 • há 5 horas

**Job for the Boys** No caso específico das autarquias - que é o único que permite que grupos de cidadãos comuns possam concorrer às eleições, não há que culpar o sistema, pois é das poucas brechas que tem, que apesar de todas as desigualdades, permite a participação de todos e de qualquer um.

Curtir • 2 • há 5 horas

**Manuel** É de facto mas os cidadãos independentes que se estão a candidatar às autarquias, como o meu caso, partem com enorme desvantagem em relação aos meninos da praia conforme a foto.

Curtir • 3 • há 4 horas

**Hugo** Como não existem falhas no sistema votivo autárquico? As falhas surgem precisamente pela falta de rigor dos eleitores. São eles que conferem poder aos autarcas (neste caso) e que, tantas vezes, perpetuam corruptos no poder municipal, como Valentins, Felgueiras, Isaltinos e tantos e tantos outros. As autarquias são o maior antro de corrupção deste país e é a população que patrocina essas ilegalidades.

Curtir • 2 • há 4 horas

**Salvador** O que não quer dizer que sejam mais competentes e honestos

Curtir • 1 • há 4 horas

**Salvador** Para mim os independentes não são melhores, nem piores

**João** Mas são independentes, não estão lá por causa dos "amigos"

Curtir • 1 • há 4 horas

**Job for the Boys** Manuel Costa, sem dúvida. É a questão do IVA que os partidos não pagam, o símbolo dos movimentos que não aparece no boletim. A comunicação social não dá 1% do tempo de antena que dá aos partidos. Entre outras. Há uma DESIGUALDADE brutal.

Curtir • 2 • há 4 horas

**Job for the Boys** Sim Hugo Miguel. Cabe a todos e a cada um de nós alertar o próximos para isso. Os cidadãos estão a acordar, a cidadania está a emergir. Vamos agir!

Curtir • 2 • há 4 horas

**João** **DEA NACIONAL CONTRA A CORRUPÇÃO E O CRIME ORGANIZADO**  
No dia das legislativas vamos para a rua comemorar o dia nacional da luta contra a corrupção e o crime organizado, estaremos em todas as cidades do país, em Lisboa acamparemos em frente à Assembleia da República, não desarmaremos até derrubarmos este sistema de governação e implementarmos uma democracia participativa.

Começa já a unir forças, pelos infelizes, pelos pobres, e por todas as crianças que a fortuna despreza e o amor não conhece nem beija.

Não votes, isso sim, é o caminho dos corajosos, daqueles que vêm mais longe, daqueles que lutam para conquistarem o direito de votar fora das mufas partidárias.

Não te arredrontes, nem tenhas medo do medo que eles querem que tu tenhas....

O caminho faz-se caminhando, aos poucos, os poucos seremos muitos, houvemos de conseguir com o esforço de todos, começando cada um de nós por adicionar todos os amigos. Não esqueças, partindo da premissa que 40% não votam, é preciso que saibam que agora não estão sós, que existe um movimento a dar cara pela abstenção, com propósito político de derrubar este sistema, condenar os corruptos e instalar uma democracia justa, livre, solidária e fraterna, por tal adiciona-os todos, se dos 60% que votam convenceremos 11% já somos a maioria, suficiente para derrubarmos esta ditadura.

Curtir • há 3 horas

**Salvador** Não me parece que levar a mãos como platos resolva, parece que e não gostam dos actuais partidos, seria mais útil criar outros

Curtir • há 3 horas

Escrever uma resposta...

**Salvador** Mas votamos em quem nos pede cheque em branco, que são os que não se dignam apresentar propostas, não sabendo como resolver os problemas

Curtir • Responder • há 4 horas

**Job for the Boys** Como já te foi mencionado, no caso das autarquias é possível aos cidadãos candidatar-se. No caso das legislativas não é possível. Porque os partidos votariam para não ser possível. Porque o principal e último objectivo de um partido é perpetuar-se no poder. Como quer que grupos de cidadãos apresentem propostas institucionalmente, se não se podem candidatar às legislativas?

Curtir • 1 • há 4 horas

**Carlos** Salvador Felcio, deve ser mais um do governo.

Curtir • há 3 horas

**Salvador** Não, não sou apenas eu parece que estão a fazer favores quer ao PCP/CDU quer ao BE. Mas não acredito que sejam mais santos, nem os independentes

Curtir • há 2 horas

Escrever uma resposta...

**Guevara Ernesto Che** Só mudamos moscas...

Curtir • Responder • 1 • há 4 horas

**Luís** E depois queixam-se.

Curtir • Responder • há 1 hora

**António** De Papagaios esta o português farto de ser enganado com o paleio deles. O povo também deve exigir a divulgação dos programas a que eles propõem. Senão o fizerem, simplesmente não levam voto. O povo tem de acordar e saber que o dever cívico não se limita a colocar o voto na urna, tem de saber exigir e "fiscalizar" os actos dos candidatos que elegeu. Nestes moldes a democracia funciona. E isso que as pessoas tem de tomar consciência que se querem um Portugal melhor no futuro tem de ser mais activos. Basta de governantes corruptos e basta de impunidade.

Curtir • Responder • há 2 horas

**Zé** Há quem tenha muito a ganhar com os do costume, e esses parecem ser do género...

Curtir • Responder • há 3 horas

**Manuel** não sejam pulemas mudem!

Curtir • Responder • há 4 horas

**Salvador Felcio** Mas mudar significa conhecer os programas, acontece que quer o PCP/CDU quer o BE não apresentam programas, escondem ou não sabem resolver, apenas pretendem dizer mal

Curtir • há 3 horas

Escrever uma resposta...

**José** Vocês não sabem nada de nada...

Curtir • Responder • há 1 hora

**João** Lutemos pelo direito a votar fora das estruturas partidárias. Antes de perderem uma oportunidade para estar calados, falando sem saber, típica mentalidade dos portugueses, entrem no grupo, vejam a 1ª publicação com atenção! abstenção é um MEIO para nas ruas reclamar um FIM - DEMOCRACIA DIRETA PARTICIPATIVA!!! então qual é vossa solução... continuar a votar e legitimar quem nos colocou nesta situação, para nos tirar dela? o problema está nos partidos, mas não só, está também no sistema político em vigor!!! estão em causa liberdades básicas essenciais... liberdade da concorrência de preços contra monopólios, preços mais elevados de tudo em relação à média europeia em luz, água, internet, gaz, telefones, como é o caso atual em Portugal... estão em causa liberdades básicas essenciais, como sendo a liberdade de acreditar no presente e no futuro, liberdade de viver sem medo e sem depressões e sacos de medicamentos caros... a liberdade e direito ao emprego, a liberdade de ter uma justiça que seja forte com os fortes e justa com os fracos, a liberdade de poder usufruir de um sistema político transparente e pleno de integridade, a liberdade de ver políticos e banqueiros condenados e presos por burla, lavagem de dinheiro, roubo, desvio de verbas, gestão danosa, corrupção, branqueamento de capitais e corrupção urbanística! a liberdade de ter um sistema político que defenda os interesses do país, e trate a tróia como esta deve ser tratada, uma mula, uma assistência financeira que propõe recomendações e nada mais, o país é nosso, o destino é nosso, a política portuguesa e soberania é nossa, e são para manter!

Não podemos continuar a assobiar para o lado, como se não fosse nada conosco... esta atitude de autoflagelação do sentido de cidadania de cada português, foi o que permitiu a liberdade para uma ditadura partidária fazer gato sapato de dinheiro e futuro de Portugal!

<https://www.facebook.com/groups/queselixevotar>

**QUESELIXEVOTAR**  
VAMOS MUDAR PORTUGAL Precisamos de ti, do teu empenho, da tua luta e da tua determinação. Queremos ganhar as eleições, queremos democracia directa. Nada temos contra as ideologias, lutamos contra esta...

22.502 membros • Participar do grupo

Essa postagem apresenta comentários ligados apenas à postagem dos administradores e demonstram apenas um sentimento compartilhado pelos partícipes. Alguns concordam, outros questionam por alternativas e ainda outros. As opiniões nesse caso parecem muito mais se reforçarem do que no caso anterior e a comunidade que se apresenta nesse caso demonstra muito mais compartilhamento e concordância dos sentimentos.

**Figura 4 - Postagem na página "Tugaleaks" em 08/2013**

**Tugaleaks e Anonymous PORTUGAL** publicaram 53 atualizações.

**Tugaleaks** compartilhou uma foto  
Se concordas, PARTILHA!!!

**NÃO QUERO ESTE GOVERNO**

Curtir · Comentar · 97 · 17 · 36 · há 5 horas ·

97 pessoas curtiram isso. Principais comentários

36 compartilhamentos

Escreva um comentário...

**Gia Santos** mas há mais algum?  
Curtir · Responder · 3 · há 4 horas

**Luísa Sobral** tudo igual...aqui só mudam as moscas.....  
Curtir · Responder · 2 · há 5 horas

**Margarida Dlobo** Não quero nem ouvir falar dele carrascos....  
Curtir · Responder · 1 · há ± 1 hora

**Manuela Climaco** Eu, também não e depois?????????  
Curtir · Responder · 1 · há 5 horas

**Daniel Domingos** eu tambem não  
Curtir · Responder · há 2 horas

**Carlos Carvalho** Nem este nem nenhum outro desses partidos INUTEIS da AR!!  
Curtir · Responder · há 2 horas

**Isabel Carvalho** O pior é que não se vê ninguém com capacidade para ser governo.  
Curtir · Responder · há 2 horas

**Jose Delgadissimo** o problema é sempre o mesmo e as alternativas???? onde as ha???? é sempre psd/cds/ps para quando um mov alterm em q possamos votar.....  
Curtir · Responder · há 3 horas

**Lenea Barão** são uns piores k outros.....  
Curtir · Responder · há 3 horas

**Linda Novais** Não quero governo nenhum..  
Curtir · Responder · há 4 horas

**David Mogas** nem este nem nenhum q tenha politicos nao fiscalizados no mesmo  
Curtir · Responder · há 4 horas

Como os exemplos demonstram, verificamos que esses espaços de comentários não só funcionam como espaço para interação, como pudemos também verificar ali vários elementos da dinâmica das comunidades virtuais, como o compartilhamento de sentimentos, a troca de informações e o enriquecimento dos conteúdos através da massa de seguidores que as páginas são capazes de alcançar, etc.

Contudo, se esperávamos encontrar relações entre os partícipes pudesse desenvolver-se mais livremente de forma a ampliar o rol de questões abordadas pelos participantes e assim o escopo da sociabilidade, isto não se deu completamente. Isto porque a dinâmica de comunidade tende a ser constrangida pela dissimetria que há entre aqueles que administram e aqueles que recebem as informações. Os administradores possuem muito fortemente a premissa de criarem os tópicos para discussão. Desta maneira, verificamos que a amplitude de assuntos dos comentários restringia-se àquele das publicações e raramente os participantes desenvolviam ali outro assuntos independentes.

Para avaliar então se as relações desenvolvidas nessas páginas são mais ou menos especializadas só temos como recurso avaliar os assuntos propostos nessas páginas para a discussão. Uma vez que partimos de comunidades que se dedicam à finalidades políticas, poderíamos perceber a emergência de fenômenos de sociabilidade quando o escopo de assuntos e interesses é expandido e os participantes passam a discutir conteúdos que extrapolam a finalidade primeira da comunidade. Se esses assuntos restringiam-se ao terreno da política ou se extravasavam para outras esferas da vida. Este é um tópico que será desenvolvido no próximo capítulo.

Por outro lado, a autonomia perdida por um lado, pode ser retomada em outras direções. Isto porque cada participante possui sua própria página pessoal (linha do tempo) em que divulgaria conteúdos para os seus amigos. Ainda que as pessoas geralmente não tenham as mesmas audiências que essas páginas, elas podem interagir propor novos assuntos e perspectivas para discussão, criando aí, novos cenários de conversação. Por esse motivo é importante que nossa análise vaze para esses outros cenários, para compreender as relações que possuem com as páginas mobilizadoras e os seus impactos sobre a sociabilidade e a mobilização.

### **2.2.2. A sociabilidade e os indivíduos através das páginas pessoais**

Para capturarmos a dinâmica de sociabilidade nas comunidades constituídas por essas páginas de mobilização é preciso que atentemos também para outro aspecto da ferramenta Facebook. Os espaços de comentários constituem espaços privilegiados para a interação dentro da ferramenta, mas temos também de atentar para a perspectiva do compartilhamento. Além da característica básica do botão compartilhar, o compartilhamento de informação pode dar-se de forma manual (popularmente, copiando e colando). Esse fator é importante na perspectiva da mobilização, pois permite que as mensagens difundam-se, mas também é importante na perspectiva da sociabilidade, pois uma vez que a mensagem é postada em página pessoal (ou linha do tempo) a figura do administrador da postagem modifica-se.

Há ainda outras modificações decorrentes dessa mudança. Enquanto publicadas em páginas de mobilização, a interação das pessoas partilha desse estatuto de comunidade virtual. Contudo, a mensagem ao passar para uma página pessoal figura em um ambiente compartilhado por “amigos”. Percebemos, então, que essa mudança tem impactos sobre o aspecto da sociabilidade. Uma vez que as pessoas que compartilham aquele espaço tende a estar engajadas em relacionamento de tipo mais forte e de apoio.

Para enriquecer nossa análise trazemos aqui dados de nossa observação que demonstram conversações desenvolvidas em páginas pessoais. As figuras 5 e 6 são divulgações nas páginas pessoais de Miguel e Danny, que têm por qualidade apresentarem os mesmos padrões que outras conversas com as quais nos deparamos ao rastrear os compartilhamentos das mensagens.

Miguel (flecha laranja) posta a notícia com a divulgação de uma manifestação em apoio à Troika. Daniela (flecha vermelha) e Alex (flecha roxa) apresentam contrariedade e Miguel concorda com nessa contrariedade. Em seguida Miguel apresenta uma nova informação de que aquela se tratava de uma falsa manifestação: um protesto irônico.

Daniel (flecha verde) então sugere que a comunicação social poderia ter tido interesse em dar ampla divulgação a um protesto que se dissesse favorável à Troika. Miguel então esclarece alguns fatos políticos e organiza ainda algumas suposições. Daniel faz então um elogio à Miguel e se referindo a ele como alguém a quem se ele

poderia se dirigir posteriormente para obter mais informações. Miguel retribuiu amavelmente e pede informações da França, onde Daniel está.

Em seguida Miana (flecha azul) entra na conversa questionando o porquê de alguém manifestar-se favoravelmente e mais uma vez Miguel vem esclarecer que aquele protesto era uma ironia. Finalmente Daniela também retorna à conversa para enfatizar que se tratava de uma Piada.

**Figura 5 - Conversa na linha do tempo de Miguel**



Mais uma vez encontramos os elementos de conversação aos quais havíamos nos referidos. Há aí uma atenção com os rumos da conversa pelos participantes. Eles respondem-se uns aos outros, colocam novos pontos, esclarecem posições. Contudo, esta conversa acrescenta um elemento, um laço mais forte mantido entre os participantes. Cada um deles é mais próximo ao menos de Miguel, que busca ser agradável com cada um deles. Ao mesmo tempo, contam neste caso as afinidades que cada um dos participantes tragam com relação aos outros, assim como o respeito ou não pelas posições tomadas por aqueles de quem se é mais próximo e se conhece em outras instâncias.

Neste caso, há o reconhecimento de Daniel à Miguel, enquanto uma pessoa a quem recorrer quando se trata de informações de Portugal. Em outras palavras, a

bagagem de relações construída previamente auxilia na transmissão de novas mensagens

Por seu turno, na figura 6, Danny (flecha azul) também divulga um periódico e marca outras pessoas para que vejam a postagem, que seria curtida por 26 pessoas e compartilhada 16 vezes. O primeiro comentário dessa postagem é de Zé (flecha laranja) que critica a presença de posições partidárias e exalta a igualdade das pessoas. João e Gonçalo defendem então que isso não é possível. Danny posiciona-se então ao lado de João (flecha roxa) e Gonçalo (flecha verde) e mais uma vez questiona Zé. A conversa desenvolve-se longamente através do diálogo entre os três partícipes, Zé defendendo a igualdade entre as pessoas independente de suas posições políticas e partidárias; João defendendo que a diferença de classes existe, pois algumas pessoas só são felizes subjulgando outras pessoas; Gonçalo tendendo à opinião de João.

Já bem desenvolvida a conversa, Danny, o dono da página, volta a intervir e contemporiza colocando a questão em concreto e abstrato e que concordaria com Zé no abstrato, mas não no nível concreto. Ao final, novos participantes entram na conversa, mas sem compreender muito bem para onde iam os rumos da discussão.

Neste caso, notamos que, a despeito das conversas desenrolarem-se na página de Danny, ele próprio interage pouco na conversa. O espaço aberto em sua página serve para que seus amigos transformem aquele espaço em um local de discussão de temáticas que em alguma medida não eram a intenção do próprio Danny, que havia divulgado um periódico.

A conversa que se inicia sobre o tópico da política, transforma-se em uma discussão existencial sobre a essência do ser, a felicidade, as identidades, a injustiça, a mudança. Enfim, a conversação recheia-se de temas diversos daquele político, ao mesmo tempo em que continua submerso nele. A política vira um tema da vida cotidiana e na vida cotidiana também há espaço para a deliberação política e a transcendência, e vice-versa.

Figura 6 - Conversa na linha do tempo de Danny

**Danny**  Portada del nuevo numero de Ofensiva Socialista, periodico de SR-CIT in Portugal // Front page of new Autumn edition of Ofensiva Socialista, paper of Socialismo Revolucionario (CWI in Portugal), text says "Unite the struggles, prepare a new general strike / For a plan of struggle to bring down the government / For a united front of the Left / For a workers' government" <http://socialismo-revolucionario.org/> — com Francisco Oliveira Raposo, Manuel Araújo, Cebo Calfulan, A Luchar Socialismo Revolucionario, João Gorizia, Anthony Saunois, Gonçalo Romeiro, Zé Maria Lourenço, Jonas Van Vossle, Susana Dias, Alternativa Socialista Revolucionaria, André Ferrari, Bruno Cardiga e Juan Bértiz.

Curtir · Comentar · Compartilhar · 20 de outubro de 2013

26 pessoas curtiram isso.

16 compartilhamentos

 **Zé**  Sem esquerda nem direita. Pessoas, apenas pessoas. Sejam quem forem, de governantes a governados, Todos somos tanto uns como outros.

20 de outubro de 2013 às 11:56 · Curtir · 2

 **João**  era bom que assim fosse, Zé. Infelizmente não estamos todos a "puxar" para o mesmo lado =x

20 de outubro de 2013 às 11:57 · Curtir · 2

 **Gonçalo**  Pois é, somos todos pessoas, mas nem todas as pessoas têm os mesmos interesses, nem todas se posicionam e relacionam com a sociedade da mesma forma. E há diferenças que não são conciliáveis. Se assim não fosse, não haveria razões para lutar.

20 de outubro de 2013 às 12:05 · Editado · Curtir · 2

 **Danny**  Concordo com Gonçalo Romeiro e com João Gorizia . O que queres dizer Zé Maria Lourenço ?

20 de outubro de 2013 às 12:05 · Curtir

 **Zé Maria**  Não disse que estávamos todos a puxar para o mesmo lado. Mas estamos todos a tentar a Felicidade por mais ignorantes ou ingénios que sejamos. E há que não esquecer isso, seja sobre o Passos ou Portas Eu ou Tu

20 de outubro de 2013 às 12:06 · Curtir · 1

 **João**  excepto que para alguns, a sua felicidade implica a miséria de outros

20 de outubro de 2013 às 12:07 · Curtir · 1

 **Zé Maria**  acho que se induzem nos ignorantes e ingénios e que se sujam mais pelo engano de não descobrir a Verdadeira Essência de ser Mundo

20 de outubro de 2013 às 12:10 · Curtir

 **Gonçalo**  Podemos ir por aí Zé, mas tal como o João disse, como há interesses opostos, também a "busca da felicidade" de certas pessoas, certos grupos, certas classes, entra em choque com outras. Um minoria infima entra em choque com bilhões de pessoas. Por

isso... Ver mais

20 de outubro de 2013 às 12:12 · Curtir · 2

 **João**  Zé, a verdadeira essência da felicidade ou do que é ser humano depende muito de pessoa para pessoa. Preocupa-me mais a objectividade das posições políticas assumidas pela direita, pelo Governo e pelos grandes grupos económicos, posições essas que relegam...

Ver mais

20 de outubro de 2013 às 12:19 · Curtir · 2

 **Zé**  Seja capitalismo ou comunismo, marxismo ou nazismo, as pessoas são o que são em reação às raízes e ambientes em que foram educadas normalmente criando camadas defensivas de personalidade que escondem o Medo do erro ou Medo de ficar na miséria conservan...

Ver mais

20 de outubro de 2013 às 12:35 · Curtir

 **Zé** 

20 de outubro de 2013 às 12:37 · Curtir

 **João**  desculpa, mas eu não preciso dos meus inimigos para afirmar a minha Existência. Eu sou quem sou. ponto. Gostaria de viver a minha vida em paz, mas não posso enquanto subsistir esta sociedade de classes, de exploração do homem pelo homem.

20 de outubro de 2013 às 12:47 · Curtir · 2

 **Gonçalo**  que queres dizer com isso tudo exactamente? "Que todos temos medo de errar"? Ok e então? Onde queres chegar? Que as "pessoas" nunca vão tentar nada com base nisso? Isso não é verdade. "Que as pessoas se mantêm no instinto de sobrevivência"? Pois, ap...

Ver mais

20 de outubro de 2013 às 12:51 · Editado · Curtir · 1

 **Zé**  Não estou a pôr em causa a nossa capacidade de mudança nem disse que as pessoas não iam tentar nada com base no medo do erro. Pelo o contrário, isso deve ser enfrentado. Estou só a tentar chegar as origens do que antes de politicamente nos faz agir visto que nenhum de nós humanos sabe de facto porque é que aqui está.

20 de outubro de 2013 às 12:58 · Curtir

 **João**  A nossa Existência é menos importante do que a nossa Sobrevivência, falando do ponto de vista do ser humano comum. E nesse sentido, de partido político, e não de organização ou colectivo de debate filosófico que nós nos assumimos. O que nos faz... Ver mais

20 de outubro de 2013 às 13:01 · Editado · Curtir

 **Zé**  claro que sim

20 de outubro de 2013 às 13:01 · Curtir

 **Zé**  a parte material equilibrada na sociedade é fundamental, daí estarmos à procura da mudança. Não pus isso em causa.

20 de outubro de 2013 às 13:05 · Curtir

 **João**  mas é que é precisamente da constatação dessa parte material como motor de mudança, inserida num dado contexto social e histórico, que nos faz tentar tirar conclusões acerca da maneira como olhamos a sociedade. a utilização do chamado materialismo hist...

Ver mais

20 de outubro de 2013 às 13:16 · Curtir · 2

 **Zé**  Há ver o que pode ser para mudar aquilo que é, estou a defender uma utopia? Estou. Se me quero aproximar ao máximo dela? quero. É loucura? Acho que vale a pena o risco, só isso.

20 de outubro de 2013 às 13:41 · Curtir

 **Zé**  "Há que

20 de outubro de 2013 às 13:42 · Curtir

 **João**  Para muitos o Socialismo é uma utopia. É por essa que nos batemos

20 de outubro de 2013 às 13:43 · Curtir · 1

 **Danny**  Acho que esta forma de ver estas coisas pode ser demasiado abstracta, e por isso errada, Zé Maria Lourenço, mas acho que entendo um pouco o que queres dizer. Estes conceitos como "felicidade", "cidadania", "pessoalidade", "essência de ser mundo" não pode... Ver mais

20 de outubro de 2013 às 13:46 · Curtir · 2

 **Celso**  Un saludo desde Chile a nuestros compañeros en Portugal!!! Amiba los que luchan!!!

Ver tradução

20 de outubro de 2013 às 13:50 · Curtir · 4

 **Zé**  a abstração não me impede depois de chegar ao concreto. Foi por onde a conversa me saiu agora

20 de outubro de 2013 às 13:58 · Curtir · 1

 **João**  olha que dizer "sem esquerda nem direita" não me parece, no concreto, uma boa maneira de abordar a política, ainda que seja um termo relativo (algo só é de esquerda em relação a outra coisa) ele significa algo no nosso contexto histórico. Se a abstracç...

Ver mais

20 de outubro de 2013 às 14:02 · Curtir

 **Pablo**  no entendo nada...

Ver tradução

16 de novembro de 2013 às 16:28 · Curtir

Nos dois últimos casos, os participantes são amigos entre si ou, no mínimo, mais fortemente relacionados com o dono da página. Podemos perceber então o fenômeno do “individualismo em rede” (Wellman, 2006; Wellman e Hogan, 2004;), isto é, cada indivíduo participa de uma rede construída pela sua própria escolha – é o nó central de uma rede. A Web permite que se esteja conectado diretamente a outra pessoa e não a lugares (casa-casa ou casa-trabalho). Esse processo transforma de maneira profunda a experiência de pertencimento. De modo geral, está-se menos enlaçado por formas de grupos tradicionais (vizinhança, grupo de parentesco, organização ou local de trabalho) do que pela própria escolha de estar ou não em contato com alguém ou participando ou não de determinadas situações. Como as relações são mais seletivas, pois os indivíduos podem mais amplamente escolher com quem se relacionar, as redes passam a conter alta proporção de pessoas que apreciam umas às outras e contém baixa proporção de pessoas que são forçadas a interagir umas com as outras porque estão justapostas numa mesma localidade. Esse individualismo em rede tem efeitos profundos na coesão social; ao invés de fazer parte de um agregado hierárquico, o indivíduo pertence agora a múltiplas e parciais comunidades.

O que verificamos é que essa dinâmica parece confluir para o incremento do volume de relações e conseqüentemente para a sociabilidade proporcionada. Outro aspecto verificado por nós é que o formato da rede está desenhado para proporcionar relações, ainda que nem sempre interações. Há as ferramentas básicas – curtir, compartilhar e comentar – discutidas em diferentes pontos deste trabalho. Mas ainda há a característica das publicações de outros aparecerem diretamente na própria página inicial. Nesse contexto, é valioso e tentar identificar aí aquele tipo de sociabilidade proposto por Simmel, para o qual há sociabilidade quando as formas sociais tornam-se independentes dos conteúdos da vida.

Nossa suposição até aqui é de que ainda que conceitualmente haja a distinção clara entre a preponderância da forma e a submissão da forma aos fins, o que vemos na prática é que, estando no centro da cena os fins, como é o caso das mobilizações, a sociabilidade mistura-se, mesclando-se ao fim, entrando e saindo das relações. E mais, quanto mais ela está presente, maior o volume de atividades, ou seja, maior alcance têm os fins. Ela catalisa o fim ao qual se agregou.

### **3. A sociabilidade simmeliana e suas relações com a mobilização**

“o mais profundo é a pele”

Paul Valéry

### **3.1. Discussão teórica**

#### **3.1.1. A definição de sociabilidade de Simmel**

Tão ou mais antiga quanto os vários desdobramentos da sociabilidade é a noção formulada por Simmel (1983b) a este respeito. Com a vantagem de indicar um fenômeno bem mais claro. Para ele, a sociabilidade vem a tona, quando as formas ganham vida própria, ao serem liberadas de todos os laços com os conteúdos, isto é, quando as formas sociais passam a existir por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação desses laços.

É nesse sentido que Simmel define, então, a sociabilidade como a forma lúdica de sociação, e algo cuja concretude determinada se comporta da mesma maneira como a obra de arte se relaciona com a sociedade.

A sociabilidade não tem propósitos objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores. Seu alvo não é nada além do sucesso do momento sociável e, quando muito, da lembrança dele. Consequentemente, as condições e os resultados do processo de sociabilidade são exclusivamente as pessoas que se encontram numa reunião social. Pela pureza de suas manifestações, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre.

Simmel vai além ao estabelecer que somente o sociável é exatamente uma “sociedade”, sem qualquer outro atributo, porque representa a forma pura, acima de todo conteúdo específico de todas as “sociedades” unilateralmente caracterizadas, o que nos fornece uma imagem abstrata, na qual todos os conteúdos se dissolvem em mero jogo formal.

Quanto mais perfeita for como sociabilidade, mais ela adquire da realidade um papel simbólico que preenche suas vidas e lhes fornece um significado para além dos conteúdos concretos. Posto que, para a sociabilidade, se colocam de lado as motivações concretas ligadas à delimitação de finalidades da vida, a forma pura, a inter-relação interativa dos indivíduos, precisa ser acentuada com o máximo de força e eficácia.

Os atributos objetivos que os participantes de uma reunião sociável possam ter (riqueza, posição social, cultura, fama, méritos e capacidades excepcionais) não devem representar qualquer papel na sociabilidade, o indivíduo adentra a forma de sociabilidade apenas com as qualificações, atrações e interesses com que foi munido enquanto humano. Por seu turno, a sociabilidade também o afasta das esferas puramente interiores e inteiramente subjetivas de sua personalidade: traços mais genuínos e pessoais da vida de alguém, o caráter, a disposição e o destino, devem da mesma maneira ser eliminados nesta entrada na sociabilidade.

### **3.1.2. Dinâmicas de rede**

A compreensão das dinâmicas de rede a esta altura possibilita-nos algumas inferências a respeito da relação entre sociabilidade e mobilização. Algumas evidências dessa dinâmica foram abordadas anteriormente, quando tratamos do mecanismo de compartilhamento. Trata-se agora de lançar mão de algumas destas ferramentas para explorarmos melhor as potencialidades do encontro entre mobilização e sociabilidade.

O conceito de rede surge (...) em três grandes valências, convocando (1) uma determinada forma; (2) os processos de construção dessa mesma forma, e ainda (3) os impactos dessa forma numa miríade de processos sociais. Por outro lado, o conceito de rede surge simultaneamente enquanto metáfora teórica, dando conta de uma forma relacional e de um modo de estruturação das relações entre indivíduos, grupos e instituições (entre si e uns com os outros) e enquanto estratégia metodológica, principalmente no caso dos trabalhos sobre redes fechadas, que exploraram intensivamente a análise das diferentes características de redes sociais, quer focando-se no interior de uma rede específica (pressupondo a possibilidade de delimitação de fronteiras ainda que analíticas da rede em questão), quer analisando os cruzamentos entre redes parciais diversas, nas diferentes províncias de significado que estruturam diferentes redes parciais, conectadas entre si (Velho, 1994, Simmel, 1955, Magnani, 2002). Note-se ainda que o conceito teórico de rede surge também com um duplo sentido, por um lado, enquanto ponto de vista sobre qualquer forma relacional onde diferentes nós se articulam entre si (surgindo neste caso como um conceito próximo do de estrutura ou sistema); por outro enquanto um tipo específico de forma relacional, um sistema aberto, de cariz geralmente horizontal, flexível (Pereira, 2009: 18).

Como se pode perceber, ainda que atualmente se entendam as redes por todas as partes, esse não é um conceito exatamente fácil. Por esse motivo, aclaramos aqui estes modelos. Callon (2008a) aponta que o conceito de rede é polissêmico – e assim deveria ser mantido - guardando em si ao menos duas concepções. Abordaremos as duas, pois, como se verá, a primeira parece mais adequada para compreender a maneira como as redes se estruturam e organizam-se, ou seja, a emergência dos sujeitos, enquanto a segunda destaca os conteúdos que correm pelas redes, isto é, as mobilizações sociais e a sociabilidade.

A primeira é uma protoconcepção, segundo Callon (2008a), que propõe descrever toda realidade como viga de relação entre entidades. Nem as entidades nem as relações são qualificadas a priori. A natureza das relações e a identidade dos atores são relegadas ao segundo plano, pois conta apenas a forma das relações, enquanto no segundo sentido elas são colocadas no centro da análise. Esta concepção é bem adaptada para apreender e descrever as estruturas emergentes e para explicar sua eventual extensão. Nesse modelo, rede implica pensar em um modelo analítico que envolve “nó” e “laço” (Rosensteihl, 1984), em que os nós, unidades analíticas, estão conectados entre si, e em que esta conexão – as trocas realizadas – é fundamental para compreensão dos nós. Barabási (2009) afirma que existe uma ordem dinâmica de estruturação das redes, ou um princípio de estruturação que rege o processo, em que quanto mais conexões um nó possui, maiores são as chances de ele conseguir novas conexões (hubs ou conectores), mas há uma grande maioria de nós com poucas conexões. Os hubs seriam fundamentais para a difusão na rede. Tendência também encontrada por Hindman (2009) para a política na Internet.

Um modelo concorrente sobre a estrutura das redes é de Watts (2009), para o qual existem atalhos entre os diversos grupos de indivíduos altamente conectados (clusters), possibilitando que algo que transita na rede (uma informação, por exemplo) possa atravessá-la através de poucas conexões, ou seja, através dos atalhos entre os indivíduos em uma rede que caracterizam a existência destes mundos pequenos. Além disso, é necessário atentar para a qualidade dos laços. A partir do conceito de ponte, que indica a conexão que proporciona o único caminho entre dois grupos, Granovetter (1973) descobriu que esta é a única rota ao longo da qual a informação e a influência

podem ir desde qualquer contato de um determinado grupo a outro. Deste modo, no estudo da difusão, pode-se esperar que as pontes assumam um papel importante.

Recuero (2004) aponta a possibilidade de conciliação do modelo de rede, argumentando que as redes costumam exibir um grau de distribuição (conectividade) variado, que não necessariamente funciona em um modelo ou outro. Um exemplo empírico disso foi dado por Anderson (2006), ao detectar que, devido às características da Internet (a. barateamento dos produtos; b. facilidade na obtenção e na distribuição; c. aumento da recomendação pelos pares), os gostos de nicho tornam-se importantes em termo de volume e diminuem a centralidade dos hubs.

O segundo modelo de rede apresentado por Callon (2008a) trata do conjunto de relações e análises consagradas às modalidades da coordenação da ação, designando tanto os ajustes locais negociáveis pelos agentes em contato direto, quanto as formas de relação híbridas ou intermediárias que extrapolam os limites habituais da coordenação pelo mercado ou pela hierarquia. Essa concepção permite levar em conta a economia dos meios, dos sistemas de relação complexas que se desenvolvem entre instituições ou esferas diferentes de ação. Em entrevista, Callon (2008b) explica que a possibilidade de descrever a ação é “saber o que é transportado entre os pontos, conhecer como são e de que maneira ocorrem os deslocamentos, o que está circulando, apreciar o que está em causa, o que se está fabricando como identidade, a natureza do que se desloca, etc.” (308). A ideia de tradução corresponde à circulação e ao transporte, a tudo o que faz que um ponto se ligue a outro pelo fato da circulação.

Deste modo compreendemos o que transita pelas redes como fluido. O espaço social pode assumir mais de uma topologia (Mol e Law, 1994). A mais convencional é o espaço geográfico, em que fronteiras e descontinuidades estão bem marcadas. Diferentemente, a rede traz pra perto duas ou mais localidades que não necessariamente possuem interseção umas com as outras em um mapa regional. Em um espaço rede, a proximidade não é métrica, e, em vez disso, proximidade tem a ver com as características compartilhadas. Lugares com um conjunto de elementos ou relações similares estão próximos uns dos outros, enquanto aqueles com elementos ou relações diferentes estão apartados. Várias redes podem coexistir e elas podem entrelaçar-se umas com as outras.

Porém, ainda existe um terceiro espaço, em que o móvel não simplesmente move, mas é mutável. Nesse espaço apresentam-se variações sem fronteiras e transformações sem descontinuidade. Onde o espaço é fluido, estamos olhando para

fluxos. A normalidade na fluidez é o gradiente, em vez de pontos de corte. Não é possível determinar identidades claras e peremptórias ou distinguir dentro e fora. O mundo dos fluidos é um mundo de misturas. Misturas que absorvem quase todo tipo de objeto e que podem, mas nem sempre, ser separados. Também não há ponto de passagem obrigatório, nem centro de translação, o que significa que todo elemento individual pode ser supérfluo.

O que se percebe em movimentos na Web é que se constituem em uma pluralidade heterogênea de elementos agenciados. O duplo desafio de acompanhar as duas concepções de rede nos impõe que, por um lado, é preciso seguir os rastros de rede que interconectam os diversos atores coletivos, individuais, institucionais, etc., por outro lado, é preciso tentar compreender as estruturas emergentes desses movimentos, seus elementos constitutivos, como entram em ação, como se estruturam como constituem movimentos.

Essa abordagem é interessante, uma vez que trabalharemos, antes de mais nada, com mensagens que correm nos circuitos da Internet. As mensagens são elementos maleáveis, polissêmicos, que misturam a todo tempo o universo de significação. Urry (2005: 52) defende que a Internet é, antes de um espaço de rede, um espaço de fluxos no qual quase-sujeitos se misturam com quase-objetos para formarem novos híbridos, indicando que as mensagens encontram seu caminho contornando as obstruções, sem princípios organizativos e sem hierarquias.

### **3.1.3. Potencialidades do encontro entre sociabilidade e mobilização**

As consequências do funcionamento em rede sobre a sociabilidade é de que a adaptabilidade das mensagens no fluxo ajudam para que se alcance a posição do sujeito com maior facilidade, assim como a possibilidade de manutenção de laços fracos aumenta as condições de participação.

Para clarear a ideia, pode ajudar-nos o conceito de “modo de endereçamento”, abordado por Ellsworth (2001) que ressalta que para que uma mensagem dirija-se ao público, é necessário que ela imagine uma posição onde estaria o sujeito ao qual ela endereça-se. Atraindo-o a uma posição particular de conhecimento para com o texto,

uma posição de coerência, a partir da qual a mensagem funciona, adquire sentido, dá prazer, agrada dramática e esteticamente, vende a si próprio e vende os produtos relacionados a si. (*idem*).

Contudo, ainda que o receptor nunca esteja no lugar para o qual a mensagem fala, esse local para o qual a mensagem é endereçado continua a existir como um “lá” abstrato, uma posição-de-sujeito imaginada e convidam os receptores reais para que leiam e assumam a mensagem a partir de lá. Apesar de todo esse esforço, a forma como os receptores leem não é nítida nem pura, muito menos linear e causal (*ibidem*:40).

Em primeiro lugar, o espaço da diferença entre o endereçamento e a resposta é um espaço social, formado e informado por conjunturas históricas de poder e de diferença social e cultural.

Em segundo lugar, o espaço da diferença entre endereçamento e resposta é um espaço que carrega os traços e as imprevisíveis atividades do inconsciente, tornando-o, assim, capaz de escapar à vigilância e ao controle (...) (*ibidem*: 43)

As comunidades criadas ao longo da rede, mais permanentes ou mais fugazes, aumentam o impacto dos modos de endereçamento. Quando a mobilização consegue acessar esses ambientes de mensagens é porque encurtaram a diferença entre seus conteúdos e o sujeito imaginado, aos quais se destina.

Sociedades e indivíduos inacabados bem como ajustes fracassados entre o social e o individual são necessários para que sejam possíveis a agência, a criatividade, a paixão pela aprendizagem e as transgressões – e não a conformidade – relativamente às relações de poder. (*ibidem*:74)

Não podemos esquecer que aquilo que a mobilização deseja é o oposto do que se propõe a sociabilidade. Enquanto a primeira deseja por em ação o uno, a sociabilidade quer apenas a distensão das direcionalidades. Contudo, não é raro a mobilização lograr a sociabilidade, imiscuindo suas partículas no meio das pré-individualidades.

Em cada repostagem em um perfil, cada vez que essas mensagens acessam novos públicos, elas abrem consigo novos campos de ação e capturam novos integrantes mobilizados. Esse processo traz atrás de si um rastro de multiplicação, que por vezes resulta em multidões.

Além disso, a Internet possui um papel importante no desenvolvimento de laços mais frouxos (pertença e participação esporádica), o que favorece a criação de estruturas informacionais mais fluidas, isto é, menos estáveis e menos dependentes de estruturas institucionais privadas ou públicas. Os laços mais fortes (com sentimentos fortes de pertença e envolvimento permanente) são característicos de estruturas mais organizadas e hierarquizadas do que as que encontramos na Internet; funcionam na lógica da escassez, de tempo e de disponibilidade, em que os indivíduos relacionam-se com poucos movimentos e pessoas e engajam-se pouco nesses movimentos. Os laços fracos permitem a criação de conexões entre diferentes indivíduos e grupos por meio de narrativas e enquadramentos mais abertos, flexíveis e produzidos de forma cooperativa pelos diferentes atores que fazem parte dessa rede. A criação dos laços frouxos dá vigor à participação dos militantes ocasionais, aqueles que já possuem algum interesse em determinadas questões políticas, mas que não estão dispostos a arcar com os custos de uma participação presencial. Trata-se de militância a *la carte*, um engajamento distanciado e de periodicidade variável em que não há as vinculações e as responsabilidades adicionais de outros tipos de participação (Pereira, 2011)

### **3.1.4. Definição dos indicadores utilizados**

Como percebemos ao longo do capítulo anterior, é possível identificar a sociabilidade de tipo mais genérico nos espaços de comentários das mensagens, aliadas a interação que a ferramenta proporciona. Mas aqueles dados permitem-nos seguir adiante e investigar a existência da sociabilidade de tipo mais específico que Simmel (1983b) delimitou.

Tomando como referência as dinâmicas de rede abordadas por diversos autores, principalmente a ideia de tradução que à circulação e ao transporte, a tudo o que faz que um ponto se ligue a outro pelo fato da circulação, podemos indicar algumas conseqüências do encontro entre sociabilidade e mobilização.

Para identificar esta sociabilidade simmeliana utilizaremos a noção de fuga dos conteúdos e ganho de relevância da forma social pura. Esta operacionalização indica-nos duas dimensões do conceito: uma que se refere ao ganho de importância da forma

social com relação aos conteúdos da vida e uma outra que se refere ao arrefecimento da importância dos conteúdos restando quase que unicamente a forma social.

Em certa medida, os elementos para abordar a primeira dimensão encontram-se no capítulo anterior. A próxima seção faz um resgate destes elementos, abordando-os sob esse novo prisma. Quanto à segunda dimensão, é preciso conferir se há esta fuga da importância dos conteúdos. Para isto, utilizaremos mais uma vez as mensagens publicadas ao longo do mês de agosto de 2013, mais especificamente duas categorias capazes de refletir essa dimensão: “Cotidiano” e “Interação”.

A seção final deste capítulo sumariza estes achados evidenciando pontos de entrecruzamento entre a mobilização e a sociabilidade.

## **3.2. Dados e Discussão**

### **3.2.1. O tipo de laço**

A sociabilidade, como Simmel (1983b) a conceituou poderia ser encontrada quando há um arrefecimento das intencionalidades e dos conteúdos de modo que as formas de relação social entrem em destaque e sejam o motivo pelo qual se trava um relação. Isso se dá quando o que engaja os indivíduos é o momento sociável. Assim poderíamos ver a sociabilidade quando o laço compartilhado pelos indivíduos ganha força de modo a ofuscar os conteúdos que se troca nessa relação.

Quando a sociabilidade adentrou a rede, era possível percebê-la por meio das salas de conversação e dos jogos on-line. Pouco a pouco, os espaços de comentário dos blogs foram tornando-se espaços de encontro e entrega social, assim como parte das redes sociais foram idealizadas como espaços de sociabilidade. Aos poucos esses espaços começaram a ganhar outros conteúdos; os blogs deixaram de ser associados a diários íntimos e as redes sociais passaram a ser espaço de todo tipo de conteúdos. Mas essas plataformas não perderam as características da sociabilidade. As pessoas continuam a utilizar as ferramentas para estarem próximas umas das outras, o que pode ser percebido por meio de check in em lugares, de post de música, de post de foto

peçoal, de notícias de celebridade. Alguns outros conteúdos, como o humor e a conversação, devem ser analisados dentro de seu contexto, pois tanto podem não ter maiores intenções como podem ser usados para alcançar determinados objetivos.

Essa interpretação é consoante com o tipo de achados que fizemos ao longo dessa pesquisa e que começamos a expor no capítulo anterior. Quando se tratavam das páginas pesquisadas, em geral, encontramos a sociabilidade intrincada a outros elementos, o que é um tanto básico, uma vez que o recorte da pesquisa não se direciona a espaços de sociabilidade *per si*, mas a ambientes que contemplavam o objetivo claro de mobilizar pessoas. Nesses casos, a possibilidade de abordar a sociabilidade que encontramos deu-se somente através de sua aparição fugidia. A sociabilidade entra e sai do jogo das formas a todo momento. Ela cria ambientes para que outras formas efetivem-se e reaparece quando as outras formas arrefecem.

Contudo, a sociabilidade aparece com muita frequência, pois acaba se constituindo nas páginas uma espécie de comunidade na qual muitas vezes não se está mobilizando ninguém, mas apenas interagindo com outras pessoas. Nesse sentido, a sociabilidade é um elemento bem constante. Dessa mesma maneira, a sociabilidade aparece em comentários. Ela também é um elemento constante quando nos movemos das páginas para os perfis de usuários (figuras 5 e 6). Aí há, em geral, preponderância da sociabilidade. As pessoas conhecem-se e frequentam umas as outras pelo prazer mesmo de estarem juntas. Esse diferencial é também perceptível à medida que os donos dos perfis são mais ou menos engajados.

Entre os dois tipos de páginas, de mobilização e pessoais, o tipo de laço entre os participantes é bastante diferente. Enquanto nos perfis as pessoas que interagem em geral se conhecem de alguma maneira, nas páginas isso ocorre com muito menor frequência. Por isso, em uma comunidade com finalidades estabelecidas, as motivações têm papéis importantes, não seria possível abordar a sociabilidade senão como esse elemento que entra e sai ao longo das relações. A sociabilidade tem a peculiaridade de criar ambientes agradáveis, nos quais em geral se deseja estar. Ela cria assim uma atratividade para os ambientes. As páginas que investem nas relações são muito mais movimentadas do que aquelas que não o fazem, as quais tendem a ser meros portais de divulgação. Um indicador, ainda que precário, utilizado ao longo da segunda rodada de observação foi o número de comentários e de popularidade das páginas (através dos “curtir”) que apontam que a maior atividade das páginas está relacionada à capacidade

de criar essa espécie de comunidade. Ainda que com um coeficiente de Pearson baixo (0,216), se pode dizer que há aí esta correlação: a significância é menor que 0,001.

### **3.2.2. O tipo de assunto**

Além do tipo de laço compartilhado pelos indivíduos, outro elemento utilizado na construção de sociabilidade é o tipo de assunto divulgado e proposto para conversação. Quando esse assunto arrefece, ele também abre espaço para a ocorrência da sociabilidade.

Encontramos este tipo de ocorrência principalmente em duas das classificações realizadas. Ainda que seja possível encontrar esse tipo de ocorrência ao se tratar de todos os tipos de assuntos, duas de nossas classificações capturam esse fenômeno com bastante clareza. O primeiro deles é a categoria “interação” referente ao tipo de mensagem. O segundo é a categoria “cotidiano” quanto ao assunto.

A categoria Cotidiano captura assuntos do dia a dia. Reflete bem os assuntos que estão em alta no momento, que não necessariamente estão relacionados com a política, ao menos diretamente. A figura 7 apresenta trata-se de uma montagem com a jornalista Judite de Sousa que foi por uma semana o assunto do momento após uma entrevista realizada com um milionário brasileiro que esbanjava dinheiro em suas festas. A jornalista questionava de uma forma bastante grosseira se aquele tipo de comportamento não era ofensivo ao momento vivido pelos portugueses.

A jornalista foi então peça de piadas, argüição, escrutínio nas redes sociais durante algumas semanas e a peça abaixo é uma dentre as várias divulgadas naquele momento, questionando-a a respeito de seu próprio salário e do que ela própria fazia para os portugueses.

Figura 7 - Postagem na página "Tugaleaks" em 08/2013



A figura 8 é a “Notícia” de uma condenação criminal a 24 anos de prisão de uma mãe que matou os filhos incendiados por vingança ao pai, que a ameaçava com o divórcio e a tomada da guarda das crianças.

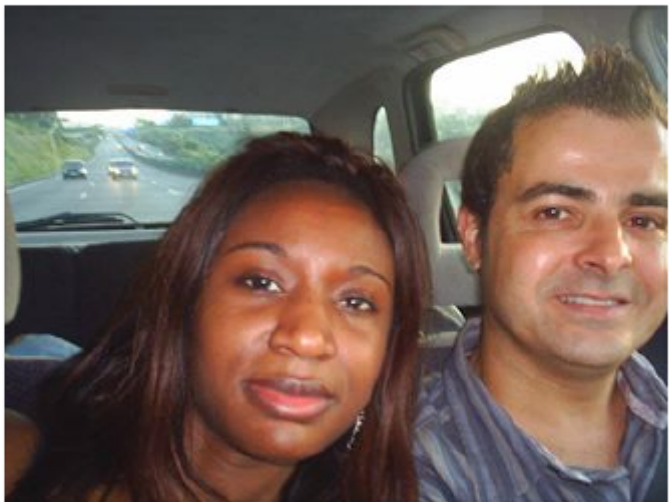
Figura 8 - Postagem na página "Tugaleaks" em 08/2013

Tolerância zero com o crime

Tugaleaks publicou 3 atualizações.

Tolerância zero com o crime

Tugaleaks compartilhou a foto de Jornal O Crime.  
24 anos de prisão.



Brasileira que matou os filhos conhece hoje acórdão

O Tribunal de Alenquer antecipou para hoje a leitura do acórdão de Kelly Soares (na foto à esquerda), a brasileira acusada pelo Ministério Público de ter matado os dois filhos menores.

De acordo com a acusação do Ministério Público, a mulher terá aproveitado o facto de estar sozinha em casa com os dois filhos, no dia 19 de Dezembro, para os fechar no quarto, deitá-los na cama e incendiar aquela divisão.

A acusação refere que terá ateado fogo a um sofá com um isqueiro, feito as malas e, antes de se pôr em fuga, deixado uma carta ao companheiro e pai das crianças, a responsabilizá-lo.

Depois, terá telefonado à sogra a dizer que "pegou fogo à casa e [que] os meninos morreram".

A familiar alertou de imediato a GNR e os bombeiros, vindo a confirmar-se as duas mortes.

Dias depois, foi detida pela Polícia Judiciária, após se entregar na GNR de Castanheira do Ribatejo, estando desde essa altura detida no Estabelecimento Prisional de Tires.

É também acusada de maus tratos por, em Agosto, ter arrastado o filho mais velho pela mão, vindo este a cair várias vezes, a bater com a cabeça no poste e a sofrer ferimentos nos pés, por caminhar descalço.

A arguida está acusada de dois crimes de homicídio qualificado, um de incêndio, um de dano e outro de maus tratos, e incorre também na pena de expulsão do país, depois do julgamento.

Durante o julgamento, apesar de arrependida de ter cometido os crimes, a arguida disse não se arrepender de se ter vingado do marido, a quem acusou de não lhe dar atenção e de a ameaçar de que ficava com as crianças em caso de divórcio, por aquela estar em situação ilegal no país e desempregada.

Nas alegações finais, o Ministério Público pediu pena máxima de prisão.

Curtir · Comentar ·

77

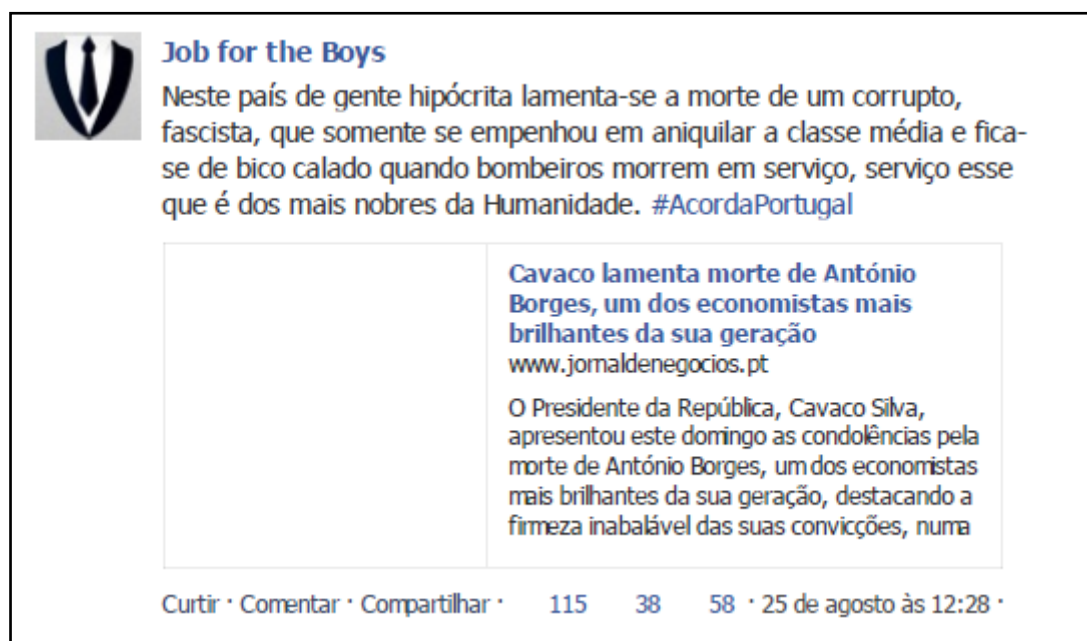
58

29 · há 5 horas ·

A figura 9 também apresenta uma Notícia, nesse caso sobre a morte de António Borges, como o jornal indica “um dos economistas mais brilhantes de sua geração”. Contudo, não foi essa o sentimento dos administradores da página “Job for the Boys”,

assim como de várias outras, que o classifica como corrupto e fascista, responsável pela aniquilação da classe média. No comentário da notícia ainda confronta-se a postura do presidente da república com relação ao economista e aos bombeiros, que à época morriam em serviço em Portugal.

**Figura 9 - Postagem na página "Job for the Boys" em 08/2013**



A postura de uma jornalista, o assassinio dos filhos por uma mãe e a morte de um economista. Ainda que se tenha pouco a dizer sobre cada um dos assuntos, eles não deixam de serem tópicos para o desenvolvimento de uma conversação. Casos como esses se abundam de maneira quase infinita ao longo da web. Aqui e acolá se abrem espaços para a interação entre indivíduos, sejam eles conhecidos ou desconhecidos, mais ou menos afins: são conversações desinteressadas, opiniões, reforço de ideias, polêmicas e assim por diante. Na sociabilidade importa pouco os conteúdos ou os rumos que a prosa tomará.

Quanto ao tipo de mensagem, as classificamos em oito categorias. Mais uma vez utilizamos o critério da preponderância. As categorias são essas, apresentadas na tabela 5. A mensagem foi interpretada como Notícia quando seu foco principal era uma notícia de jornal ou algo semelhante. A categoria Comentário, como o próprio nome indica a mensagem que é utilizada quando o objetivo principal da é comentar algum assunto ou acontecimento. A categoria híbrida Comentário/Notícia surgiu principalmente por conta da página RiseUP Portugal que publica uma espécie de notícia comentada, utilizando

uma fonte de notícia, mas ao mesmo tempo a resenhando e comentando. A categoria Informe incorpora mensagens informativas, de denúncia ou de utilidade pública. Outra categoria importante é a Montagem, essa categoria incorpora os diversos tipos de imagens que são divulgadas pela rede. Isso com exceção daquelas que são puramente fotos, sem qualquer tipo de trabalho sobre. Estas foram reunidas em uma outra categoria.

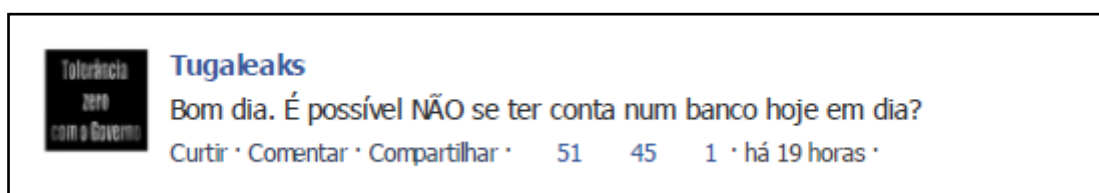
**Tabela 5 - Frequência do tipo de mensagens**

| Tipo de Mensagem   | Frequência | Percentual |
|--------------------|------------|------------|
| Notícia            | 249        | 33,1       |
| Comentário/Notícia | 74         | 9,8        |
| Comentário         | 78         | 10,4       |
| Informe            | 28         | 3,7        |
| Foto               | 24         | 3,2        |
| Vídeo              | 18         | 2,4        |
| Montagem           | 222        | 29,5       |
| Interação          | 60         | 8          |
| Total              | 753        | 100        |

Elaboração própria a partir das mensagens publicadas no Facebook nas páginas de Portugal, entre 01/08/2013 a 31/08/2013

Por fim, há essa categoria Interação, que indica as mensagens que não têm muito mais objetivos que criar algum tipo de interação entre os administradores da página e seus seguidores. A figura 10. apresenta um exemplo desse interesse puramente na interação. Nesse caso a página faz um questionamento sobre a possibilidade de não se ter uma conta em banco. Como é comum nesses casos, a mensagem possui mais comentários que compartilhamentos, o que indica também o interesse apenas imediato que a mensagem suscita.

**Figura 10 - Postagem na página "Tugaleaks" em 08/2013**



Apresentamos outro exemplo deste tipo na Imagem 11. Este caso ainda mais expressivo quanto ao desinteresse no assunto das mensagens. A página simplesmente pergunta “Quem está ainda acordado?”. As respostas seguem-se indicando uma espécie de “presente” ou um “sim, estou aqui”. Com no máximo uma piadinha ou pequeno comentário.

**Figura 11 - Postagem na página "Tugaleaks" em 08/2013**



### **3.2.3. O uso da mobilização como matéria de sociabilidade e da sociabilidade como recurso para mobilização**

Com certo lamento, Putnam (2000) constatou a diminuição nos indicadores de participação cívica e capital social nos EUA. Ele atribuiu essa diminuição a contingenciamentos de dinheiro, à suburbanização, ao aumento da utilização de dispositivos eletrônicos, principalmente a televisão, cujas horas de audiência aumentaram substancialmente ao longo das últimas décadas. Com relação à Internet e às comunicações eletrônicas, a posição de Putnam é mais ambígua. Ele admite que a Internet permite que indivíduos compartilhem interesses específicos e encontrem uns aos outros, embora ele se preocupe com a perda da informação não verbal presente na conversação face a face. De todo modo, ele percebe que muitas das comunidades off-line estão sendo transferidas para o ambiente virtual, dado que outros autores também perceberam - muitos deles foram bem menos melancólicos nesse aspecto. Autores como Wellman e Gulia (1997) ressaltam que, ao invés de enfraquecer as redes sociais do off-line, as comunidades virtuais darão novo vigor às comunidades.

O primeiro ponto que identificamos é que as próprias ferramentas desenvolvidas no formato da Web, já são voltadas para o desenvolvimento de relações, de momentos agradáveis de convivência. Porém, certas ressalvas devem ser feitas. Há dois aspectos dessa relação. Por um lado, há uma convivência travada com atores já previamente conhecidos e selecionados a partir dos gostos pessoais, por outro, a convivência travada com atores de todo desconhecidos a partir das ligações proporcionadas pela Web. Esses dois aspectos que identificamos são bastante importantes. No primeiro caso, há a criação de relações de confiança, que aumentam o impacto das mensagens transmitidas. No segundo caso, há a criação de comunidades e relações que aumentam o espectro de relações e a densidade das redes.

Em ambos os casos, a forma embutida na própria ferramenta já possui um papel importante, contudo, não abrimos mão da noção de que, para que haja sociabilidade, é necessário que haja um arrefecimento dos conteúdos. Identificamos, assim, a sociabilidade apenas naqueles momentos em que os conteúdos pareciam completamente subsumidos pelas formas, ainda que de maneira fugaz. Mas, ainda assim, a sociabilidade não deixa de funcionar como insumo na criação de densidade de rede e de

contundência, e esses dois aspectos identificados parecem confirmar as apostas feitas no início dessa pesquisa de que a sociabilidade constrói os trilhos que aumentam a intensidade das mobilizações que acontecem na Internet.

As afinidades entre pessoas e convergência dos assuntos que procuram acabam por construir espaços em que as pessoas se encontram e podem ali vivenciarem umas às outras. O ambiente em que as pessoas encontram-se para tratar de política torna-se espaço de convivência de afins. Deste modo, os temas políticos e os interesses afins de cada uma delas é o insumo para estarem juntas. Por outro lado, a política pode entrar em espaços de sociabilidade como mote para a interação e a discussão entre os participantes.

Entretanto, algo resta um ponto a ressaltar, a saber, aquilo que abordamos no capítulo anterior. Um *feed* de notícias não é algo aleatório assim. Em geral, as pessoas estão conectadas a “amigos”, pessoas que por algum motivo têm vinculação. Não se tratam completamente de estranhos, antipáticos, alheios. Há ali um critério de seleção, de construção de afinidade; há uma abertura de si para recepção de conteúdos sociáveis. Essa abertura deixa espaço para o diferente, para o inesperado. Esses perfis de mobilização, ao trazerem notícias e informações, abrem nessa esteira espaços para o diálogo e o debate. São anfitriões, oferecendo motes para a interação a quem se interessa. Atuam como *gatekeeper*, encontrando e selecionando notícias relevantes que serão utilizadas como ensejo. Claro que o agregado de informações que a pessoa recebe, assim como a maneira como ela processa esse conteúdo, terá certos efeitos. A própria escolha da pessoa de receber ou não esses conteúdos, de participar ali ou em outro lugar, já indica uma pré-disposição a esse tipo de material. Muitas vezes elas não são pessoas que se necessitem mobilizar, pois anteriormente já estão mobilizadas. Para muitas delas, esse é um conteúdo já conhecido e esse material só vem reforçar uma série de pré-disposições. Não funciona mais do que como motes para interação. Nesse sentido, os diversos conteúdos que têm por finalidade o delineamento de ações políticas servem apenas como passa tempo e enriquecimento para quem já está envolvido.

Há aí também o outro lado da moeda: esses atores estão numa rede e vários dos que por ali passam retransmitem essas informação, passam para frente. Repostam em seus murais e a transmitem para amigos. A informação, ao chegar a pontos não politizados, utiliza as relações sociais e de sociabilidade para agir. Assim o “impacto” dessas postagens mostram seus efeitos. Elas pegam receptores de surpresa, chamam a atenção deles. Os atores usam uma ferramenta de estar com o outro para imprimir um

efeito de atração e, ainda mais, utilizam suas experiências pessoais para ajustar as mensagens.

Ao verificar neste capítulo, por um lado, a abertura de espaço para a sociabilidade em ambientes políticos e, por outro lado, o uso da sociabilidade para fins políticos e aliando estas observações às dinâmicas da rede, percebemos inferimos algumas implicações desta relação: a mobilização serve como mote para que os indivíduos relacionem e, eventualmente entreguem-se ao prazer deste momento sociável, assim como a sociabilidade aumenta a densidade e a confiança da rede e de modo que a mobilização conta com maior intensidade.

## Conclusão e algumas suspeitas

“Estamos à borda dum precipício. Perscrutamos o abismo e nos vem a náusea e a vertigem. Nosso primeiro impulso é fugir ao perigo. Inexplicavelmente, porém, ficamos. Pouco a pouco, a nossa náusea, a nossa vertigem, o nosso horror confundem-se numa nuvem de sensações indefiníveis. Gradativamente, e de maneira mais imperceptível, essa nuvem toma forma, como a fumaça da garrafa donde surgiu o gênio nas Mil e uma Noites. Mas fora dessa nossa nuvem à borda do precipício, uma forma se torna palpável, bem mais terrível que qualquer gênio ou qualquer demônio de fábulas. Contudo não é senão um pensamento, embora terrível, e um pensamento que nos gela até a medula dos ossos com a feroz volúpia do seu horror. É, simplesmente, a idéia do que seriam nossas sensações durante o mergulho precipitado numa queda de tal altura.”

Edgar Allan Poe

As pessoas reúnem-se por diversos motivos. Num show, porque gostam de um artista. Em feiras, para fazer negócios. Em protestos, por causas ideológicas, e assim por diante. Mas as pessoas também se reúnem porque desejam estar próximas umas das outras, porque querem estar juntas, porque querem constituir “sociedade”. É assim no *footing*, é assim nas festas, é assim nos bares. Do mesmo modo, há zonas intermediárias em que o gosto por estar próximo encontra-se com outros conteúdos e é difícil saber, senão inquirindo ao participante, qual a motivação que o leva ali, como na praia, no parque, no acampamento. Nesses casos, provavelmente encontraremos respostas mistas por não haver causalidade única. Afinal, quantas pessoas querem estar em praias, parques ou acampamentos desertos? Bem poucas, por certo. Da mesma forma, os salões (Elias, 2001), os cafés (Habermas, 1991) ou as associações (Putnam, 2000) são locais nos quais se joga sociedade, mas nos quais também se discute sociedade, se reflete sociedade e se captura artisticamente momentos de sociedade. São formas de estar junto que impactam na qualidade da relação social.

É neste sentido que os espaços de sociabilidade desenhados pela Internet também trazem gigantes consequências para a sociedade. Neles se discute, se informa, se convence, se organiza, se associa. A Internet desenha espaços de estar junto, de convivência; ela usa as formas de convivência para desenvolver seus serviços e suas aplicações. O prazer do momento sociável é, por excelência, o objetivo que norteia grande parte daquilo que se desenvolve em termos de Web. Ao longo das observações desse trabalho, foi muito clara a percepção do envolvimento dos atores com essa atmosfera. Até mesmo nos contextos mais politizados, os atores mais robustos eram sempre aqueles que investiam em formas sociáveis.

É neste ponto que se encontra, a nosso ver, parte fundamental do devir revolucionário da Internet, qual seja, promover as mais profundas combinações, remodelagens, bricolagens, invenções **como se** simplesmente e nada mais que um mero jogo social.

A sociabilidade e a mobilização mantêm relações complexas, sendo que a mobilização apoia-se a todo o momento na sociabilidade, mas esta se esvai sempre que o conteúdo ganha supremacia sobre a forma, quando interesses tentam sobrepor-se ao puro momento de prazer sociável. A mobilização parece ser sempre uma tentativa de quebra da sociabilidade, apesar de utilizá-la a todo o momento para alcançar o outro. Primeiramente, ela representa uma tentativa de fazer com que os conteúdos tornem-se

mais importantes que o mero jogo social. Em segundo lugar, deseja transpor as formas fluidas e vacilantes do tecido, criando fronteiras de conflito, criando grupos de antagonismos. Estas duas formas mantêm entre si relações complexas.

O primeiro ponto que identificamos é que as próprias ferramentas desenvolvidas para Internet já são voltadas para o desenvolvimento de relações, de momentos agradáveis de convivência. Porém, certas ressalvas devem ser feitas. Há dois aspectos dessa relação. Por um lado, há uma convivência travada com atores já previamente conhecidos e selecionados a partir dos gostos pessoais, por outro, a convivência travada com atores de todo desconhecidos a partir das ligações proporcionadas pela Web. Esses dois aspectos são bastante importantes. No primeiro caso, há a criação de relações de confiança, que aumentam o impacto das mensagens transmitidas. No segundo caso, há a criação de comunidades e relações que aumentam o espectro de relações e a densidade das redes.

Em ambos os casos, a forma embutida na própria ferramenta já possui um papel importante, contudo, não abrimos mão da noção de que, para que haja sociabilidade, é necessário que haja um arrefecimento dos conteúdos. Identificamos, assim, a sociabilidade apenas naqueles momentos em que os conteúdos pareciam completamente subsumidos pelas formas, ainda que de maneira fugaz. Mas, ainda assim, a sociabilidade não deixa de funcionar como insumo na criação de densidade de rede e de contundência, e esses dois aspectos identificados parecem confirmar as apostas feitas no início dessa pesquisa de que a sociabilidade constrói os trilhos que aumentam a intensidade das mobilizações que acontecem na Internet.

Se em princípio a sociabilidade e a mobilização aparecem como práticas conflitantes em seus objetivos, o que percebemos é bastante diferente. A sociabilidade cria caminhos e conexões sobre os quais a mobilidade consegue imiscuir-se com maior facilidade. Por outra via, os próprios ambientes criados pelas práticas de mobilização são ambientes nos quais a sociabilidade pode se desenvolver e ganhar espaço entre os interagentes.

Ao longo desta investigação paramo-nos com algumas delicadezas para as quais demos respostas provisórias que carecem de serem mais bem escrutinadas em trabalhos futuros e em novas hipóteses de trabalho. Neste sentido, apresentamos estas definições provisórias como sugestões para novas investigações.

## Primeira sugestão – O pré-individual

O que flui pela estrutura da rede são signos de toda ordem. São textos, vídeos, fotos, sons. São convocatórias, jogos, flertes, afetos, informativos, enfim, material de vida, exposta nas suas mais diversas formas e facetas. Claro que todo esse estado de coisas é o resultante da produção de uma infinidade de atores. A Web é uma resultante da atividade cultural de vários indivíduos, fruto de infinitas associações; e com cuja perpetuação, crescimento e configuração cada um de nós contribui ao adentrá-la. Trata-se, portanto, de um projeto em constante acontecer, proporcionando associações, encontros, convergências e divergências infinitos. O que significa estar na rede, defrontar-se com este entrecortar de signos de toda ordem? E mais incisivamente, quem adentra a rede? Um indivíduo? O que lá encontra? Indivíduos? Uma resposta rápida e definitiva não seria exata, pois mas uma série de pequenos empecilhos vão se colocando pelo caminho. Quando se busca um termo no Google, o que lhe fornece o resultado é o processamento de uma máquina rodando a quilômetros de distância, tendo ela coletado e ranqueado para si uma centena de milhares de páginas. Quando se leem no Facebook as atualizações postadas por várias pessoas, o que se encontra são rastros delas, partes suas. Um compartilhamento que chega à sua linha do tempo tendo cruzado um percurso intrincado até si é um encontro de si com um alguém distante, desconhecido. Si próprio, ao enriquecer a rede, funciona como uma máquina, que só pode ascender a um “estar na rede” através de outras máquinas. Quantas vezes não se muda de opinião, humor, desejo ao longo da navegação, ao ser cruzado pela diversidade dos fluxos aos quais se está exposto? Entre rastros, máquinas, fluxos, não é tarefa simples encontrar o sujeito. Ele se esconde através das partículas, dos estilhaços, das engrenagens. Ainda mais difícil é pensar um sujeito, como nos acostumamos a pensá-lo, “universal, estável, unificado, totalizado, individualizado, interiorizado” (Rose, 2001:139).

Quem nos dá a pista para pensar esse assunto é Simmel, ao tratar do âmbito da sociologia (2006). Ele adverte-nos que constitui um equívoco da ciência pregar que somente por intermédio do “indivíduo” poderíamos deduzir toda existência real. O autor ressalta que por várias vezes não desejamos compreender coisas individuais, mas sim formar unidades novas, coletivas. Defende desta maneira que os agrupamentos e configurações englobadas no conceito de “sociedade” podem ser compreendidos pela particularidade das formas individuais de existência. (2006: 11). Contudo, o giro mais

impressionante do autor acontece ao compreender que até mesmo o “indivíduo” trata-se de uma linha de corte totalmente arbitrária, sendo também este “uma composição de qualidades, destinos, forças e desdobramentos históricos específicos que, em relação a ele, são realidades elementares tanto quanto os indivíduos são elementares em relação à ‘sociedade’” (*ibidem*: 13). Em outras palavras, o indivíduo não é o elemento mais simples, profundo e distanciado que constitui a realidade primeira, mas antes uma instância de vivência.

Simmel utiliza-se dessa compreensão para defender a validade do estudo de agregados de indivíduos, os compostos que frequentemente compreendemos como sociedade, isso é, um acontecer de “interações psíquicas entre indivíduos” (*ibidem*: 15). Entretanto, o autor abre para nós a possibilidade de seguirmos na direção inversa através da investigante elaboração de que os indivíduos não são as unidades menores<sup>8</sup>.

Paolo Virno irá nessa direção ao abordar a primeira tese de Simondon, a saber, que “o sujeito é uma individuação sempre parcial e incompleta, consistindo melhor nos rasgos cambiantes de aspectos pré-individuais e de aspectos efetivamente singulares” (Virno, 2001: s/p). Com essa primeira tese, Simondon deseja mostrar que o ponto de partida da individuação é algo ainda não individual; o que é único advém do que é indiferenciado e genérico. As características particulares da individualidade emergem do conjunto de paradigmas universais. O individual é potência individuada; e é potência individuada porque é tão somente uma das individuações possíveis da potência. Para designar o que precede a individuação é usado o termo “realidade pré-individual”. Realidade do possível, ser ainda desprovido de fases. “(...) a Natureza não é o contrário do Homem, mas sim a primeira fase do ser, sendo a segunda oposição entre indivíduo e o entorno”<sup>9</sup> (Simondon 1989 *apud* Virno, 2001: s/p, tradução minha).

Neste ponto, Virno estabelece o que ele próprio entende como a realidade pré-individual. Ele traçará, então, uma definição levando em consideração alguns aspectos: a percepção sensorial, a motricidade, a língua, o saber abstrato, o conhecimento impessoal. Isso porque esses materiais são inerentes a todas as partes da comunidade dada, como o é um líquido amniótico, a um só tempo envolvente e indiferenciado. São

---

<sup>8</sup> “Todavia, a rigor, os indivíduos também não são os elementos últimos, os ‘átomos’ do mundo humano. A unidade efetiva e possivelmente indissolúvel que se traduz no conceito de ‘indivíduo’ não é de toda maneira um objeto do conhecimento, mas somente um objeto da vivência; o modo pelo qual cada um sabe da unidade de si mesmo e do outro não é comparável a qualquer outra forma de saber” (*ibidem*: 12).

<sup>9</sup> “la Nature n’est pas le contraire de l’Homme, mais la première phase de l’être, la seconde étant l’opposition de l’individu et du milieu”

características intersubjetivas e que existem antes que se formem “sujeitos” propriamente ditos, estando em todos e em ninguém.

Dessa primeira tese de Simondon, analisada por Virno, alcançamos aqui uma forma diferente de abordar o indivíduo e aquilo do qual ele se decompõe. O sujeito não coincide com o indivíduo individuado, mas contém em si, sempre, certa proporção irreduzível de realidade pré-individual; é um precipitado instável, algo composto. Existe nos seres individuados certa carga de indeterminado, isto é, de realidade pré-individual, que passou através da operação de individuação sem ser efetivamente individuada. O pré-individual é uma espécie de passado não resolvido: a realidade do possível, donde surge a singularidade bem definida. O pré-individual, que é o tecido íntimo do sujeito, constitui o meio do indivíduo individuado. O contexto (perceptivo, linguístico ou histórico) no qual se inscreve a experiência do indivíduo singular é, em efeito, uma componente intrínseca (se se queira, interior) do sujeito.

Esse sujeito que ainda, e sempre, está por ser constituído, individualizado, singularizado, entra em contato com o turbilhão de partículas que fluem ao longo da Web, pequenos fragmentos vagantes ávidos por serem dobrados. Parece-nos adequado abordar a Web como recipiente amorfo de potencialidades; e a abordamos de tal maneira na esperança de que possamos compreender de modo mais profundo o pequeno demônio chamado mobilização.

Essa abordagem ajudou a conciliar ao longo da pesquisa uma série de dificuldades analíticas. A primeira delas seria conseguir lidar com a indeterminação do indivíduo, já que o indivíduo é cada vez mais anônimo ou fracamente identificável. Além disso, esta abordagem coloca em relevo o universo de mensagens que é a Web. Dadas essas duas primeiras características, a abordagem ajudou-nos ainda a lidar com a questão do sujeito, que é ainda mais complexa em um ambiente como esse, sendo possível então suspendê-lo por algum tempo, uma vez que ele deve emergir de um processo de individuação.

Em termos práticos, a abordagem auxiliou-nos na busca da mobilização em meio às mensagens e não aos atores previamente, o que será importante, mas como um acontecimento resultante. A possibilidade aqui, portanto, foi de colocar a mobilização no centro do palco, na medida em que tentamos reconhecê-la em meio ao material pré-individual. Parece-nos, inclusive, que a mobilização é um aspecto importante na organização do pré-individual e na eventual emergência de sujeitos. Esse é um ponto a ser melhor investigado em trabalhos futuros.

## Segunda sugestão – A guerrilha

O que a Internet traz de novo para a mobilização? O que identificamos ao analisar a mobilização que ocorre pela Web? O que faz com que haja um casamento tão feliz entre a Web e a imersão das formas de associação em detrimento dos movimentos enquanto ações unificadas? A resposta parece estar exatamente nesse espaço de fluxos por excelência que converte a mobilização em algo como uma mobilização “guerrilha”.

Enquanto os conflitos tendem a exigir do grupo centralização e cerrada concentração de todos os elementos, através de formações hierárquicas capazes de traduzir as regras de um centro nervoso em movimento de todo o corpo, sem qualquer perda dinâmica ou qualquer movimento independente dos elementos – cujo exemplo máximo é o exército (Simmel, 1983a), as estratégias de guerrilha dispensam tal centralização, uma vez que as partes agem de modo independente e desconcertado.

Desta maneira, os grupos são contingenciais. O grupo ata-se e desata-se de acordo com o fluxo das marés. Cada individualidade, centrada em si, cultiva antes sua rede que as demandas de uma causa bem marcada. A mobilização, enquanto organização objetiva, cristalizada, deve ser compreendida antes em termo das condições maleáveis que permitiram a ela hipostasiar-se. Por esse motivo, é necessário seguir o fluxo da sociabilidade, pois em geral ele subjaz o conjunto de relações possíveis e, conseqüentemente, antecede o local e o momento nos quais a mobilização irrompe.

Na concepção de Clausewitz (*apud* Mendes, s/d)<sup>10</sup>, para que haja a guerrilha, é necessário que haja determinadas condições: “(i) a guerra deve ser travada no interior do país; (ii) a guerra não pode ser decidida numa única investida; (iii) o teatro de operações deve ser razoavelmente grande; (iv) o caráter nacional deve ser adequado para esse tipo de guerra; (v) e o país deve ser difícil e inacessível, em razão de montanhas, florestas, pântanos, ou dos métodos locais de cultivo” (Clausewitz, 1993, p. 579*apud* Mendes, s/d: 5). Em sentido abstrato, temos também estas condições. Reparemos nas mensagens aqui dispostas. O ambiente Web configura um espaço no

---

<sup>10</sup> Mendes (s/d) ressalta que o enquadramento do fenômeno da guerrilha em Clausewitz pode ser encontrado no capítulo 26 do livro VII (“A Defesa”) do Da Guerra, intitulado “O Povo em Armas”, apesar de não ser utilizado o termo guerrilha.

interior do qual essa guerrilha semiótica pode dar-se. Este espaço apresenta dificuldades para sua identificação, pois depende muito mais das configurações de rede presentes em determinado momento, das direções dos fluxos e dos locais temporários para os quais esses fluxos convergem. Isso acaba por fazer desse espaço ambiente de difícil acesso, no qual se tem apenas perspectivas parciais. Os rastreamentos de rede, mesmo os semânticos, encontram ainda dificuldades diante da mutabilidade da rede, dos termos, dos atores, dos espaços. O período de lutas é estendido no tempo. Os mecanismos e repertórios utilizados são amplos e variados. Por todos esses motivos, o uso da metáfora para identificar o funcionamento da mobilização na Internet parece ser uma opção satisfatória.

Ao passo que as ações de uma força concentrada – como num exército – são razoavelmente esperadas e visualizadas, os movimentos e ações da guerrilha têm de ser necessariamente furtivos e elusivos. Na guerrilha a resistência deverá acontecer ao mesmo tempo em todo lugar e em lugar nenhum. Sua atuação deve se concentrar às margens do teatro de operações, em que tende a não haver concentração de força.

O sucesso tático da guerrilha reside em explorar ao máximo a surpresa – daí as emboscadas e escaramuças serem suas principais formas de ataque – e ao tentar obter superioridade numérica no ponto de ataque, ou, ao menos, posicionar-se de forma a poder atacar e desengajar rapidamente. O nexos logístico do oponente aparece comumente como um alvo natural para os guerrilheiros, pois aqueles costumam possuir pontos vulneráveis que, se obstruídos, podem causar sérias privações materiais. É com esse potencial que forças guerrilheiras tendem a causar o maior enfraquecimento das forças regulares: ataques constantes e bem sucedidos podem obrigar ao desdobramento e à dispersão de um número significativo de tropas para a defesa das linhas de comunicação, tropas estas subtraídas das forças regulares principais para enfrentamentos futuros.

O sucesso estratégico da guerrilha reside em deteriorar as forças do oponente – físicas e morais, possivelmente mais as últimas do que as primeiras – a ponto de fazê-lo questionar sua própria capacidade (ou vontade) de manter o que é disputado. A guerrilha manifesta-se pela combinação entre defesa estratégica e ofensiva tática.

Provavelmente, trata-se de uma combinação daquilo que Castelfranchi (2008: 315) sugeriu como práticas de insistência e desistência, isto é, estar no interior utilizando a própria ferramenta da qual se é constituído para investir contra ela e sabotá-

la e, ao mesmo tempo, deixar de estar presente, desaparecendo, evaporando e tornando-se inutilizável para o próprio sistema. .

A metáfora traz vários elementos que ajudam a compreender o tipo de mobilização que se processa no espaço de fluxos da Internet: a dispersão das ações pela extensão da Web, assim como a ação pouco sincronizada. As fronteiras e trincheiras são provisórias e efêmeras, logo em seguida o fluxo corre para outras regiões. Atacam-se os flancos mais fracos do inimigo e vão-se mostrando as fragilidades dele, desfazendo sua hermenêutica. O inimigo vai sendo fragmentado. As mensagens entram e saem do espectro, sendo resgatadas sempre que se percebe sua contundência. A dificuldade de identificação do inimigo desestabiliza as incursões.

Essa identificação com a prática de guerrilha tem a vantagem de não constituir necessariamente um sujeito anteposto à ação. A formação anárquica é um aspecto importante que queríamos que ficasse evidente aqui. O que percebemos pelas observações, é que cada ator está seguindo seu curso de ação, executando suas práticas normais, a postagem de determinados tipos de conteúdos. De repente surge em algum ponto da rede um novo tópico com potencial de abrir discussões, reivindicações, indignações. Vimos isso acontecer, por exemplo, com reportagens sobre a corrupção na imprensa. Entre repostagens, charges, debates, comentários, cada ator age descoladamente, por meio de suas próprias características.

### **Terceira sugestão – As multidões**

Se, por um lado, a mobilização remete-nos aos fenômenos microscópicos-moleculares, por outro, as mobilizações querem advir multidões. O clamor mobilizador reivindica uma união, uma concentração de proporções grandiosas. Ainda quando voltadas para pequenos projetos localizados, a ideia é de que em seus efeitos as mobilizações sejam capazes de provocar grandes mudanças. Mas o que é capaz de concentrar tantas pessoas, como é possível fazer com que isso aconteça? As pessoas reunidas massivamente em uma praça podem representar um grande protesto, mas poderia também tratar-se de uma festa popular ou de uma comemoração desportiva. A mobilização parece querer devir multidão. É nesse ponto que a segunda tese de Simondon pode ser-nos de grande auxílio, radicalizando a primeira e mesmo seguindo contra nossa intuição. A segunda tese afirma que “a experiência coletiva, longe de

assinalar sua desintegração ou eclipse, persegue e afina a individuação” (Virno, 2001: s/p). Como nos esclarece Virno, a multidão é uma rede de indivíduos, que indica um conjunto de singularidades contingentes. Estas singularidades não são, contudo, uma circunstância sem nome, mas sim, ao contrário, são o resultado complexo de um processo de individuação.

A multidão apresenta uma mistura inextrincável de singularidade não reproduzível e anônima da espécie ou individuação e realidade pré-individual. Se, por um lado, cada uma das “multiples”, ao ter atrás de si o universal como premissa ou antecedente, não possui a necessidade da universalidade postiça que constitui o Estado. Por outro lado, contudo, cada uma das “multiples” enquanto sujeito anfíbio pode sempre distinguir uma ameaça na sua própria realidade pré-individual, ou ao menos uma causa de insegurança.

Simondon (*apud* Virno, 2001) argumenta que a individuação não está garantida de uma vez por todas: pode regressar sobre seus passos, fragilizar-se, estalar. A singularidade está sempre em risco, ameaçada pelo anonimato do “se”, como se o pré-individual estivesse pronto a inundar a singularidade. Outras vezes, de maneira oposta e simétrica, a individualização força-nos em vão a reduzir todos os aspectos pré-individuais de nossa experiência à singularidade pontual. A instabilidade da fronteira “eu-mundo” é somente o extremo de uma oscilação que, sob formas mais contidas é, em geral, constante e não suprimível.

Não é a multidão o aspecto mais emblemático da mobilização política na Internet - seja ela conhecida como ciberturba, *smartmobs* ou indignados? Não é ela que atrai para si o maior fascínio e curiosidade? A mobilização, quando bem sucedida, gera um agregado conjuntamente direcionado. A mobilização bem sucedida cria um agregado singular, homogêneo ao agregar os desejos.

Os dados sobre mobilização, a participação em manifestações mais ou menos bem sucedidas e o acompanhamento de sua organização indicam processos mais ou menos aleatórios que permitem que, em determinados tempos e espaços, se reúnam grandes proporções de pessoas, seja em ações na própria Internet seja em ruas e praças. Ainda assim, essa reunião, coagulação, aglutinação, não deixa de ser uma singularidade de elementos variáveis que se juntam. São necessários estopins para que haja essa aglutinação (como vimos no primeiro capítulo, no caso de Portugal esse estopim tendeu a ser a configuração do orçamento de Estado). Outros fatores, contudo, não podem ser esquecidos. Dois dos mais importantes, entretanto, parecem ser a contundência do

trabalho de mobilização e a densidade da rede. Quanto à contundência da mobilização, referimo-nos à capacidade de ela atingir o calcanhar de Aquiles de cada indivíduo, de proporcionar uma alteração de subjetividade que o desloque de sua posição inicial. Enquanto buscávamos qual seria essa fórmula, encontramos uma diversidade imensa de tipos e formatos utilizados ao mesmo tempo e de maneira difusa. Seria difícil julgar qual é o melhor formato para cada um, mas a própria rede realiza o trabalho de seleção. Uma vez que indivíduos próximos tendem a compartilhar gostos e subjetividades, é natural pensar que cada um deles escolhe para seus pares os tipos mais “adequados”.

Para encerrar nossa reflexão acerca da mobilização, a reflexão de Pelbart (2001) permite que aprofundemos ainda mais nossa percepção dela, pois o capitalismo e o Estado também possuem a força de mobilização da qual pouco falamos e pouco poderíamos ter falado pelo nosso recorte. Sem essa noção, fica bastante nublada a compreensão de que a mobilização é uma espécie de batalha. Pelbart (2001) aborda a multidão por meio de sua contraface, o Império, utilizando para isso a metáfora kafkaniana da muralha da China, construída de forma descontínua e cuja lógica não se podia entender, pois não protegia contra nada nem ninguém<sup>11</sup>. “O Império mobiliza todas suas forças na construção da Muralha contra os nômades, mas eles já estão instalados no coração da capital enquanto o Imperador todo poderoso é um prisioneiro em seu próprio palácio” (Pelbart, 2001: 33).

O Império designa uma nova relação entre o capital e a subjetividade. Ainda que nem tudo circule da mesma maneira por toda parte, e, menos ainda, que todos extraiam dela os mesmos benefícios, o novo capitalismo em rede enaltece as conexões, a movência, a fluidez, para produzir novas formas de exploração e de exclusão, novas elites e novas misérias. É nessa conjuntura que opera a multidão, que Pelbart identifica com o nômade ou o esquizo. Ela não parece ter a intenção de tomar de assalto o palácio imperial, desconhece os costumes locais e imprime à capital em que se infiltra sua esquisitice. Ao mesmo tempo, ignora as leis do Império e parece ter sua própria lei, que ninguém entende. A partir desse extremo no qual chegam as reflexões acerca das mobilizações, ao arranhar o problema das multidões, é sugestivo demais pensá-las como máquinas de guerra sem centralização (Deleuze, 2006: 351-2).

---

<sup>11</sup> Outra abordagem do império pode ser encontrada em Hart e Negri (2001).

## Quarta sugestão – O sujeito

A Internet deixa o trabalho de criação e recriação de grupos mais explícito e, ainda mais, facilita novas formas de composições, como é o caso das turbas, pelo contato que permite entre diversos conteúdos pré-individuais. Entretanto, ela dificulta a identificação dos atores. É importante estar atento para a maneira como as mobilizações condensam-se em movimentos, manifestações, multidões, como as partículas agregam-se e aglutinam-se. Dois caminhos devem ser seguidos para compreender os atores ao atuarem na Internet: A primeira delas é se perguntar quem são esses atores dentro do ambiente da rede e a segunda é quem são esses atores quando relacionados ao ambiente offline, ou melhor, nesse espaço híbrido entre Internet e espaço físico.

O que percebemos é que a distinção entre movimentos sociais, coletivos e ciberativistas em princípio não tem muito sentido na Internet. Eles são todos nós, nós de rede que caracterizam-se a) pela capacidade de manterem campanhas permanentes e comunicação em diversas redes, b) pela constituição de redes que podem ser reconfiguradas rapidamente, c) pela utilização de novas mídias que podem alterar fluxos de informação pulando as mídias de massa. O que irá distingui-los são a quantidade e a qualidade do trabalho produzido em termos de rede. Tanto um ciberativista, quanto uma organização de movimento social, quanto um coletivo pode investir em tipos específicos de repertórios, campanhas ou apresentar demonstrações de VUNC. Mas em princípio são todos nós, que, por suas capacidades de agregação tanto em termos de qualidade quanto de quantidade da atividade, distinguem-se enquanto sujeitos. A ocorrência da multidão é um fenômeno resultante, uma segunda individuação, que pode ter por início qualquer dessas aglutinações.

Por seu turno, cada um dos nós tem um lastro no espaço físico, que o dota de determinadas características, possibilidades e limitações. Nesse sentido, a constituição do nó no mundo virtual é diferencial. Coletivos têm maiores possibilidades de produção que ciberativistas, em geral, pelo maior número de pessoas trabalhando em um perfil. Organizações de movimentos sociais têm de responder a um número de compromissos propostos e suas diretrizes e estatutos. Ciberativistas possuem maior penetração no tecido social por serem pessoas comuns com interações pessoais e privadas, e assim por diante.

Entre uma abordagem e outra, diversos autores têm apontado um funcionamento singular das atuais manifestações. Muitos apontam para *sujeitos mobilizadores*: “propositores” ou “netocratas” (De Ugatte, 2007), “programadores” e “conectores” da rede (Castells, 2009), “catalisadores” (Rheingold (2005), “ator-rede” (Latour, 2005). De forma genérica, trata-se de compreender como está sendo executado o que até então, em uma abordagem tradicional na sociologia, era designado como liderança. Ganz (2004; 2009) ou Morris e Staggenborg (2002) consideram que a eficácia dos movimentos sociais depende do amplo desenvolvimento de práticas de liderança, que incluem: motivação do comprometimento, assunção de riscos e imaginação através do cultivo de experiências de compartilhamento de valores, articulação de narrativas, construção de relações para engajar participantes, identificação dos interesses comuns, mobilização de recursos, criação de estratégias baseadas em comprometimento, recompensas intrínsecas, criação e identificação de oportunidades, entre outras. Trata-se, portanto, de compreender de que modo e por quem essas funções anteriormente atribuídas à liderança estão sendo desenvolvidas dentro dos pelos nós de rede e turbas.

Estruturas organizacionais tradicionais, como é o caso das organizações de movimentos sociais, entraram e têm entrado na Internet e tem-na utilizado como uma ferramenta nova para realizar suas atividades de forma mais rápida e prática. Porém, muitas dessas organizações têm modificado sua forma de atuação dada a própria dinâmica da Internet. Vários outros, ainda, têm modelado sua forma de atuação a partir da própria ferramenta.

Ao longo do trabalho pudemos perceber o momento de surgimento do grupo e a ação estratégica de alguns indivíduos para avistar e canalizar as ondas de indignação. Essa ação estratégica é verificada também na forma de conduzir e formatar a imagem do grupo. Os atores fundadores não são desprovidos de história de ativismo e vinculações prévias; antes pelo contrário, utilizam dessa bagagem para o desenvolvimento da plataforma, por instância, a escolha da data ou a mistura de atores anônimos. Além disso, o grupo não se esquivava das atividades organizacionais básicas, há emersão de líderes, modelos de reunião, modelos de deliberação. Assim também tendem a ser decisivas as escolhas sobre o número e variedade dos membros e consequentemente sobre seus consensos e a extensão de suas propostas.

Se, por seu turno, toda essa dinâmica não é de forma alguma desprezível, as ações do “Que se lixe a troika”, por exemplo, foram fundamentais para o acontecimento de algumas manifestações que ocorreram em Portugal. Também não se deve esquecer

que há aí um hiato entre as 30 ou 100 pessoas do grupo (ou, numa perspectiva mais expandida, as pessoas envolvidas com os diversos coletivos conectados) e as um milhão e meio de pessoas presentes numa manifestação como a de 02 de março. Há que se investigarem quais são os mecanismos que permitem essa mudança de escala e, dentro de seus limites, foi para esse lugar que esse trabalho direcionou-se.

Nesse sentido, o que percebemos é que esses grupos de pessoas que compõem grupos são importantes, mas devem ser percebidos em dimensões expandidas pelo máximo de agregação que permitem compondo sujeitos mobilizadores. Parece correto pensar que a sugestão de propostas genéricas, capazes de abrigar diferentes matizes de crenças e opiniões, é o que reveste agrupamentos, como o QSLT, de tanta força de agregação, porém, também faz deles um tanto substituíveis. Suas propostas genéricas são o ponto de aglutinação de tantos desejos, que poderiam logo escorrer e agruparem-se em outros pontos. Ou não acontecerem.

Pensar no sujeito que mobiliza não é tarefa simples na Internet. Os líderes não são mais que porta vozes, são provisórios, desimportantes em si próprios. Valem o quanto vale a qualidade da tradução que podem fazer. As tarefas são assumidas por quem esteja à disposição. Isso se diferencia pelo tipo de movimento, pela existência de uma organização, pelo volume de membros ou simpatizantes, porém os atores são capazes de exercer diversas dessas atividades sem a presença de figuras centrais. Os sujeitos aparecem e submergem com grande facilidade. Nesse contexto, a mobilização por redes de convivência parece ser um elemento privilegiado para compreender as mudanças de escala. Talvez por isso vejamos tantas individualizações, pequenas e grandes, em um ambiente que coloca gigantesca quantidade de materiais à disposição.

# Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Chris. (2006). *A Cauda Longa: do Mercado de Massa para o Mercado de Nicho*. Rio de Janeiro: Elsevier, Campus.
- AUER, Christine. (2013). "Affect in political protest – The sound of anti-austerity demonstrations in Lisbon". In: Workshop Protestos e Movimentos Sociais Contemporâneos em Portugal. Lisboa, Portugal.
- BARABASI, Albert-László. (2009). *Linked (conectado) A nova Ciência dos Networks*. São Paulo: Leopardo.
- BENFORD, Robert D.; SNOW, David A. (2000). "Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment". *Annual Review of Sociology*, Vol. 26, (2000), pp. 611-639.
- BENNET, W. Lance. (2003a). "Communicating Global Activism: Strengths and vulnerabilities of networked politics". *Information, Communication & Society* 6:2. pp. 143–168.
- BENNET, W. Lance. (2003b). "New Media Power: The Internet and Global Activism". In: COULDRY, Nick; CURRAN, James (eds.). *Contesting media Power*. Rowman and Littlefield.
- CABRAL, Fernando (ed.). (2011). *¡Indignados! 15M*. Madri: Mandala Ediciones.
- CALLON, Michel. (2008a). "La double signification de la notion de reseaux: forme emergente et modalité de coordination". In: CALLON, Michel *et al.* *Réseau et coordination*. Economica: Paris.
- CALLON, Michel. (2008b). "Dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos". *Sociologias*. Ano 10, n. 19. pp. 302-21.
- CANDÒN MENA, J. (2009). "Smart mobs y mensajes en cadena. Aproximación teórica a las convocatorias "espontáneas" de movilización social mediante redes telemáticas". *Redes. Com*, 255-281.
- CARNEIRO, Henrique Soares. (2012). "Rebeliões e Ocupações de 2011". In: *Occupy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas*. Boitempo: São Paulo.
- CASTELFRANCHI, Yuri. (2008). "As serpentes e o bastão: Tecnociência, neoliberalismo e inexorabilidade". Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

- CASTELLS, Manuel. (2009). *Communication Power*. Oxford University Press: New York.
- CASTELLS, Manuel. (2012). *Reti di indignazione e speranza: Movimenti sociali nell'era di Internet*. Università Bocconi Editore: Milano.
- CHADWIK, Andrew. (2007). "Digital Network Repertoires and Organizational Hybridity". *Political Communication*, 24: 283-301.
- CHOMSKY, Noam. (2011). "Occupy The Future". Disponível em: [http://www.inthesetimes.com/article/12206/occupy\\_the\\_future/#13543126574331&action=collapse\\_widget&id=2892965](http://www.inthesetimes.com/article/12206/occupy_the_future/#13543126574331&action=collapse_widget&id=2892965). Acessado em 20 de novembro de 2012.
- CYPRIANO, Cristina. (2013). "Nas travessias da interface: as novas formas da vida social em rede". Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
- DE UGARTE, D. (2007). *El poder de las redes. Manual ilustrado para personas, colectivos y empresas abocados al ciberactivismo*. Barcelona: El Cobre.
- DELEUZE, Gilles. (2006). *A Ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras.
- DELLA PORTA, Donatella; DIANI, MARIO. (2006). *Social Movements: An Introduction*. Blackwell Publishing: Oxford.
- DUARTE, Gabriel Guerra (2012). "Política nas ruas da internet: Ativismo transnacional na web". Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
- ELIAS, Norbert. (2001). *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes. Vol.I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. pp. LXVII-LXVIII.
- ELLSWORTH, Elizabeth. (2001). "Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autentica.
- FLICK, Uwe. (2007). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo, Artmed Editora.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. (2011). *Métodos de pesquisa PA internet*. Porto Alegre: Sulina.
- GANZ, Marshall. (2004). "Why David sometimes wins: Strategic Capacity in Social Movements". In: GOODWIN, Jeff; JASPER, James M. *Rethinking Social movements: structure, meaning, and emotion*. Rowman & Littlefield Publisher, Inc: Maryland.

- GANZ, Marshall. (2009). "Leading Change: Leadership, Organization, and Social Movements". In: *Advancing Leadership*, HBS Press.
- GOHN, Maria da Glória. (1997). *Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola.
- GOHN, Maria da Glória. (2008). "Abordagens Teóricas no Estudo dos Movimentos sociais na América Latina". *Caderno CRH*, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, Set./Dez.
- GRANOVETTER, Mark. (1973). "The Strength of Weak Ties". *The American Journal of Sociology*, Vol. 78, No. 6, May, pp. 1360-1380.
- HABERMAS, Jürgen. (1991). *The Structural Transformation of the Public Sphere: An Inquiry into a Category of Bourgeois Society*. Massachusetts: The MIT Press.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. (2001). *Império*. Rio de Janeiro: Record.
- HARVEY, David. (2012). "Os rebeldes na rua: o Partido de Wall Street encontra sua nemesis". In: *Occupy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas*. Boitempo: São Paulo.
- HESSEL, Stéphane. (2013). *Indignez-vous!*. Paris: Epiac.
- HINDMAN, Matthew. (2009). *The Myth of Digital Democracy*. New Jersey: Princeton University Press.
- JASPER, M. Jasper. (2004). "A Strategic approach to collective action: Looking for agency in social-movement choices". *Mobilization: An International Journal*: 9(1): 1-16.
- LATOUR, Bruno. (2005). *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford University Press: New York.
- MARCELO, Ana Sofia. (2001). "Internet e Novas Formas de Sociabilidade". (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade Beira Interior, Covilhão, Portugal. Disponível em <<http://bocc.unisinos.br/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>> Acesso em 24 de janeiro de 2014.
- MC'CARTHY, John D.; ZALD, Mayer N. (1977). "Resource Mobilization and Social Movements: A Partial Theory". *The American Journal of Sociology*, Vol. 82, No.6, 1212-1241.
- MCADAM, Doug; MCCARTHY, John D.; ZALD, Mayer N. (1996). *Comparative Perspective on Social Movements: Political opportunities, mobilizing structures, and cultural framings*. Cambridge: Cambridge University Press.

- MCADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. (2004). *Dynamics of Contention*. Cambridge University Press.
- MELUCCI, Alberto. (1985). "The Symbolic Challenge of Contemporary Movements". *Social Research*, vol, 52, N. 4.
- MENDES, Flávio Pedroso. (s/d). "Guerra, Guerrilha e Terrorismo: uma Proposta de Separação Analítica a partir da Teoria da Guerra de Clausewitz". Disponível em: [http://share.pdfonline.com/fd454706a27840559d1ac3257822e541/Prof.%20Fl%C3%A1vio%20P.%20Mendes%20\(UFU\)\\_Enabed%202013.pdf](http://share.pdfonline.com/fd454706a27840559d1ac3257822e541/Prof.%20Fl%C3%A1vio%20P.%20Mendes%20(UFU)_Enabed%202013.pdf). Acessado em: 22 de janeiro de 2014.
- MOL, Annemarie; LAW, John. (1994). "Regions, Networks and Fluids: Anaemia and Social Topology". *Social Studies of Science*, vol. 24, n. 4, pp. 641-671.
- MORRIS, Aldon; STAGGENBORG, Suzanne. (2002). "Leadership in Social Movements". Disponível em: <http://www.sociology.northwestern.edu/people/faculty/documents/Morris-Leadership.pdf>
- PASQUINO, Gianfranco. (1998). "Mobilização". in: BOBBIO, Norberto; NICOLA, Matteucci (orgs.). *Dicionário de Política*. Editora Universidade de Brasília: Brasília.
- PASTOR VERDÚ, Jaime. (2006). "Los movimientos sociales: De la crítica de la modernidad a la denuncia de la globalización". *Intervención Psicosocial*. vol. 15 n.2. pp.133-47
- PELBART, Peter Pál. (2001). "Poder sobre a vida, potência da vida". *Lugar Comum* n. 17.
- PEREIRA, Inês. (2008). "Activismo em rede: dinâmicas locais e globais nos movimentos sociais portugueses". VI congresso português de sociologia. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/362.pdf>. Acesso em 29/10/2012 . [s/d].
- PEREIRA, Inês. (2009). "Movimentos em rede: Biografias de envolvimento e contextos de interação". Tese (Doutorado em Antropologia Urbana) – Departamento de Antropologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- PEREIRA, Marcos Abílio. (2011). "Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital". *Teoria & Sociedade* (UFMG).

- PERUZZO, Cicilia. (2005). “Observação participante e pesquisa-ação”, In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo:Atlas.
- PUTNAM, Robert. (2000). *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community*. New York: Simon & Schuster.
- RECUERO, Raquel. (2004). “Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs”. In: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVIIIINTERCOM. Porto Alegre/RS. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17792/1/R0625-1.pdf> Consultado. Acesso em: 25 de novembro de 2011.
- RHEINGOLD, Howard. (2005). *Foules Inteligentes: La révolution qui commence*. M2Editions: Paris.
- ROSE, Nikolas. (2001). “Inventando nossos eus”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autentica.
- ROSENSTEIHL, Pièrre. (1984). “Rede”. In: v. 13 *Lógica Combinatória. Enciclopédia Einaudi*. Porto: IN/CM.
- RÜDIGER, Francisco. (2011). *As teorias da Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.
- SAFATLE, Vladimir. (2012). “Amar uma ideia”. In: *Occupy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas*. Boitempo: São Paulo.
- SALIN, Gleison Barreto. (2014). “Teclo, logo existo: uma análise das formas de sociabilidade em redes sociais construídas a partir das telenovelas”. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.
- SANDOVAL, Mario. (2012). “La desconfianza de los jóvenes: sustrato del malestar social”. *Última Década*, 36, pp: 43-70.
- SHARP, Gene. (2010). *Da ditadura à democracia. Uma estrutura conceitual para a libertação*. FILARDO, José A. S. (trad.). São Paulo.
- SIMMEL, Georg. (1983a). “Conflito e Estrutura do Grupo”. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). *Georg Simmel: Sociologia*. Atica: São Paulo.
- SIMMEL, Georg. (1983b). “Sociabilidade – Um exemplo de sociologia pura ou formal”. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). *Georg Simmel: Sociologia*. Atica: São Paulo.
- SIMMEL, Georg. (2006). *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar.

- SNOW, David A.; SOULE, Sarah A.; KRIESI, Hanspeter. (2007). *The Blackwell Companion to Social Movements*. Blackwell Publishing: Oxford.
- SOARES, Vera. (2013). “Espetacularidade e performatividade na cena contemporânea dos Movimentos Sociais Portugueses”. In: Workshop Protestos e Movimentos Sociais Contemporâneos em Portugal. Lisboa, Portugal.
- SOEIRO, José. (2013). “Do 12 de março ao 13 de outubro: Portugal no novo ciclo global de protesto”. In: Workshop Protestos e Movimentos Sociais Contemporâneos em Portugal. Lisboa, Portugal.
- TARROW, Sidney. (1994). *Power in Movement*. Cambridge: Cambridge U Press.
- TARROW, Sidney. (2009). “Outsiders inside e insidersoutside: entre a ação pública nacional e transnacional em prol dos direitos humanos”. *Caderno CRH*, Salvador, v. 22, n. 55, p. 151-161.
- TILLY, Charles. (1977). *From Mobilization to Revolution*. Michigan: CRSO Working Paper 8156.
- TORET, Javier *et alli*. (2013). *Tecnopolítica: La potencia de las multitudes conectadas. El sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuida*. Barcelona: Universitat Oberta de Catalunya (UOC).
- TORO A, José Bernardo, WERNECK, Nisia Maria Duarte. (1996). *Mobilização Social: Um modo de construir a democracia e a participação*. Disponível em [http://www.aracati.org.br/portal/pdfs/13\\_Biblioteca/Publicacoes/mobilizacao\\_social.pdf](http://www.aracati.org.br/portal/pdfs/13_Biblioteca/Publicacoes/mobilizacao_social.pdf)
- TORTOSA, José María. (2011). “Sobre los movimientos alternativos en la actual coyuntura”. *Revista de la Universidad Bolivariana*, v. 10, n. 30 pp. 317-338.
- URRUTIA, J. (2003). “Aburrimiento, rebeldía y ciberturbas”. Disponível em: <http://juan.urrutiaelejalde.org/aburrimiento/aburrimiento.pdf>. Acesso em 29/10/2012.
- URRY, John. (2005). *Sociologie des mobilités: Une nouvelle frontière pour la sociologie?*. Armand Colin: Paris.
- VIRNO, Paolo. (2001). “Multitude et principe d’individuation”. *Multitudes* n. 7. Disponível em: <http://multitudes.samizdat.net/Multitude-et-principe-d>. Acesso em 22 de janeiro de 2014.
- WATTS, Duncan J. (2009). *Seis Graus de Separação (sixdegree): A evolução da ciência em rede em uma era conectada*. Leopardo: São Paulo.

- WELLMAN, Barry; GULIA, Milena. (1997). Net surfers don't ride alone: virtual communities as communities. Disponível em: <<http://groups.chass.utoronto.ca/netlab/wp-content/uploads/2012/05/Net-Surfers-Dont-Ride-Alone-Virtual-Community-as-Community.pdf>> Acesso 23 de janeiro de 2014.
- WELLMAN, Barry; HOGAN, Bernie. (2004). "The Internet in Everyday Life". Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/index.html>. Acessado em 08 de maio de 2012.
- ZALD, Mayer N; ASH, Roberta. (1996). "Social Movement Organizations: Growth, Decay and Change". *Social Forces* 44 (3): 327-341.
- ŽIŽEK, Slavoj. (2012). "O Violento silêncio de um novo começo". In: *Occupy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas*. Boitempo: São Paulo.

## Anexo 1

Lista de perfis acompanhados ao longo do período de 2012 e 2013. Lins copiados em 22 de março de 2014.

- (d)Eficientes Indignados - <https://www.facebook.com/profile.php?id=404861932899991>
- 15 Outubro - <https://www.facebook.com/profile.php?id=161447463927164>
- Acampada Lisboa - <https://www.facebook.com/profile.php?id=186997248017627>
- Anonymous PORTUGAL - <https://www.facebook.com/profile.php?id=216149215074422>
- ATTAC Portugal - <https://www.facebook.com/profile.php?id=132837086740433>
- CGTP - <https://www.facebook.com/profile.php?id=275330872914>
- Democracia Verdadeira Já - Portugal - <https://www.facebook.com/profile.php?id=406661172732420>
- Democracia Verdadeira, Já - <https://www.facebook.com/profile.php?id=195547923823603>
- Donos de Portugal - <https://www.facebook.com/profile.php?id=285025548245990>
- Fórum das Gerações - 12/3 e o Futuro - <https://www.facebook.com/profile.php?id=104757732940015>
- Geração a rasca Fotos e Vídeos - <https://www.facebook.com/profile.php?id=202236843139325>
- Ghilhotina.info - <https://www.facebook.com/profile.php?id=434894793293669>
- Indignados Lisboa - <https://www.facebook.com/profile.php?id=121112334649179>
- iniciativa por uma auditoria cidadã da dívida pública - <https://www.facebook.com/profile.php?id=242233212502615>
- Job for the boys - <https://www.facebook.com/profile.php?id=277266599050094>
- M12M - Movimento 12 de Março - <https://www.facebook.com/profile.php?id=203864279648094>
- Movimento Ativista Português - <https://www.facebook.com/profile.php?id=231388260244523>
- Movimento Não Pagammos - <https://www.facebook.com/profile.php?id=352479008109994>
- Movimento Revolução Branca - <https://www.facebook.com/profile.php?id=202854156494155>
- Movimento Sem emprego - <https://www.facebook.com/profile.php?id=296111943815080>
- OccupyLisbon "Ocupar Lisboa" - <https://www.facebook.com/profile.php?id=204887906250843>
- Occupy Portugal - <https://www.facebook.com/profile.php?id=242201715831001>
- Os Indignados Portugal - <https://www.facebook.com/profile.php?id=415108015215053>
- Paulo de Moraes - <https://www.facebook.com/profile.php?id=140247486032427>
- Portugal Uncut - <https://www.facebook.com/profile.php?id=185005421543754>
- Precários Inflexíveis - <https://www.facebook.com/profile.php?id=121892374571845>
- Primavera Global - <https://www.facebook.com/profile.php?id=121892374571845>
- Que se Lixe a Troika! Queremos as nossas vidas - <https://www.facebook.com/profile.php?id=177929608998626>

- R.Evolução - <https://www.facebook.com/profile.php?id=437164522985317>
- Revolução Já!!! - <https://www.facebook.com/profile.php?id=483035515295>
- RiseUP - Portugal - <https://www.facebook.com/profile.php?id=435456119811173>
- SideKingdom12 - <https://www.facebook.com/profile.php?id=482793238421116>
- Tugaleaks—página descontinuada pelo Facebook
- Vadiagem Politiqueira - <https://www.facebook.com/profile.php?id=215665185231016>
- WikileaksPortugal - <https://www.facebook.com/profile.php?id=468003803268834>